



Departamento de História

Cabo Verde, Economias Criativas, que Benefícios para o País?

Irlando Jorge Delgado Ferreira

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Gestão e Estudos da Cultura

Orientador:
Doutor José Soares Neves, Professor Auxiliar Convidado,
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2014

Dedicatória

Ao meu filho Adélcio Ferreira

Agradecimentos

Manifesto os meus agradecimentos:

Ao Professor Doutor José Soares Neves pela sua constante paciência e disponibilidade para prestar aconselhamento e assistência ao longo da escrita deste trabalho e, também, pelo rigor e profissionalismo demonstrados. À Professora Doutora Maria João Vaz, Coordenadora do Mestrado em Gestão e Estudos da Cultura e Diretora do Departamento de História no ISCTE-IUL, pelas indicações preciosas que ajudaram e muito no momento da tomada de importantes decisões. A Mestre Caterina Foà responsável executiva do Mestrado em Gestão e Estudos da Cultura do ISCTE-IUL, pelo suporte institucional e profissionalismo.

Aos organizadores do *Atlantic Music Expo* Cabo Verde: Ministério da Cultura de Cabo Verde – Senhor Ministro, Mário Lúcio Sousa, Senhora Coordenadora do AME-CV, Ana Maia; WOMEX – Senhor Presidente, Christoph Borkowsky, Senhora Diretora do Departamento de Consultoria e Projetos Especiais, Christine Semba; Harmonia Lda. – Senhor Presidente, José da Silva; à Consultora e Manager, Senhora Deborah Cohen; ao Jornalista, colaborador da Economist Intelligence Unit independent, Senhor Bram Posthumus e aos artistas / músicos, Batchart, Bau, Dani Santoz, Diva Barros, Djodji, Hernani Almeida, Neusa, Sara Alinho, Uziel Sança – que gentilmente se disponibilizaram para dar o seu depoimento, sem os quais decerto não seria possível materializar este trabalho.

À mentora Conceição Cabrita, pelo incansável e inestimável apoio e amizade.

À família, particularmente, à minha mãe, Francisca Delgado e à minha mulher, Rossana Ramos, aos amigos e aos colegas, pelo incondicional e constante incentivo e apoio ao longo da prossecução do mestrado.

Resumo

No presente estudo procurou-se perceber os benefícios que as economias criativas – consideradas a economia do futuro – podem trazer para Cabo Verde, um país onde os recursos naturais são quase inexistentes. Para verificação da hipótese colocada – ou seja, que tais benefícios existem e podem ser observados – tomou-se como objeto de estudo *Atlantic Music Expo Cabo Verde - Cabo Verde (AME-CV)*, um mercado musical que se realiza anualmente na Cidade da Praia cuja primeira edição teve lugar em 2013 e onde artistas / músicos cabo-verdianos tiveram a oportunidade de apresentar o seu trabalho a uma plateia de profissionais internacionais especializados.

Pretendeu-se analisar os contributos do AME-CV para Cabo Verde, designadamente para a sua indústria musical. Para o efeito procedeu-se ao enquadramento teórico dos diferentes conceitos associados à noção de *economia criativa* e o posicionamento de Cabo Verde nesse campo. No respeitante ao estudo de caso, concretamente, procedeu-se à observação do evento e a realização de entrevistas aos principais atores institucionais, aos artistas / músicos e a outros agentes culturais. As entrevistas foram realizadas presencialmente, no âmbito da segunda edição do AME-CV realizada em 2014.

Após a análise dos dados recolhidos, verifica-se que as economias criativas, designadamente as atividades culturais, contribuem para o desenvolvimento do país. O AME-CV está a contribuir para a indústria musical cabo-verdiana o que certamente ajudará na sua passagem de *embrionária e previamente estabelecida* a *devidamente estabelecida*, três das categorias que a UNCTAD utiliza para medir o estado da indústria, nas vertentes fonográfica e de espetáculo nos países africanos e que foram tomadas como referências na dissertação.

Palavras-chave: Economia Criativa, Indústrias Culturais, Indústrias Criativas, Cultura, Arte, Indústria Musical, Musica cabo-verdiana, *Atlantic Music Expo Cabo Verde*, WOMEX, Harmonia Lda., Cabo Verde.

Abstract

In the present study we have tried to understand the benefits that creative economies - considered the economies of the future - bring to Cape Verde, a country where natural resources are almost non-existent. To verify the hypothesis raised we used the Atlantic Music Expo - Cape Verde (CV-AME) as case study, being a music market that is held in Praia whose first edition took place in 2013 and where artists / Cape Verdean musicians had the opportunity to present their work to an international audience of skilled professionals.

It was our intention to examine the contributions of the AME-CV to Cape Verde, particularly for its music industry. Therefore we proceeded to the theoretical framework of the different concepts associated with the notion of creative economy and the positioning of Cape Verde in the field. With regard to the case study, we carried on the observation of the event and conducted interviews with key institutional actors, artists / musicians and other cultural agents. The interviews were conducted in person, under the second edition of the AME-CV.

After analysing the data collected, it appears that creative economies, namely cultural activities, contribute to the country's development. The AME-CV is contributing to Cape Verdean music industry, *enhancing its passage from embryonic and previously established to properly established*, two categories that the UNCTAD uses to measure the state of the music and entertainment industry in African countries and which were taken as references in the study.

Keywords: Creative Economy, Cultural Industries, Creative Industries, Culture, Art, Music Industry, Cape Verdean Music, *Atlantic Music Expo* Cabo Verde, WOMEX, Harmonia Lda., Cabo Verde.

Índice

Dedicatória	i
Agradecimentos.....	ii
Resumo.....	iii
Abstract.....	iv
Introdução.....	1
CAPÍTULO I - CONCEITOS.....	5
I.1. A economia criativa.....	5
I.2. Indústrias culturais.....	12
I.3. Indústrias criativas.....	14
CAPÍTULO II - MODELO DE ANÁLISE E METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO.....	17
CAPÍTULO III - CABO VERDE.....	20
III.1. Cabo Verde e a Economia Criativa.....	20
III.2. Cabo Verde, um país em vias de desenvolvimento.....	21
III.3. As políticas culturais em Cabo Verde e a economia criativa.....	22
III.4. Possível delimitação do setor cultural cabo-verdiano.....	25
III.5. O lugar de Cabo Verde na indústria da música.....	26
III.6. <i>Atlantic Music Expo</i> Cabo Verde (AME-CV)	33
III.7. Dados comparativos, AME-CV – primeira e segunda, edições.....	34
CAPÍTULO IV – ANÁLISE DE ENTREVISTAS.....	35
IV.1. Dimensão Cultural.....	36
IV.1.1. Resultados da participação no AME-CV (<i>showcases</i>)	39
IV.2. Dimensão Económica.....	40
IV.3. Dimensão Política, pública e privada.....	43
IV.3.1. Políticas culturais: possíveis soluções de financiamento do setor cultural.....	45
IV.3.2. Sociedade de cobrança: direitos autorais e conexos – atual situação.....	46
IV.3.3. Transportes aéreos: políticas de melhoramento.....	47
IV.4. Dimensão Visibilidade do país.....	47
IV.5. Dimensão Profissionalização do meio artístico e projeção de carreira (s) / internacionalização.	49
CAPÍTULO V - CONCLUSÃO.....	57
Fontes.....	60
Bibliografia.....	60
Webgrafia.....	63
ANEXOS.....	64

Lista de entrevistados.....	64
Guiões de entrevista.....	64
Guião A.....	64
Guião B.....	65
Guião C.....	65
Guião D.....	66
Guião E.....	66
Guião F.....	67
Guião G.....	67
Guião H.....	67
Transcrição de entrevistas.....	68
Transcrição A.....	68
Transcrição B.....	72
Transcrição C.....	73
Transcrição D.....	77
Transcrição E.....	79
Transcrição F.....	83
Transcrição G.....	85
Transcrição H.....	88
Curriculum Vitae.....	100

Introdução

O conceito de economia criativa - largamente abordado e discutido em diversos *fora* internacionais e nos países mais desenvolvidos e presente nas suas agendas políticas e estratégicas, como um dos pilares do desenvolvimento cultural, social e económico – é tomado como ponto de partida para refletir como Cabo Verde está a preparar-se para tirar o melhor proveito dos benefícios provenientes da economia baseada na cultura e na criatividade, considerada por vários autores como a economia do futuro:

The most successful economies and societies of the twenty-first century will be creative ones. Creativity will make the difference – to businesses seeking a competitive edge, to societies looking for new ways to tackle issues and improve the quality of life (Smith, 2001, citado por Galloway e Dunlop, 2007).

O conhecimento, a criatividade, a inovação, a tecnologia e o acesso à informação são fatores cada vez mais determinantes para o desenvolvimento, a todos os níveis, das sociedades contemporâneas. Nesse sentido e, de modo a poder acompanhar o ritmo e os desafios impostos pela globalização, os países são levados a procurar soluções que lhes permitam dar respostas às exigências da contemporaneidade. Uma das soluções tem sido justamente a aposta nas economias criativas, como podemos verificar em diferentes relatórios e estudos levados a cabo por governos e organismos internacionais, nomeadamente a United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO), a United Nations Conference on Trade and Development (UNCTAD), Comissão Europeia, Department for Culture, Media & Sport (DCMS), Nacional Endowment for Science, Technology and Arts (NESTA), British Council. Sendo várias as abordagens, consequentemente, diferentes serão os agrupamentos e as tipologias associadas à economia criativa. Por esta razão, ao longo da presente dissertação recorrer-se-á, principalmente, ao relatório da UNCTAD (2010) para fundamentar algumas das noções apresentadas. Uma das principais razões desta opção é que o referido relatório aborda o conceito de economia criativa numa perspetiva global, mas com enfoque em África, e especificamente em Cabo Verde. O tema, economia criativa, abrange diferentes conceitos, nomeadamente, indústrias culturais e indústrias criativas. Todavia, o estudo centrar-se-á particularmente na indústria cultural (indústria musical, mais concretamente), que segundo a UNESCO, se aplica às atividades onde coabitam a criação, a produção e a comercialização de bens de natureza intangível e cultural.

Sendo que o presente estudo se focará particularmente em Cabo Verde, torna-se pertinente colocar as seguintes questões que parecem basilares:

- que políticas estão a ser implementadas e que condições estão a ser criadas, no sentido de impulsionar a criação artística e cultural naquele país?

- o que está a ser feito a nível da formação?

- Cabo Verde dispõe de entidades que regulamentem o meio artístico e cultural e que assegurem, a cobrança e gestão dos direitos de autor?

Ainda que, empiricamente, considerada a vertente artística e cultural com maior expressividade, a UNCTAD nos seus relatórios (2008; 2010) classifica a indústria musical cabo-verdiana de espetáculo como *embrionária* e a fonográfica como *previamente estabelecida*. As referidas classificações têm como base, a visão geral do estado da indústria musical – de espetáculo e fonográfica – na África subsaariana, apresentada no documento, “The (Re)naissance of the Music Industry in Sub-Saharan Africa” (UNESCO, 2004) e depois retomada pela UNCTAD (2008; 2010). Esta indústria encontra-se identificada, pelos referidos organismos, em cinco categorias que pretendem dar conta do estado de desenvolvimento alcançado (*devidamente estabelecida; emergente ou previamente estabelecida; embrionária ou em vias de desenvolvimento; escala artesanal; sem evidência clara de indústria*). A classificação atribuída a indústria musical cabo-verdiana conduz à seguinte questão: em que medida Cabo Verde poderá passar da atual situação (*embrionária* ou *previamente estabelecida*) à *devidamente estabelecida*, e qual o contributo que o *Atlantic Music Expo* Cabo Verde (AME-CV), pode dar para tal?

O AME-CV é um mercado musical, promovido pelo Ministério da Cultura de Cabo Verde, tendo como principais parceiros, o WOMEX – the World Music Expo, considerado o maior mercado de música do mundo, e a Harmonia Lda – produtora musical, com larga experiência, tanto a nível nacional, como internacional, responsável pela gestão da carreira de Cesária Évora, referência maior da música cabo-verdiana. O referido mercado musical, afigurou-se como sendo um objeto de estudo adequado para o trabalho que se pretende levar a cabo.

O AME-CV faz parte de um leque de iniciativas desenvolvidas pelo Ministério da Cultura de Cabo Verde, no sentido de tornar o país uma plataforma mundial de negócios da cultura, começando justamente pela música. Dado que em Cabo Verde, como referido acima, a música é considerada a vertente artística e cultural com maior projeção, tanto a nível nacional como internacional, naturalmente a indústria musical, fonográfica e de espetáculo, ocupará um lugar central no presente estudo. No vasto leque de artistas / músicos cabo-verdianos, alguns deles destacaram-se como embaixadores daquele país. Todavia, foi Cesária Évora, vencedora de

um GRAMMY em 2013, considerada pela UNESCO (2004), como principal artista cabo-verdiana, juntamente com a Mayra Andrade, quem levou Cabo Verde e a sua música mais longe e que mais contribui para despertar a curiosidade do mundo pelo país.

A par do AME-CV e outras iniciativas levados a cabo pelo Ministério da Cultura, o governo cabo-verdiano, na intenção de tirar o maior proveito da sua atividade artística, cultural e criativa, propõe no seu programa da VIII legislatura (2011 – 2016), entre outras ações, definir a cultura num recurso estratégico, através da implementação de uma política cultural virada para o desenvolvimento, dando especial atenção, nomeadamente:

- à revisão do quadro institucional, de forma a permitir uma maior parceria entre o estado, os produtores culturais e o sector privado, defendendo e divulgando os produtos culturais e a propriedade intelectual;

- à aprovação do quadro legal do desenvolvimento cultural, das economias criativas nas áreas que suportam a criação artística;

- à promoção do desenvolvimento de infraestruturas culturais e à empresarialização dos agentes culturais.

Os pontos apresentados no parágrafo acima demonstram interesse e preocupação por parte do estado cabo-verdiano em criar condições que visem a rentabilização da sua atividade artística e cultural. Porém, é importante analisar o que está a ser aplicado na prática, e, qual é o parecer dos agentes, artistas / músicos e das instituições culturais nesta matéria. O presente estudo basear-se-á sobretudo neste ponto e, tem como objetivos:

- propor a reflexão sobre o tema em estudo, debatendo criticamente diferentes teorias que analisem a importância da cultura e da criação artística no desenvolvimento cultural e económico de Cabo Verde;

- recolher e sistematizar informação que permita contribuir para um melhor conhecimento da economia criativa em Cabo Verde;

- contribuir, assim, para o desenvolvimento artístico e cultural cabo-verdiano;

- encontrar mecanismos e contextos que potenciem uma maior relação entre a criação artística e cultural e a sua rentabilização, dentro e fora do país.

Para a realização do presente estudo, optou-se pela utilização da metodologia qualitativa, nomeadamente, à observação participante e a entrevistas a agentes culturais, realizadas no âmbito do *Atlantic Music Expo* Cabo Verde (AME-CV)

Do ponto de vista expositivo a dissertação organiza-se em 4 capítulos. *O Capítulo I* descreve o quadro teórico através da consulta a fontes, nomeadamente, livros, relatórios, artigos publicados na Internet ou em revistas, conferências, entre outros. Nesse capítulo são abordados, o conceito de *economia criativa*, assim como as noções de *indústrias culturais* e de *indústrias criativas* - associadas ao referido conceito.

O Capítulo II descreve o modelo de análise e a fundamentação metodológica da investigação, com a descrição por etapas e em pormenor, das ações e ferramentas utilizadas, para levar a cabo a obtenção de respostas às questões formuladas e o contexto em que foram aplicadas.

O Capítulo III aborda Cabo Verde e o seu posicionamento face à referida economia, as políticas culturais em Cabo Verde e a economia criativa, o lugar do país na indústria da música. Faz ainda, referência a projetos desenvolvidos no âmbito da cultura, nomeadamente o AME-CV. Trata, também, da questão relacionada com os direitos autorais e conexos, e como as entidades estatais e privadas se têm posicionado sobre este assunto. Propõe uma possível delimitação do setor cultural cabo-verdiano. Por último, apresenta os dados comparativos baseados nos relatórios da primeira e da segunda edição do AME-CV, objeto deste estudo.

O Capítulo IV analisa e faz a descrição dos resultados obtidos através das entrevistas realizadas - com base nas seguintes dimensões: Cultural, Económica, Política Pública e Privada, Visibilidade do País e Profissionalização do Meio Artístico e Projeção de Carreira (s) / Internacionalização.

As conclusões compõem a última parte deste trabalho. Será, então, apresentada uma síntese geral dos resultados finais, tendo em conta os objetivos e as questões da investigação, assim como as sugestões que possam ser relevantes para o enriquecimento do meio artístico e cultural cabo-verdiano.

CAPÍTULO I – CONCEITOS

I.1 A economia criativa

The creative economy is a mysterious animal: it's found in many land habitats around the world; it mostly frequents cities, often searching out cultural quarters and clusters; moreover it seems to have many heads and appendages, and depending on where one is located it has many tongues. Policymakers talk it up; academics are inclined to talk it down, while artists and creative practitioners are ambivalent: if it helps their work to get noticed they're happy to 'talk the talk' (United Nations/UNDP/UNESCO, 2013)

O termo “economia criativa” surgiu em 2001. O primeiro autor a utilizá-lo foi o inglês John Howkins, no seu livro sobre a relação entre criatividade e economia (UNCTAD, 2010). Segundo Howkins, assim como o conceito de economia não é novidade, o de criatividade também não o é. O que é novo é a sua natureza e a extensão da relação existente entre eles e a forma como combinam para gerar valores e riqueza (Howkins, 2001). Para o referido autor este é o negócio onde as ideias representam o papel principal, uma vez que as novas ideias e invenções são comercializadas e vendidas. Howkins defende ainda que a economia criativa é o conjunto de atividades nas quais os indivíduos exercitam a sua imaginação e exploram o seu valor económico. Segundo o relatório *Creative Economy Report*, (UNCTAD, 2010), o conceito de “economia criativa” é bastante amplo, abrangendo 15 indústrias criativas, que se estendem desde as artes aos campos mais vastos da ciência e da tecnologia.

As indústrias criativas tiveram um papel importante no aparecimento do conceito de *economia criativa*, que por sua vez está relacionado com o surgimento da noção de *economia do conhecimento* e com a crescente importância da inovação, pesquisa e desenvolvimento, investimento nas TIC's, e na educação e formação. Estas são as principais alavancas do crescimento económico do século XXI (OECD, 2001, Flew, 2005: 345).

Porém, alguns autores defendem que uma melhor compreensão da economia criativa requer acima de tudo uma reflexão, aprofundada, do que se entende por cultura. Tradicionalmente, a noção de cultura tem sido dominada por três dimensões:

- a tradição estética, associada particularmente às artes plásticas;
- a tradição antropológica, e o seu entendimento de cultura como um sistema de captação e de partilha de símbolos, ou de toda uma forma de vida de uma sociedade;
- a tradição industrial ou comercial, que entende como produtos culturais as mercadorias industriais que se destinam ao consumidor.

Segundo o *Creative Economy Report, Special Edition* (United Nations/UNDP/UNESCO, 2013), este conceito é, e continua a ser, bastante amplo, uma vez que abrange não só os bens e serviços culturais, mas também brinquedos, jogos e todo o campo de investigação e desenvolvimento (I&D). Portanto, além de reconhecer as atividades e processos culturais como sendo nucleares nessa nova e poderosa economia, está também preocupado com as manifestações de criatividade em domínios que geralmente não são entendidos como “culturais”.

Todavia, não existe uma única definição de economia criativa. Este é um conceito que tem vindo a ser moldado ao longo de quase uma década e meia. Há, no entanto, uma crescente convergência no núcleo central das indústrias criativas e na sua interação global, tanto a nível de cada país como internacionalmente (UNCTAD, 2010).

A UNCTAD (2010: 10) define a economia criativa como um conceito em evolução, baseado na criatividade como potencial gerador de crescimento económico e desenvolvimento: promovendo a criação de receitas, geração de emprego e ganhos provenientes da exportação, inclusão social, diversidade cultural e desenvolvimento humano; abrangendo aspetos económicos, culturais e sociais que interagem com a tecnologia, propriedade intelectual e objetivos turísticos; representando um conjunto de atividades económicas baseadas no conhecimento, com uma dimensão de desenvolvimento e ligações transversais nos níveis macro e micro da economia global; constituindo uma opção de desenvolvimento viável que apela a respostas políticas inovadoras, multidisciplinares e de ação interministerial.

Em 2002 Richard Florida apresentou o conceito de “classe criativa” - indivíduos que acrescentam valor económico à sua atividade criativa. Segundo Florida a “classe criativa” é constituída por pessoas das áreas da ciência e engenharia, arquitetura e *design*, educação, artes, música e entretenimento, cuja função económica se traduz na criação de novas ideias, nova tecnologia ou novo conteúdo criativo. Na sua perspetiva, esse grupo mais abrangente de profissionais criativos, nos negócios, nas finanças e nos direitos autorais, representa quase um terço da classe trabalhadora dos Estados Unidos (Florida, 2002: 68-69), e, nesta era em que se está a entrar, a criatividade é o principal fator de crescimento da economia (Florida, 2005).

De acordo com as estimativas de Howkins, em 2005, a economia criativa gerou cerca de \$2.7 trilhões, equivalente a 6.1 por cento da economia global (Howkins, 2007: 124), 2010). A tabela 1 ilustra a dimensão da economia criativa no início do séc. XXI

Tabela 1 – Dimensão do Mercado da Economia Criativa em 2005

Sector	Global	US	UK	CHINA
Advertising	55	22	16	1
Architecture	45	25	7	1
Art	11	5	4	...
Crafts	30	3	2	1
Design	140	49	23	4
Fashion	16	5	2	0.4
Film	81	28	8	0.3
Music	80	27	10	0.2
Performing Arts	50	13	3	0.5
Publishing	605	126	44	10
R&D	676	330	42	17
Software	600	410	26	3
Toys and Games	59	22	6	3
TV / Radio	237	85	21	5
Video Games	21	7	4	5
Total	2709	1157	218	51

...under&0.2 billion

Fonte: Howkins, 2007: 123.

Porém, não obstante a sua aparente importância, alguns autores defendem que, em bom rigor, foi só em dezembro de 2002 que a academia se debruçou, pela primeira vez e de forma organizada sobre a temática aqui abordada, num evento realizado em Brisbane, na Austrália, intitulado *New Economy, Creativity and Consumption Symposium*. Este encontro reuniu pesquisadores da *Creative Industries Faculty* da *Queensland University of Technology*, da *London School of Economics*, do *Massachusetts Institute of Technology* e da *New York University*, com o propósito de avançar, conjuntamente, na reflexão sobre o significado e os impactos sociais e culturais da economia criativa e contribuir assim para a construção de uma agenda dedicada a esta temática. Steven Jay Tepper (2002) defendeu aí que os governos deveriam começar a medir a importância da economia criativa como um indicador relevante para a saúde do setor económico pois, segundo ele, existe uma crescente convicção de que as mudanças do sector económico fizeram com que os recursos criativos ocupassem um lugar central no mesmo. É importante notar que países como o Reino Unido e os Estados Unidos têm vindo a desenvolver

as indústrias criativas como um novo ramo da economia, e já dispõem de uma estrutura bem estabelecida que, não mede somente o impacto económico dessas indústrias, mas também cria políticas que possibilitam o desenvolvimento deste setor. De notar que, segundo o *Creative Economy Report* (UNCTAD, 2008; 2010) a maioria dos países desenvolvidos ainda não beneficiam totalmente do enorme potencial da sua economia criativa para alavancar o seu desenvolvimento. O relatório do KEA para a Comissão Europeia de 2006 - o primeiro grande estudo na União Europeia sobre economia criativa – foi realizado, justamente, com o objetivo de ajudar a UE a beneficiar do potencial económico e social do setor cultural e criativo. Ainda a esse respeito, importa referir também, o estudo *O Setor Cultural e Criativo em Portugal* (Mateus, 2010)¹.

África, por exemplo, apresenta uma participação marginal de menos de um por cento de exportações mundiais, no comércio de produtos criativos, o que torna urgente a tomada de ações que visem a mudança do atual paradigma no referido Continente, onde Cabo Verde se insere. Ainda referente ao continente africano, de acordo com o relatório da UNCTAD, de um modo geral, as indústrias criativas – na base da economia criativa – são fragmentadas. Consequentemente, o ciclo de produção, marketing e distribuição não é coerente. Ainda que a África, seja um continente rico em talentos, tradição e património cultural, a comercialização das criações culturais e artistas africanas no mercado local e internacional é limitada.

Não havendo um mercado capaz de sustentar financeiramente a atividade artística, as pessoas talentosas sentem-se pouco atraídas por uma carreira de artista, músico, produtor de filmes ou artesão, por exemplo, o que leva a que os referidos talentos não sejam aproveitados nas economias em desenvolvimento.

Na ausência de aposta no desenvolvimento das indústrias que oferecem suporte à classe criativa, nomeadamente aos artistas, tudo leva a crer que essa tendência vai manter-se.

No caso de Cabo Verde, particularmente, em 2011 foi lançado um plano que visa o desenvolvimento do setor artístico e cultural, justamente porque a economia criativa faz parte da agenda do atual governo do país. Este ponto será oportunamente aprofundado.

O campo da “economia criativa” abrange um vasto leque de conceitos e definições, nomeadamente, indústrias culturais, indústrias criativas e, discussões várias entre os diferentes

¹ O Setor Cultural e Criativo em Portugal – Estudo para o Ministério da Cultura (Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais)

autores. Neste sentido, a referida noção tem sido adotada e ajustada à realidade de cada país / organismo.

Para Susan e Stuard, as noções - *indústrias culturais* e *indústrias criativas* - são muitas vezes empregues como sinónimos e, nesse sentido, existe pouca clareza sobre estas e pouca valorização da explicação oficial da diferença entre as duas. Aos olhos da maioria das pessoas as indústrias culturais e as indústrias criativas são basicamente a mesma coisa (2007: 18). Cunningham apresenta uma explicação a propósito das diferenças entre os dois conceitos. Para o referido autor, enquanto as indústrias culturais, conceito “clássico”, resultam dos avanços tecnológicos ocorridos no início do séc. XX, as indústrias criativas resultam da mudança tecnológica que teve lugar nos finais do séc. XX e início do séc. XXI (2001: 19-32).

Outro aspeto que parece pertinente referir, tem a ver com o reconhecimento das características que distinguem as indústrias culturais da noção mais ampla de indústrias criativas. As atividades culturais, cujo principal fim é comunicar / transmitir ideias e significados simbólicos, desempenham um papel central na capacidade dos indivíduos de comunicarem, logo a liberdade de expressarem a condição humana. Contudo, o mesmo não pode ser dito relativamente às indústrias como o *design*, a moda, cujo objetivo principal é convencer as pessoas a adquirir certos tipos de produtos (roupas, por exemplo), ou de publicidade, cujo objetivo principal é simplesmente persuadir o consumidor a adquirir mais produtos. Os principais resultados da indústria cultural não são encontrados noutras esferas das indústrias criativas, porém essa distinção não é reconhecida, o que resulta na perda da particular contribuição das atividades culturais, sobretudo, com as decisões políticas, que associam / inserem a criação cultural dentro de uma agenda global (Susan e Stuard, 2007: 27).

Alguns autores defendem que, quando utilizada para fins de políticas públicas, qualquer definição deve ser sustentada por uma forte base teórica. Isto é importante, porque tem consequências diretas na forma como essas indústrias são medidas, e o tipo de intervenções que são adotadas (Susan e Stuard, 2007: 17).

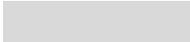
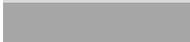
Assim, parece pertinente refletir sobre o tipo de apropriação que Cabo Verde está a fazer do conceito de “economia criativa”. Como refere Pratt (2008: 11), para se operar eficazmente sobre esta temática é necessário, antes de mais, compreender o seu funcionamento, e do que se trata, concretamente. Ainda, nesse sentido, o autor defende a necessidade de políticas que vão além da instrumentalização, pois requer uma abordagem política inteligente e diferenciada, além

de uma equipa de decisores – agentes políticos e culturais - inteligentes, para implementá-la (Pratt, 2008: 11).

Conforme referido anteriormente, o conceito tem sido adotado e ajustado à realidade de cada país / organismo. Nesse sentido, dada a necessidade de se fazer a distinção entre “o sector cultural”, que abarca o campo das artes, ditas tradicionais e as indústrias culturais, que por sua vez derivam exclusivamente da “cultura” e o “sector criativo”, que abarca as demais indústrias e atividades - que se apropriam da cultura como uma mais-valia (com o fim de produzir produtos não culturais), o KEA (2006) no seu relatório para a Comissão Europeia apresenta a proposta de delimitação do sector cultural e criativo - indústrias culturais e indústrias criativas a partir das diferentes opções nacionais (tabela 2). Estes conceitos serão abordados mais pormenorizadamente nos capítulos que se seguem.

Tabela 2- Delimitação do setor cultural e criativo

CIRCLES	SECTORS	SUB- SECTORS	CHARACTERISTICS
CORE ARTS FIELD	Visual arts	Crafts Paintings – Sculpture – Photography	# Non industrial activities. # Output are prototypes and “potentially copyrighted works” (i.e. these works have a high density of creation that would be eligible to copyright but they are however not systematically copyrighted, as it is the case for most craft works, some performing arts productions and visual arts, etc.).
	Performing arts	Theatre - Dance – Circus - Festivals.	
	Heritage	Museums – Libraries - Archaeological sites - Archives.	
CIRCLE 1: CULTURAL INDUSTRIES	Film and Video		# Industrial activities aimed at massive reproduction. # Outputs are based on copyright.
	Television and radio		
	Video games		
	Music	Recorded music market – Live music performances – revenues of collecting societies in the music sector	
	Books and press	Book publishing - Magazine and press publishing	
CIRCLE 2: CREATIVE INDUSTRIES AND ACTIVITIES	Design	Fashion design, graphic design, interior design, product design	# Activities are not necessarily industrial, and may be prototypes. # Although outputs are based on copyright, they may include other intellectual property inputs (trademark for instance). # The use of creativity (creative skills and creative people originating in the arts field and in the field of cultural industries) is essential to the performances of these non cultural sectors.
	Architecture		
	Advertising		
CIRCLE 3: RELATED INDUSTRIES	PC manufacturers, MP3 player manufacturers, mobile industry, etc...		# This category is loose and impossible to circumscribe on the basis of clear criteria. It involves many other economic sectors that are dependent on the previous “circles”, such as the ICT sector.

 : “the cultural sector”
 : “the creative sector”

Fonte (KEA, 2006)

I.2. Indústrias culturais

Segundo o relatório *Creative Economy Report*, (UNCTAD, 2010) o termo *indústria da cultura* surgiu no período do pós-guerra, como uma crítica radical ao entretenimento de massa, levado a cabo por membros da Escola de Frankfurt liderada por Theodor Adorno e Max Horkheimer, seguido posteriormente por autores como Herbert Marcuse ou Hans Magnus Enzensberger. Naquela época o conceito referente a *indústria cultural* punha as indústrias e a cultura em choque. O argumento era de que estas duas noções eram totalmente opostas, e, de que o termo tinha sido usado de forma polémica contra as limitações da vida cultural moderna. Adorno e Horkheimer (1972), utilizaram o termo *indústria cultural* referindo-se a indústria de entretenimento de caráter comercial - radiodifusão, filme, publicação, música gravada – como formas distintas das artes subsidiadas – artes performativas e visuais, museus e galerias.

Porém, outros autores criticam esta perspectiva (Peterson,1997) e procuram analisar as indústrias culturais sob outro ponto de vista buscando sobretudo, explorar a forma como estas indústrias se organizam, através da produção, distribuição e consumo. (Kong e O’connor, 2009: 11)

No início dos anos 60, os investigadores começaram a reconhecer que o processo de mercantilização nem sempre significava a degeneração da expressão cultural. Muito pelo contrário, os bens e serviços industrialmente (ou digitalmente) gerados podem possuir, sem dúvida, várias qualidades positivas. Por volta da década de 80 o termo *indústrias culturais* já se tinha libertado das conotações pejorativas, das quais tinha sido alvo na altura do seu surgimento. O termo em causa começou a ser utilizado no meio académico e político de forma positiva (United Nations/UNDP/UNESCO, 2013).

Todavia, ainda continua a haver diferentes interpretações da cultura como uma indústria. Para alguns, a noção de *indústrias culturais* evoca dicotomias tais como: cultura de elite *versus* cultura de massa, cultura erudita *versus* cultura de massa e belas artes *versus* entretenimento comercial.

Segundo Terry e Cunningham (2010), o conceito de *indústrias culturais* desenvolveu-se globalmente, porém tem vindo a ser entendido e desenvolvido de formas diferentes na Europa, Ásia, Austrália, Nova Zelândia e nos Estados Unidos e também por organismos internacionais como a UNCTAD e a UNESCO.

Um dos aspetos importantes das indústrias culturais, de acordo com a UNESCO, é o facto de ocuparem um lugar central na promoção e na manutenção da diversidade cultural, além de democratizarem o acesso à cultura.

A UNESCO define, de forma resumida, as indústrias culturais como sendo aquelas que combinam criação, produção e comercialização de bens de natureza intangível e cultural, incluindo formas de produção cultural e de consumo que têm no seu núcleo um elemento simbólico ou expressivo (United Nations/UNDP/UNESCO, 2013).

Em 1980 esta definição foi, também, difundida em todo o mundo pela UNESCO. De acordo com o relatório KEA, abarca um vasto leque de áreas, nomeadamente, a música, a arte, a escrita, a moda e o *design*, e as indústrias de média, por exemplo, rádio, publicações, produção televisiva e cinematográfica.

Ainda com base no referido relatório (KEA, 2006: 35), o modelo de remuneração (modelo de receitas) das diferentes atividades culturais ou empresariais varia consideravelmente. No entanto existem semelhanças importantes que são, também, específicas deste setor:

- Os produtos, geralmente, são de curta duração, com taxas de risco elevado e uma probabilidade de falha maior do que de sucesso.

- Os produtos são destinados ao mercado / público local, com diferentes linguagens, porém competem com produtos internacionais com apelo global. Por consequência, a configuração do mercado do setor cultural, particularmente das indústrias culturais é mais complexa.

- O mercado acarreta um alto nível de instabilidade, dependente da moda, tendências e incertezas de consumo. Todavia, alguns setores são grandes “impulsionadores de sucesso” (música e cinema, por exemplo).

- O setor cultural tem um papel social importante, funcionando como uma das ferramentas de comunicação mais atrativas e importantes.

Como se pode verificar na tabela 2 (ver atrás) - “*the cultural sector*” - o setor cultural abrange o campo das artes, ditas tradicionais e as indústrias culturais.

I.3. Indústrias criativas

A utilização do termo *indústrias criativas* difere de país para país (UNCTAD, 2010). A origem do referido termo é relativamente recente. Surgiu na Austrália, em 1994, com o lançamento do relatório “Nação Criativa”. No entanto, ganha maior exposição em 1997, quando os formuladores de políticas do *Department for Culture, Media and Sport* (DCMS), do Reino Unido, criaram um grupo de trabalho dedicado às indústrias criativas.

Com base no DCMS, as indústrias criativas caracterizam-se por se originarem na criatividade, na competência e no talento individuais, e na aptidão para gerarem riqueza e emprego, explorando a propriedade intelectual. O DCMS apresenta treze categorias (elencadas no *Creative Industries 1998 Mapping Document*) com a seguinte exposição: Publicidade; Cinema e Vídeo; Arquitetura; Música; Mercados de arte e de antiguidades; Artes performativas (teatro, ópera, dança, música ao vivo, mímica e circo); Jogos de computador e de vídeo; Publicações; Artesanato; Software; Design; Televisão e Rádio; Design de moda.

Segundo o relatório da UNCTAD (2010) a noção das indústrias criativas tem como princípio a inserção de elementos criativos, abrangendo os sectores culturais e artísticos no processo produtivo, gerando, deste modo, a inovação e a diferenciação dos bens e serviços desenvolvidos, que gozarão de maior valor quanto maior for a sua relação com a cultural local.

Neste relatório a UNCTAD define as indústrias criativas como ciclos de criação, produção e distribuição de bens e serviços que usam a criatividade e o capital intelectual como principais *inputs*; constituem um conjunto de atividades baseadas no conhecimento, focadas mas não limitadas às artes, potenciais geradoras de receitas provenientes do comércio e de direitos da propriedade intelectual; abrangem produtos tangíveis e intangíveis de carácter intelectual ou serviços artísticos baseados na criatividade, com valor comercial e que visam retorno financeiro; situam-se no cruzamento dos artesãos, serviços e o sector industrial e originam uma nova dinâmica no sector do comércio mundial.

Com o surgimento da noção de *indústrias criativas*, marcou-se um ponto de viragem na abordagem do potencial económico das indústrias culturais, sobretudo no que respeita a arte (subsidiada) - até recentemente relacionada puramente ou predominantemente como sendo não económica (UNCTAD, 2010)

Para John Hartley (2005: 5) o conceito de *indústrias criativas* procura descrever a convergência conceptual e prática das artes criativas (talento individual) com as indústrias

culturais (grande escala / massa), no contexto das novas tecnologias de informação e comunicação (TIC's), no seio da economia do conhecimento. Para o referido autor, este conceito surgiu com as recentes mudanças na tecnologia e na economia mundial, ao longo dos anos noventa, particularmente, e com o surgimento e a larga aceitação dos novos meios de comunicação e informação, interativos. Certamente a noção de *indústrias criativas* combina, mas também transforma radicalmente duas noções mais antigas: criação artística (geralmente associadas às artes subsidiadas, patrocinadas) e indústrias culturais. Esta transformação é importante porque coloca as artes (i.e. cultura) em contato direto com indústrias de larga escala, como a indústria do entretenimento (i.e. o mercado). Sugere, ainda, a possibilidade de se ir além de distinções como, elite / massa, arte / entretenimento, subsidiado / comercial, nobre / banal – que têm dificultado o pensamento sobre a criatividade na esfera política e intelectual, especialmente nos países com a tradição Europeia de cultura pública (Hartley, 2005: 6).

A UNCTAD apresenta nos seus relatórios (2008; 2010) os diferentes modelos que têm vindo a ser desenvolvidos nos últimos anos, onde se pode verificar as características estruturais das indústrias criativas e culturais (tabela 3). Os quatro modelos apresentados nos referidos relatórios são os seguintes: *UK DCMS model*, *Symbolic text model*, *Concentric circles model* e o *WIPO copyright model*. Porém o relatório, *Creative Economy Report, Special Edition* (United Nations/UNDP/UNESCO, 2013), apresenta um quadro mais completo que, abarca naturalmente os quatros modelos acima referidos:

Tabela 3 - Sistemas de classificação para as indústrias criativas

1. DCMS Model	2. Symbolic Texts Model	3. Concentric Circles Model	
Advertising	Core cultural industries	Core creative arts	Wider cultural industries
Architecture	Advertising	Literature	Heritage services
Art and antiques market	Film	Music	Publishing
Crafts	Internet	Performing	Sound recording
Design	Music	Arts	Television and radio
Fashion	Publishing	Visual arts	Video and computer games
Film and video	Television and radio		
Music	Video and computer games		
Performing arts			

		Peripheral cultural industries	Other core cultural industries	Related industries
		Creative arts	Film	Advertising
			Museums and	Design
			Libraries	Fashion
		Borderline cultural industries		
		Consumer electronics		
		Fashion		
		Software		
		Sport		
4. WIPO Copyright Model		5. UNESCO Institute for Statistics Model	6. Americans for the Arts Model	
Core copyright industries	Interdependent copyright industries	Industries in core cultural domains	Advertising	
Advertising	Blank recording	Museums, galleries, libraries	Architecture	
Collecting societies	Material	Performing arts	Arts schools and services	
Film and video	Consumer electronics	Festivals	Design	
Music	Musical instruments	Visual arts, crafts	Film	
Performing arts	Paper	Design	Museums, zoos	
Publishing	Photocopiers,	Publishing	Music	
Software	Photographic	Television, radio	Performing arts	
Television and radio	Equipment	Film and video	Publishing	
Visual and graphic art		Photography	Television and radio	
		Interactive media	Visual arts	
Partial copyright Industries		Industries in expanded cultural domains		
Architecture		Musical instruments		
Clothing, footwear		Sound equipment		
Design		Architecture		
Fashion		Advertising		
Household goods		Printing equipment		
Toys		Software		
		Audiovisual hardware		

Fonte: (United Nations/UNDP/UNESCO, 2013)

CAPÍTULO II - MODELO DE ANÁLISE E METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

O presente estudo tem como objeto o *Atlantic Music Expo* Cabo Verde (AME-CV).

Cabo Verde, economias criativas, que benefícios para o país? Em que medida a indústria musical de Cabo Verde poderá passar da atual situação, *embrionária* (espetáculo) ou *previamente estabelecida* (fonográfica) à *devidamente estabelecida*, ou seja, alcançar níveis de desenvolvimentos mais elevados, e qual o contributo que o AME-CV pode dar para tal?

Para responder às questões colocadas concebeu-se uma metodologia de recolha de informação - recorrendo a diferentes técnicas / métodos de investigação, assim como um modelo de análise adequado para o efeito.

A aplicação das diferentes técnicas possibilitaram uma análise mais abrangente e rigorosa do objeto de estudo, fundamentalmente, no que respeita ao impacto que um evento com as características do AME-CV poderá ter sobre Cabo Verde nas dimensões: económica, cultural, políticas públicas e privadas, visibilidade do país e profissionalização do meio artístico e projeção de carreira (s) / internacionalização.

Concretamente, este teve como base o método de pesquisa qualitativo recorrendo a várias vertentes, nomeadamente, à observação participante, à análise documental e à entrevista - com agentes culturais, nacionais e internacionais e com artistas nacionais -. A pesquisa foi dividida em quatro fases, como sugere António Firmino da Costa: (a) planificação da pesquisa (b) recolha de informação (c) registo da informação (d) análise da informação (1986: 143),

A fim de materializar o estudo, baseou-se em - fontes primárias: (i) *entrevista semi-diretiva*, o tipo de entrevista mais utilizada em investigação social. Apesar de haver um guião elaborado pelo investigador, as questões são relativamente abertas / flexíveis, permitindo que o entrevistado tenha uma certa liberdade ao responder - segundo a direção que considere adequada, explorando e aprofundado os aspetos que entende mais relevantes (Quivy e Campenhoudt, 1992: 192; Holloway, 1997: 95). Costa, por exemplo, defende que a entrevista a informantes é a técnica preferencial para recolha de normas e classificações de *status* sociais de conhecimento geral no contexto social em estudo (1986: 140).

As entrevistas foram realizadas com o intuito de se obter depoimentos diferenciados, que possibilitassem a compreensão o mais alargada possível do funcionamento do AME-CV - assim como os objetivos que se pretende alcançar com a sua realização, e os benefícios que poderá

trazer para Cabo Verde em geral, e mais concretamente à sua indústria musical – de espetáculo e fonográfica. Nesse sentido foram solicitados e realizaram-se entrevistas aos principais atores institucionais / promotores (Ministério da Cultura de Cabo Verde, WOMEX – the World Music Expo, Harmonia Lda - produtora musical), aos beneficiários diretos da referida atividade – artistas / músicos que participaram nos *showcases*, que tiveram lugar na primeira edição do AME-CV e a outros especialistas / agentes culturais, que não fazendo parte dos dois primeiros grupos acrescentam, de certo modo, uma perspetiva diferente sobre o assunto aqui abordado (conferir tabela 7 em anexo).

Todas as entrevistas foram realizadas face a face e, na língua em que o entrevistado se expressa mais espontaneamente - inglês, português e crioulo de Cabo Verde, gravadas e posteriormente transcritas;

(ii) *observação participante* – Marshal e Rossman (2011: 140-141) consideram este método de recolha de dados fundamental para todos os estudos qualitativos e, acrescentam que a postura e o posicionamento do investigador, na qualidade de observador participante, também, representam um papel preponderante - além da importância da sua envolvimento no meio que escolheu estudar. Para Costa, o principal instrumento de pesquisa é o próprio investigador – em contato direto, antes de mais, com as pessoas, as situações e os acontecimentos (1986: 132-137). Nesse sentido, o investigador esteve no terreno entre 22 de Março a 14 de Abril de 2014, o que lhe permitiu participar no processo como parte integrante da equipa que produziu a segunda edição do AME-CV. O diário de campo resultante da referida observação foi em grande parte audiovisual (foto e vídeo), anotações do observador, documentos vários.

- fontes secundárias: (i) *oficiais* - dos documentos analisados destacam-se os relatórios, AME-CV 2013; 2014², levados a cabo pelo Ministério da Cultura de Cabo Verde com o objetivo de medir o impacto do referido evento; o Programa do Governo de Cabo Verde - VIII Legislatura 2011 – 2016 - onde se encontram descritas as políticas que o governo de Cabo Verde pretende levar a cabo até 2016 que inclui o intuito de criar condições para o desenvolvimento das economias criativas naquele país, que vê nas referidas economias uma via de desenvolvimento económico e cultural e o Plano Estratégico Intersectorial da Cultura (PLAI-Cultura), da autoria do referido ministério. (ii) *não oficiais* - artigos de jornais e outros.

² Ainda não se encontram no domínio público, mas dado ao carácter do presente estudo, obteve-se a autorização para os consultar / analisar.

A principal tarefa foi, primeiramente, obter e registar o depoimento gravado (em vídeo) de cada um dos entrevistados. Este método de recolha e análise de dados contribuiu consideravelmente para o desenvolvimento do estudo do comportamento / linguagem não-verbal (corporal), e esta é, justamente, a grande vantagem sobre a gravação em áudio (M. Bloor e F. Wood (2006: 180). Além da referida vantagem pode-se visionar o vídeo as vezes que forem necessárias. Importa, porém, referir que não se utilizou o vídeo devido às suas vantagens em relação ao áudio, mas apenas por uma questão prática – equipamento disponível.

Posteriormente fez-se uma análise desse registo, de forma a encontrar, como sugere L. Albarello (1997), as classes relevantes de objetos, de ações, de pessoas ou de acontecimentos. Seguidamente definiu-se as suas características específicas e descobriu-se um sistema ou um conjunto de relações entre essas classes.

Foi feita uma análise da importância que um evento com as características do AME-CV poderá ter para o desenvolvimento de Cabo Verde a vários níveis, particularmente para a indústria musical.

Para a análise, baseou-se na proposta de L. Albarello (1997) que defende um procedimento que consiste em organizar em etapas sucessivas as principais operações intelectuais implicadas numa análise de dados de entrevistas, que o referido autor divide em três etapas: 1) descobrir o material, de forjar ou de testar um fio condutor atribuído à análise (sob forma de grelha de análise); 2) proceder uma comparação sistemática do material; 3) validar diversas hipóteses de interpretação forjadas no decurso da análise.

Tratando-se de um estudo qualitativo, interrogou-se um número limitado de pessoas. Nesse sentido o critério que determinou a sua seleção teve que ver com a sua adequação aos objetivos da investigação, tendo como princípio a diversificação dos indivíduos / grupos, garantindo assim que nenhum aspeto relevante fosse esquecido.

CAPÍTULO III - CABO VERDE

III.1. Cabo Verde e a Economia Criativa

Richard Florida (2004), defende que, atualmente, a competência competitiva e de prosperidade económica no panorama global não se limita à troca de bens e serviços ou ao fluxo de capital e investimento. Segundo o autor esta competência baseia-se cada vez mais na “habilidade das nações em atrair, reter e desenvolver pessoas criativas”. Defende, ainda, que a competitividade futura dependerá dos 3 T’s referentes ao crescimento económico: Tecnologia, Talento e Tolerância, em detrimento dos modelos tradicionais que sustentam que a competitividade se faz com base nas empresas, trabalho e tecnologia. Florida defende ainda que, esta é a era em que o conhecimento é o principal recurso para o desenvolvimento, social, cultural e económico.

Além das razões apontadas por Richard Florida, importa referir que segundo o *WIPO Magazine - Catalyzing Creativity in Cape Verde* (2013), Cabo Verde sendo um pequeno país insular com escassos recursos naturais para o sustentar, sempre esteve fortemente comprometido com a criação de uma sociedade baseada no conhecimento.

Em Novembro de 2013, sob a organização da UNESCO e do Ministério da Cultura de Cabo Verde, reuniu-se na Cidade da Praia vários ministros de Cultura, nomeadamente de Angola, Burkina Faso, Cabo Verde, Cote D’Ivoire, Gana, Nigéria, Senegal, São Tomé e Príncipe, com o objetivo de determinar as linhas orientadoras para uma visão integrada para o desenvolvimento das indústrias criativas e o seu papel na criação de emprego jovem (PANA, 2013). Para Cabo Verde, particularmente, talvez esta iniciativa tenha que ver com a sua preocupação relativamente à elevada taxa de desemprego entre os jovens, que representa 50% da população em idade laboral. Estima-se que 32.1% dos jovens dos 15 aos 24 anos estavam desempregados em 2012 (OECD, AfDB, UNDP, 2014).

De acordo com o documento “Cabo Verde 2030” (2014) o país reúne todas as condições para poder apostar ativamente nas economias criativas, aproveitando o seu património cultural e natural e a capacidade criativa do seu povo. Acrescenta ainda que, a nação cabo-verdiana é claramente vocacionada para a economia criativa, pois reúne condições para que essa se possa tornar num pilar para o seu desenvolvimento.

Porém, como refere Pratt, A. (2009) somente a capacidade criativa / artística não é suficiente. A atual situação é diferente do modelo clássico - meados do século passado - baseado

na genialidade individual de um artista, que se isolava da sociedade para poder criar. Ainda que haja um talento natural, este precisa ser aperfeiçoado, através de formação, seguida de assimilação e demonstração por via de uma técnica e de uma prática assíduas. O artista possui a sensibilidade que é treinada / desenvolvida através do conhecimento e familiaridade com o cânone artístico. Este último ponto remete para aquilo que parece prioritário em todo o processo, a formação. Convém ainda realçar que a referência à formação, não se limita aos artistas, é transversal a todos os domínios do setor cultural / criativo, dos artistas aos gestores culturais, produtores, técnicos, imprensa especializada, entre outros.

Quanto à formação, além do ministério da cultura a classificar como sendo uma das prioridades propõe também, instituir alguns modelos de subvenção, nomeadamente, bolsas de criação, de investigação e de formação (PLAI Cultura, 2012). Esta iniciativa mostra uma certa preocupação do referido ministério em tomar ações concretas, porém vale a pena questionar se na prática essas iniciativas têm sido levadas avante.

III.2. Cabo Verde, um país em vias de desenvolvimento.

Cabo Verde é um arquipélago de 10 ilhas situado no meio do Oceano Atlântico, a cerca de 570 quilómetros da costa oeste-africana. Desde a sua independência em 1975, mas sobretudo a partir de 2001, o país vem passando por um processo notável de transformação social e económica. Esta transformação permitiu que em 2007 se tornasse no segundo país, a seguir a Botswana, a conquistar o estatuto de país em vias de desenvolvimento, abandonando deste modo a antiga classificação de país subdesenvolvido. É também um dos raros países africanos a atingir todos os objetivos de desenvolvimento do milénio fixados pelas Nações Unidas, e amplamente reconhecido em África pela sua boa governação, tendo alcançado uma pontuação de 76.7 em 100 no Índice Ibrahim de Governação em África (IIGA), ficando em terceiro lugar entre 52 países. Importa referir que a pontuação de Cabo Verde é superior à média do continente Africano (51.6) e da África Ocidental. É ainda o segundo país africano menos corrupto (Nshimyumuremyi e Marone, AfDB, OECD, UNDP, 2014: 9).

No que toca ao Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), o de Cabo Verde é 0.586 e é inferior à média de 0.640 para os países do grupo de desenvolvimento humano médio, porém acima da média de 0.475 para os países da África Subsaariana (AfDB, OECD, UNDP 2014: 11).

A taxa de alfabetização entre os jovens dos 15 aos 24 anos é consideravelmente alta, perto de 98.1%. Com base no documento, *Perspetivas Económicas em África* (2014: 14) esta elevada taxa reflete o sistema de educação primária universal, obrigatório e gratuito em vigor.

Ainda com base no documento, *Perspetivas Económicas em África*, as estratégias que se está a estudar para o futuro posicionamento de Cabo Verde, incluem o desenvolvimento de uma economia criativa, centrada em três pilares principais:

- criar as condições necessárias para produzir e vender produtos e serviços nos mercados nacionais e globais que apresentem um padrão de qualidade adequados às estruturas de custos dos produtores nacionais e que, ao mesmo tempo, possam melhorar a capacidade do país de acordo com os padrões internacionais;
- promover a capacidade criativa para desenvolver novos projetos de alto valor acrescentado e nichos de produtos e serviços com base no conhecimento e na criatividade de modo a posicionar Cabo Verde no competitivo mercado global;
- melhorar a integração do mercado nacional através do reforço da sua capacidade interna de produzir, armazenar, distribuir e transportar bens e serviços entre as ilhas e o exterior” (AfDB, OECD, UNDP (2014): 14)

Conclui-se que as referidas estratégias estão diretamente relacionadas com as políticas culturais do país, como se pode constatar no capítulo – “As políticas culturais em Cabo Verde e a economia criativa”, abaixo.

III.3. As políticas culturais em Cabo Verde e a economia criativa

Em 2011, o termo “economias criativas” surge no Programa do Governo de Cabo Verde - VIII Legislatura 2011 – 2016. Com a intenção do governo em transformar Cabo Verde num *hub* internacional de serviços, as economias criativas afiguram-se como uma das áreas de foco, assim como as tecnologias de informação, o *transshipment* (passageiros e cargas), finanças e o turismo de elevado valor acrescentado.

Segundo o Primeiro-ministro de Cabo Verde, José Maria Neves (2013), o futuro do país está na sua capacidade de criar e inovar, e esta é a razão de se estar a fazer todos os possíveis para garantir que isso aconteça. Acrescenta ainda, que a criatividade deve constituir-se numa ferramenta para a inclusão social e para a integração global (WIPO MAGAZINE, 2013).

Com o intuito de transformar a Cultura e, conseqüentemente, a economia criativa num recurso estratégico, em 2011 Cabo Verde lançou um plano de ação que tinha por objetivo, formular e implementar uma política cultural virada para o desenvolvimento, dando especial atenção:

- À revisão do quadro institucional, de maneira a permitir uma maior parceria entre o Estado, os produtores de Cultura e o sector privado, bem como a gestão partilhada do sector da Cultura e a capacitação institucional para promover, defender e divulgar os produtos culturais e a propriedade intelectual. Neste particular, o Governo irá dinamizar a criação de um mecanismo institucional que permita, no quadro de uma Parceria Público-Privada, fazer a promoção da Cultura;
- À valorização do património cultural e criação de uma rede de “lugares de memória”, tendo como centro a Cidade Velha;
- À aprovação do quadro legal do desenvolvimento cultural, das economias criativas nas áreas que suportam a criação artística, artesanal e a recreação histórica, como: música, audiovisual, organização de espetáculos/festas pagãs e religiosas, arte, teatro, gastronomia, moda, literatura, cinema;
- Ao reforço da segurança jurídica dos criadores e produtores de Cultura, nomeadamente na luta contra a pirataria cultural e a cobrança dos Direitos de Autor;
- À empresarialização dos agentes culturais e dos organizadores de espetáculos, bem como à formulação de um quadro legal que permita a proteção dos direitos dos criadores e uma melhor articulação entre os produtores de Cultura e o público;
- À adoção de incentivos aos criadores e aos difusores de Cultura, através da implementação do Fundo Autónomo de Apoio à Cultura, de medidas de incentivos fiscais, de apoio através da ADEI ao empreendedorismo cultural, da concessão de subvenções aos gestores das pequenas salas de animação cultural e de um sistema de incentivos para exportação de produtos culturais;
- À promoção do desenvolvimento de infraestruturas culturais: centros de conferências e eventos culturais multiusos e com implantação também em regiões carentes, destinados prioritariamente à promoção e formação cultural de jovens;
- À continuação da afirmação da língua cabo-verdiana, com recurso cada vez maior aos conhecimentos técnicos, ao aprofundamento e socialização aberta e generalizada desses conhecimentos, utilizando todos os meios técnicos e tecnológicos disponíveis interna e internacionalmente.
- À promoção do desenvolvimento do sector artesanal ligado ao turismo.

(Programa do Governo de Cabo Verde, 2011)

Com vista a contribuir para a materialização do plano do governo, em 2012, o Ministério da Cultura chefiado por Mário Lúcio cria o Plano Estratégico Intersectorial da Cultura de Cabo Verde (PLEI- CV).

De acordo com o levantamento do referido ministério, dos problemas e desafios que a cultura cabo-verdiana enfrenta, destacam-se a inexistência de uma economia criativa organizada. Segundo ele: falta associações de profissionais a nível nacional, nas áreas da música, artesanato, entre outras, bem como linhas de financiamento e de uma política de incentivos, de bolsas de

criação, de subsídios e/ou de apoios; a classe empresarial é débil na área de intermediários como, *managers*, produtores, técnicos agentes e gestores; o artesanato é sazonal e não acompanha o turismo; faltam instituições de promoção, de exportação e de distribuição; há carência de intersetorialidade da Cultura com as demais áreas de desenvolvimento.

Nesse sentido, a implementação do PLEI-Cultura tem por objetivo desenvolver soluções em vários sectores da vida do país.

No sector da economia criativa pretende-se:

Regulamentar a atuação da Administração Pública na promoção da cultura, através da proibição de realização autónoma de atividades, da obrigação de contratação de terceiros certificados e do financiamento do público, que consiste em apoiar o artista e o evento através de compra de ingressos e sua distribuição gratuita às escolas, associações e às camadas sociais mais carenciadas, e na aquisição de bens culturais; Oficializar a introdução de eventos culturais em cerimónias públicas, sempre mediante a contratação de terceiros; Regulamentar o exercício da atividade económica dos agentes culturais; Capacitar os agentes culturais em diversas áreas para constituírem sociedades comerciais, empresas na área da cultura; Aprovar o pacote de Leis sobre a Economia da Cultura, nos quais os incentivos fiscais e parcerias público-privadas estarão estabelecidos; Certificar as empresas e os empresários; Criar programas de incentivos à empresarialização cultural e gestão de contrapartidas; Promover rodadas nacionais e internacionais de negócio. (PLEI-Cultura , 2012)

No que toca à apropriação do conceito, “economia criativa” como um dos motores essenciais do desenvolvimento, Cabo Verde parece estar alinhado com aquilo que é a tendência generalizada do presente século. Com base no relatório da UNCTAD (2010) a economia criativa, ao longo desta década, tornou-se num tema da atualidade - da agenda económica e de desenvolvimento internacional. Requerendo, porém, respostas políticas fundamentadas em países desenvolvidos e em vias de desenvolvimento, como é o caso de Cabo Verde. Ainda com base no referido relatório, a cultura e a criatividade, quando devidamente sustentadas / desenvolvidas e centradas no ser humano, podem se tornar na principal ferramenta para criar emprego, promover a inovação e a economia baseada no conhecimento. Além de contribuir para a inclusão social, diversidade cultural e sustentabilidade ambiental. Neste sentido, um crescente número de governos, tanto nos países desenvolvidos como nos em vias de desenvolvimento, estão a apontar nas indústrias criativas como um setor prioritário nas suas estratégias nacionais de desenvolvimento.

Não obstante a aparente importância deste setor, nas estratégias de desenvolvimento dos governos - o de Cabo Verde inclusive - outro aspeto que vale a pena acrescentar tem que ver com o facto de alguns autores admitirem que talvez não seja possível medir o impacto económico da cultura. Segundo Pratt, coisas como despesas com hotéis e restaurantes têm sido utilizadas para

mensurar o impacto da cultura, enquanto a produção cultural, o foco principal, não está a ser analisado. O que está, portanto, a ser estimado é o consumo relacionado com a cultura - ainda assim desconetado da produção cultural, que se tornou invisível (Pratt. 2009: 9).

Este último ponto pode ser interpretado como um alerta para os governos que tendem a procurar utilizar produção cultural para impulsionar o desenvolvimento dos respetivos países.

No que toca às medidas propostas pelo governo de Cabo Verde, após a sua apropriação do conceito de “economia criativa” - como motor de desenvolvimento - o ministro da cultura já inaugurou o balcão do Banco da Cultura, Fundo Autónomo de Apoio à Cultura, está a trabalhar com formadores na área da música, teatro e dança e ainda com empreendedores, a estabelecer uma rede de museus, eventos e festivais com o objetivo de criar um programa cultural com o objetivo de garantir que todas as vertentes da cultura contribuirão para estimular a economia, criou a Orquestra Nacional de Cabo Verde e a Cabo Verde Ballet e realizou a primeira e a segunda, edições do *Atlantic Music Expo* Cabo Verde (AME-CV).

III.4. Possível delimitação do setor cultural cabo-verdiano

Tendo em conta a aposta do governo de Cabo Verde na economia criativa, como um dos pilares fundamentais para o seu desenvolvimento, importa analisar / questionar se algum dos diferentes modelos apresentados na tabela 3 se encontra na base da delimitação do setor cultural e criativo cabo-verdiano. Nesse sentido recorreu-se ao documento apresentado pelo Ministério da Cultura de Cabo Verde – PLEI-Cultura (Plano Estratégico Intersectorial da Cultura) - na intenção de se chegar a uma possível caracterização do setor cultural cabo-verdiano. Entre as inúmeras propostas contidas no PLEI-Cultura, o Ministério da Cultura, propõe também, investir em quadros com formação específica para dirigir o setor cultural. A tabela 4 baseia-se na referida proposta:

Tabela 4 – Setores da cultura – Cabo Verde

SETORES DA CULTURA - CABO VERDE
Música
Teatro
Artes Performativas (Dança, Circo, Espetáculos)
Artes Visuais
Novas Mídias (Cinema, Publicações, Vídeo)
Literatura
Tradições orais e Artes Populares
Artes Funcionais (Design, Gráfica, Moda, Joalheria, Brinquedos, Arquitetura, Publicidade, Recreação, Inovação; Digital)

Fonte: própria a partir do PLEI-Cultura (Plano Estratégico Intersectorial da Cultura)

Ainda que o setor da cultura – Cabo Verde – apresente diferenças consideráveis quando comparado com os diferentes modelos apresentados na tabela 3 (UNCTAD), importa observar que no que toca, sobretudo, ao campo das artes tidas como nucleares - artes performativas, artes visuais, música - nota-se uma certa similaridade. Todavia, convém referir que a música – gravada / espetáculos é a vertente artística / cultural que se afigura em quase todos, se não todos os modelos / classificações das indústrias culturais e criativas.

Este fato leva a crer que a música poderá ser um bom ponto de partida para alavancar o desenvolvimento das economias criativas, sobretudo num país com as características de Cabo Verde onde, empiricamente falando, a música é a atividade artística e cultural com maior expressividade. Talvez, o facto de a música se encontrar no topo da tabela acima – Setores da Cultura de Cabo Verde – não seja fruto de um mero acaso, pois esta atividade artística ocupa um lugar central nas atividades artísticas e culturais do país.

III.5. O lugar de Cabo Verde na indústria da música

Como refere César A. Monteiro (2011: 70), a música de Cabo Verde, ocupa um lugar privilegiado na expressão da identidade cabo-verdiana, ou da *caboverdianidade*. Acrescenta ainda que esta resulta da convergência e sobreposição de elementos musicais europeus, de origem portuguesa, sobretudo, com elementos musicais africanos. Sabe-se que o processo de miscigenação musical está diretamente relacionado com o povoamento das ilhas, porém, não se

sabe o momento em que se verificou, pois não existem estudos científicos que o comprovem (Monteiro, 2011).

O referido autor acrescenta que, a música de Cabo Verde é diversificada e eclética, devido à natureza aberta, dinâmica e sincrética da própria sociedade cabo-verdiana, que naturalmente se refletiu no seu tecido musical. Este facto resulta na difícil delimitação, em termos conceptuais, do setor musical do referido país, que aparece compartimentado e classificado em géneros musicais.

De entre tais géneros performativos, pertencem ao universo musical cabo-verdiano e são considerados “géneros genuinamente cabo-verdianos” (Wikipedia, 2008) a coladeira (Sorgial, 1995: 47; Monteiro, 1998; Lima, 2002), a morna (Monteiro, 1987; Martins, 1989; Rodrigues e Lobo, 1992; Monteiro, 1998; Loude, 1999; Lima, 2002), o batuque (Gonçalves, 2006; Tavares, 2006) o funaná, (Gonçalves, 2006), a tabanka, (Loude, 1999; Gonçalves, 2006; Tavares, 2006), o kolá (Gonçalves, 2006), o talaia-baxu (Tavares, 2006), e cantigas relacionadas com as mais diversas atividades, designadamente, as cantigas de trabalho (Osório, 1989; Lims, 1998) as rezas e os choros. Igualmente, fazem parte do património musical cabo-verdiano, já com características próprias, outros géneros musicais: mazurkas (Tavares, 2006), landús ou lundus (Lima, 2006, 263 – 289; Tavares, 2006) valsas, marchas, polcas, valsas, sambas, melopeias, cantigas de roda, se bem que originários da Europa ou da América. (César A. Monteiro, 2011: 71)

Tendo em conta que o foco aqui é a indústria musical, importa acrescentar que géneros como o *zouk* e o *hip hop*, por exemplo, ainda que não estejam elencados na lista dos considerados cabo-verdianos, contribuem também, para a referida indústria.

Tavares (2005: 15-17) por sua vez, listou os diferentes elementos, que marcaram a evolução da música cabo-verdiana da seguinte forma: o período eugeniano (referente a Eugénio Tavares, poeta e compositor de mornas) o período beleziano (referente a B. Léza, também, compositor de mornas), o período da mundialização da música de Cabo Verde (Cap Verdean Ultramarine Band Club – A primeira banda cabo-verdiana, 1917, Fernando Queijas – levou a música de Cabo Verde a outros meios sociais); os instrumentos elétricos na música cabo-verdiana (Voz de Cabo Verde – difundiu a música cabo-verdiana além fronteira, Pop Académico – Grupo nascido em 1969 da influência de instrumentos elétricos); o período pré-independência de Cabo Verde (Abílio Duarte, Manuel Faustino e Renato Cardoso – Uma música interventiva de cariz poética); a nova geração e o regresso às origens (Paulino Vieira – A geração da nova escola pós B. Léza, Frank Mimita – o precursor no regresso às origens, Catchás – o rei do funaná, Kolá II – um dos pioneiros da música cabo-verdiana, Norberto Tavares – o regresso à fonte e o rosto da música santiaguense); a moderna música cabo-verdiana (Manú Lima – A diáspora na modernização e evolução da musica de Cabo Verde, Zéze di Nha Reinalda – crítica à injustiça social, Orlando Pantera – a geração da moderna música cabo-verdiana).

Importa ainda referir que a UNESCO (2004) considerou a Mayra Andrade e a Cesária Évora - vencedora de um GRAMMY em 2013 - como as principais artistas cabo-verdianas. Todavia, no que respeita à música / indústria musical cabo-verdiana é importante mencionar outros nomes, também relevantes, nomeadamente o Paulino Vieira, o Bana, o Ildo Lobo, o Tito Paris, o Tcheca, a Nancy Vieira, a Lura, os Ferro Gaita, Jorge Humberto, entre vários outros.

No que respeita à indústria musical, concretamente, além dos progressos levados a cabo até ao presente, interessa particularmente referir que segundo a (UNESCO, 2004) e a UNCTAD (2008; 2010), para se considerar a indústria musical – de espetáculo e fonográfica – de um país como *devidamente estabelecida* (conferir tabela 5), a indústria fonográfica deve ser composta por uma ampla classe, com experiência confirmada, de compositores, artistas, *managers*, produtores, *publishers*, editores, engenheiros de som, fabricantes e instalações, distribuidores e retalhistas. Quanto à indústria de espetáculo ao vivo é necessário que haja uma cultura de música ao vivo, músicos, intérpretes, *managers* e agentes, promotores, roadies, engenheiros de som e luz, aluguer e gestão de equipamento assim como recintos adequados. Essas duas partes da indústria devem ter lugar num ambiente que esteja regulamentado, eficaz e que a apoie.

Na tabela 5 verifica-se que Cabo Verde encontra-se classificado como país com uma indústria musical *embrionária*, no que toca à indústria de espetáculos ao vivo, enquanto na indústria fonográfica afigura-se como tendo uma *indústria emergente, pré-estabelecida*. Importante notar, que dos países africanos somente, a África do Sul e Zimbabwe têm uma indústria fonográfica *estabelecida* e, no respeitante aos países lusófonos, nenhum deles apresenta uma indústria de espetáculo e fonográfica, *estabelecida*.

Outro aspeto que parece pertinente referir é que a mesma tabela foi apresentada pela UNESCO (2004) e retomada depois pela UNCTAD (2008; 2010), sem sofrer qualquer alteração. Este facto leva a crer que em seis anos não se verificou qualquer alteração no panorama da indústria musical africana. Talvez seja relevante questionar a razão dos dados se manterem inalterados durante esse período de tempo: será por falta de estudos atuais ou será que não se verificou de facto qualquer alteração na indústria musical do continente africano?

Tabela 5 – Recursos da indústria musical africana

Recursos da indústria musical africana					
	Established industry	Emerging/ previously established industry	Embryonic industry	Craft-like scale	Unclear evidence of industry
Performance industry	Congo	Botswana	Benin	Angola	Burundi
	Congo (Democratic Republic)	Burkina Faso	Cape Verde	Gabon	Chad
	Kenya	Cameroon	Central African Republic	Malawi	Djibouti
	Mali	Equatorial Guinea	Ghana	Niger	Eritrea
	Senegal	Gambia	Mauritius	Seychelles	Ethiopia
	South Africa	Guinea Bissau	Mozambique	Swaziland	Lesotho
	United Republic of Tanzania	Ivory Coast	Namibia	Togo	Liberia
		Madagascar	Uganda		Mauritania
		Zambia			Rwanda
		Zimbabwe			Sierra Leone
				Somalia	
				Sudan	
Total	16%	24%	17%	16%	27%
Recording industry	South Africa	Cameroon	Benin	Gabon	Angola
	Zimbabwe	Cape Verde	Botswana	Gambia	Burundi
		Ivory Coast	Burkina Faso	Niger	Chad
		Kenya	Central African Republic	Seychelles	Djibouti
		Madagascar	Congo	Togo	Eritrea
		Mali	Democratic Republic of the Congo		Ethiopia
		Mauritius	Equatorial Guinea		Lesotho
		Senegal	Ghana		Liberia
		United Republic of Tanzania	Guinea Bissau		Mauritania
		Zambia	Malawi		Rwanda
			Mozambique		Sierra Leone
			Namibia		Somalia
			Uganda		Sudan
				Swaziland	
Total	3%	26%	27%	11%	32%
Average	9%	26%	22%	14%	30%

Fonte: UNESCO (2004) / UNCTAD (2008; 2010)

Quanto a ações concretas com vista ao desenvolvimento da indústria musical cabo-verdiana, o Ministério da Cultura, em parceria com o WOMEX e a Harmonia, iniciaram em 2013, o *Atlantic Music Expo* Cabo Verde (AME-CV), mercado musical, que segundo o Ministro da Cultura numa entrevista ao Panapress³, trará uma "revolução à indústria musical cabo-verdiana". No entanto, importa referir que além deste evento, acontecem outros que decerto contribuem para o referido desenvolvimento, nomeadamente os festivais musicais promovidos pelas Câmaras Municipais das diferentes ilhas, particularmente Baía das Gatas (São Vicente), Gamboa (Praia), Santa Maria (Sal); o KRIOL JAZZ Festival - realizado anualmente na Cidade da Praia / Santiago, desde 2009; o Kriol Summer Jazz - realizado anualmente na Cidade do Mindelo/ São Vicente, desde 2012.

Ainda no setor da música, de acordo com o documento, “Cultura e Economias Criativas: Pilares da Transformação de Cabo Verde” (2014), pretende-se a criação de um Centro Técnico Audiovisual com estúdios de gravação, mixagem, edição e pós produção de áudio e vídeo, com padrão de excelência internacional e capacidade de formação e capacitação de novos técnicos para a indústria audiovisual cabo-verdiana, assim como para atender à crescente procura do mercado local para a expansão da sua capacidade de produção; criação de uma Plataforma de Agregação e Distribuição Digital, dedicada à música de Cabo Verde, agregando e integrando conteúdos audiovisuais produzidos pelas empresas produtoras fonográficas e, principalmente, por mais artistas independentes; criação de um Programa de Inclusão Digital.

Outro ponto importante, previsto no documento referido acima e, que requer ser analisado com atenção:

- Autorização pelo Estado para criação de uma Sociedade de Autores com representatividade nacional junto à classe, para administrar o Sistema de Coleta e Remuneração dos Direitos do Autor e Conexos.

A esse respeito, vale a pena referir que de acordo com a UNESCO (2004) e a UNCTAD (2008; 2010) a indústria musical - de espetáculo e fonográfica - deve estar eficazmente regulamentada e com a garantia de fiscalização e aplicação dos direitos dos seus criativos e intérpretes. De modo a que se tenha uma perspetiva do setor musical cabo-verdiano (direitos de autor e conexos), tomar-se-á como base a conferência realizada no âmbito do AME-CV 2014 –

³ <http://www.panapress.com>

“Direito de Autores: O Papel e a Importância das Sociedades de Gestão Coletiva” – onde as editoras, gravadoras e sociedades de gestão coletiva forneceram as suas perspetivas sobre este tema muitas vezes complexo, na expectativa de esclarecer o seu funcionamento no geral.

Fizeram parte do painel, o moderador Siphon Sithole – Native Rhythms⁴ (South Africa), Erica Smith – COSCAP⁵ (Barbados) Gérard Davoust – SACEM⁶ (France) David Alexander – Sheer Publishing⁷ (South Africa) Daniel Spencer – Compositor e ex-Vice-Presidente da SOCA⁸ (Cabo Verde) Phil Stanton – World Network / River-boat⁹ (UK).

Quando questionado sobre a atual situação de Cabo Verde referente aos direitos autorais, Daniel Spencer responde, dizendo que é necessário assentar uma estrutura de base com vista à coleta e à gestão dos direitos de autor e conexos, pois tal estrutura ainda não funciona efetivamente. Acrescenta, porém, que a Sociedade Cabo-verdiana de Autores (SOCA) dispõe de legislação e estatutos que possibilitam o desempenho da referida atividade, de forma efetiva. Porém, ainda que essa estrutura exista, segundo Spencer, a verdade é que até então não se conseguiu por em prática a legislação existente, que obriga justamente a coletar e distribuir os direitos. Dado ao insucesso verificado até então, o objetivo atualmente é criar uma sociedade que vise exclusivamente a cobrança dos direitos referentes à música.

Na sua intervenção, o ministro da Cultura Mário Lúcio, refere-se ao caso de Cabo Verde como sendo paradoxal, justamente porque a lei referente aos direitos autorais já existe há muitos anos e, que é considerada um exemplo no mundo, pois, num país com trinta e nove anos de independência, a lei de direito de autor já existe há mais de vinte anos. Acrescenta ainda que, em

⁴ Native Rhythms Productions is a Black-owned company formed in 1998 to offer value oriented services across the entire entertainment industry’s value chain. The company’s strategic thrust is music publishing, music production, music marketing and promotion, licensing and distribution. (<http://nativerhythms.co.za/website/company>).

⁵ COSCAP is the acronym for the Copyright Society of Composers, Authors and Publishers Incorporated. COSCAP is a non-profit entity incorporated under the Companies Act of Barbados (<http://coscap.org/>).

⁶ La Sacem (Société des Auteurs, Compositeurs et Editeurs de musique) est une société de services, société civile à but non lucratif, gérée par les créateurs et éditeurs de musique. (http://www.sacem.fr/cms/home/lasacem/presentation_introduction)

⁷ Sheer Publishing is one of Africa’s largest independent Publishing houses and is currently looking to expand its client base within the African diaspora. Sheer Publishing’s mission is to provide a comprehensive range of copyright services to our clients, both domestic, Continental and international (<http://www.sheerpublishing.co.za/about/>).

⁸ A SOCA, Sociedade cabo-verdiana de Autores, é uma pessoa coletiva de direito privado, sem fins lucrativos, de natureza associativa e de adesão voluntária. É uma organização para a defesa e proteção dos direitos autorais (http://soca.cv/index.php?option=com_content&view=article&id=43&Itemid=53).

⁹ Established in 2004, Introducing is World Music Network’s developing artist label dedicated to giving groundbreaking artists their debut international release (<http://www.worldmusic.net/store/browse/label/introducing/>).

Cabo Verde existe uma visão e uma vontade política de resolver esta questão, o que não acontece, por exemplo, em vários países. Para o referido Ministro as duas questões que se colocam são: “o que está a acontecer e quais são as soluções?” Defende ainda que do lado do estado, está tudo pronto para que os direitos possam ser cobrados, faltando somente a criação de uma taxa obrigatória para todos os consumidores, nomeadamente televisões, rádios, hotéis, restaurantes, bares, aeroportos. Conclui, acrescentando que existe até a possibilidade – e o governo já aprovou - de cobrar uma taxa referente aos direitos autorais nas alfândegas, em todos os suportes que têm memória e que podem copiar, como computadores, telemóveis, iPod’s, iPad’s, entre outros.

Tudo isto leva a crer que os autores / compositores cabo-verdianos encontram-se inscritos em Sociedades de Autores estrangeiras e que, conseqüentemente o Estado de Cabo Verde não está a beneficiar completamente dos direitos de autor e conexos, gerados pelos seus artistas. Ainda que houvesse um acordo entre uma sociedade de autores cabo-verdiana e as suas congéneres internacionais, este só seria válido se a de Cabo Verde funcionasse em pleno e, ao que parece até então isto não se verifica.

Para fundamentar o ponto acima, exemplificar-se-á com base na intervenção de David Alexander - Sheer Publishing. Segundo ele, o acordo entre as Sociedades de Autor é importante para os artistas que desejam que o dinheiro coletado beneficie o país de origem, pois se o artista estiver inscrito numa Sociedade de Autores estrangeira isto já não acontece. A vantagem da reciprocidade é que o dinheiro coletado é enviado aos países de origem. De modo que, o facto de os autores / compositores cabo-verdianos estarem inscritos noutras sociedades acarreta um custo à economia do país.

O caso de Cabo Verde é realmente paradoxal. Por um lado pretende-se que economia criativa, a indústria musical inclusive, seja um dos pilares para o desenvolvimento do país, por outro ainda não existe uma Sociedade de Autores que efetivamente funcione. Todavia, não se deve esquecer que Cabo Verde ganhou a sua independência somente em 1975, e que desde então têm-se verificado avanços bastante consideráveis. Avanços esses que estão na base da passagem de Cabo Verde de “país sub-desenvolvido” a “país em vias de desenvolvimento”, por exemplo.

III.6. *Atlantic Music Expo Cabo Verde (AME-CV)*

O AME-CV é uma plataforma transatlântica de troca cultural (Feira de Música), cuja primeira edição decorreu em 2013. Tem como visão estratégica a transformação de um espaço com um passado histórico negativo – comércio transatlântico de escravo – em algo positivo, um espaço de troca cultural. A visão foi aliada à sua posição geoestratégica, no meio do Atlântico.

O referido evento acontece na Cidade da Praia, capital de Cabo Verde. Fazem parte da sua programação, conferências, *workshops*, debates, reuniões de trabalho e de troca de contatos, mercado profissional e *showcases* (concertos de 45mn). É um espaço, onde os profissionais da música, nomeadamente *managers*, produtores, programadores, agentes, *bookers*, distribuidores, publishers, sociedades de autores, se encontram para partilhar experiências, estabelecer contatos e apresentar os seus trabalhos.

O evento foi estrategicamente agendado para os três dias que antecedem o KRIOL JAZZ Festival, iniciado em 2009, possibilitando aos profissionais assistir, também, ao referido festival.

AME-CV é promovido pelo Ministério da Cultura de Cabo Verde e, tem como principais parceiros, o WOMEX e a Harmonia Lda, responsáveis pela produção do evento.

O WOMEX é um *networking platform* dedicado à indústria musical, neste caso à *world music*. Um evento anual de cinco dias, onde coabitam: feira comercial, *showcase*, conferência, programa dedicado ao cinema e cerimónia de entrega de prémios.

A Harmonia Lda – produtora musical, tem desenvolvido a sua atividade na área de produção musical, distribuição de obras culturais e produção de espetáculos. Localizada em Cabo Verde, a produtora tem uma larga experiência, tanto a nível nacional, como internacional e é responsável pela gestão da carreira de vários artistas, nomeadamente de Cesária Évora.

A realização das três primeiras edições do AME-CV (2013, 2014 e 2015) foi financiada pela Cooperação Luxemburguesa para o Desenvolvimento, Estratégias e Princípios, que mantém uma relação de cooperação com Cabo Verde desde o final dos anos oitenta. Em 1993 Cabo Verde tornou-se um país parceiro privilegiado da cooperação luxemburguesa após assinar o Acordo geral de Cooperação, que abrange a área, cultural, científica, técnica, financeira e económica (Cooperação luxemburguesa, 2011).

Segundo o balanço do ministério da cultura, este evento de três dias demonstrou que a cultura pode desencadear uma cadeia de valor em Cabo Verde. O referido evento reuniu uma ampla gama de profissionais da indústria musical provenientes de vários países, proporcionando

aos músicos locais, empresários e distribuidores uma excelente oportunidade de reunir com os seus homólogos numa partilha de experiências, além de criar oportunidades em vários sectores. (WIPO MAGAZINE, 2013).

III.7. Dados comparativos, AME-CV – primeira e segunda, edições.

Os dados dos relatórios da primeira e segunda, edições do AME-CV, revelam um aumento, nalguns casos, bastante significativo – de 2013 para 2014 - nomeadamente no número de participantes, profissionais da música, jornalistas internacionais, número de candidaturas de artistas / músicos apresentados para *showcases*, tanto nacionais como internacionais.

Tabela 6 – Dados da primeira e segunda, edições – AME-CV

DESIGNAÇÃO	NÚMERO	
	2014	2013
PARTICIPANTES	365	300
REGIÕES / PAÍSES	37	34
PROFISSIONAIS DA MÚSICA	118	74
JORNALISTAS INTERNACIONAIS	35	19
JORNALISTAS NACIONAIS	X	X
MUNICÍPIOS (Cabo Verde)	20	18
CANDIDATURAS INTERNACIONAIS	200	90
CANDIDATURAS NACIONAIS	90	30
SHOWCASES	28	24
CONFERÊNCIAS	4	12
OFICINAS /WORKSHOPS	3	4
ENCONTROS DE NEGÓCIO / SPEED MEETINGS	210	240
STANDS	70	47
EMPREGOS DIRETOS (média)	100	100
CUSTOS	29 469 000,00 CVE	35 000 000,00 CVE
ESTIMATIVA (capital movimentado no âmbito do AME-CV)	30 000 000,00 CVE	X

Fonte: Ministério da Cultura de Cabo Verde

Talvez os resultados alcançados na primeira edição estejam na base da considerável procura / adesão, a todos os níveis ao AME-CV. Porém, houve um decréscimo de conferências

realizadas de mais de 50%. Quanto a esse último dado, uma das razões poderá ter sido a política da organização. De referir ainda que os custos de produção / execução diminuíram 15.8 %. Com a experiência da primeira edição é possível que se tenha conseguido fazer um melhor controlo de custos. De notar que, não obstante o aumento a nível da procura / adesão ainda foi possível poupar no orçamento.

Os dados que se seguem demonstram que a adesão ao evento não se verifica somente a nível da quantidade mas, também, a nível diversidade.

Nas duas primeiras edições, o AME-CV contou com a participação de profissionais provenientes de diferentes países / regiões, nomeadamente Brasil, Colômbia, Macedónia, França, Noruega, Angola, Estados Unidos, Argentina, México, Alemanha, Reino Unido, Belize, Costa Rica, Marrocos, África do Sul, Ilha da Reunião, Benim, Finlândia, Uganda, Tanzânia, Portugal, Senegal, Turquia, Moçambique, Canadá, Barbados, Holanda, Bélgica, Etiópia, Suécia, Mali, Itália, Guadalupe, Camarões, Malásia.

Dos profissionais da música que já participaram no AME-CV, constam Produtores, Promotores de Festivais, Programadores de Salas de Espetáculos, Agentes, Managers, Organizadores de Mercados Musicais, Representantes de Gravadoras e Editoras, Consultores, Fotógrafos, Investidores, Jornalistas.

Em termos de órgãos de comunicação social, internacionais, entre outros, houve representantes de Le Monde, The Economist, Worldmusic, Afrol News, Rádio Moçambique, Panapress, Afriqinfos, Seneweb, Xinhua, Diário de Pernambuco, Mondomix, Angop, Público, RFI, CFI, RTP, FIP, TV5, Mondomix, RFI Musicque du Monde, BBC World Service, Rádio Senegal, Jornal du Camaron. (Ministério da Cultura de Cabo Verde, 2013; 2014)

CAPÍTULO IV – ANÁLISE DE ENTREVISTAS

Como referido anteriormente, as entrevistas aqui analisadas foram efetuadas no âmbito da segunda edição do *Atlantic Music Expo* Cabo Verde – promovido pelo Ministério da Cultura de Cabo Verde e organizado pelo WOMEX e pela Harmonia Lda. em colaboração com o referido Ministério - que teve lugar na cidade da Praia em 2014. Com a seleção dos entrevistados pretendeu-se obter depoimentos variados, que mostrassem os diferentes pontos de vista relativamente ao papel que um evento com as características do AME-CV poderá representar para o país, sobretudo no que respeita à indústria musical – classificada pela UNCTAD como

sendo *embrionária e previamente estabelecida*. Assim, a escolha das questões colocadas aos entrevistados, teve como fim obter elementos, que dessem um panorama dos contributos para o desenvolvimento da referida indústria e de Cabo Verde, em geral. Nesse sentido, a análise que se segue terá em conta as seguintes dimensões: Cultural, Económica, Política Pública e Privada, Visibilidade do País e Profissionalização do Meio Artístico e Projeção de Carreira (s) / Internacionalização.

Importa, antes de mais, referir que tanto os organizadores como os músicos reconhecem a importância desse evento, a vários níveis, sobretudo para aquele país.

IV.1. Dimensão Cultural.

O Ministro da Cultura considera que, ainda que não tenha sido pensado nesse sentido, o AME-CV transformou-se num “movimento da comunidade musical a nível mundial”. O que revela que os benefícios resultantes da sua realização não se limitam somente a Cabo Verde. Refere, também, que o evento já se está a consolidar e, a par disso, está a chamar a atenção do mundo para a música cabo-verdiana. Do mesmo modo, já se nota a sua influência nos músicos, nas escolas, nos profissionais – contribuindo, assim, para que a economia baseada na música continue a triunfar. Além disso, acrescenta que o AME-CV está a gerar reflexões de carácter socio-antropológicas, designadamente do significado de conceitos como a criouliização, ou ainda: “o que é o atlântico?”

O AME-CV já não é um mercado, é um movimento da comunidade musical, mundial. Isto aconteceu por pura lógica, não foi pensado. Mas, temos ingredientes que não existem em outros mercados e, estamos a querer, também, explorá-los.

Estamos a conseguir chamar a atenção do mundo para a nossa música, já estamos a consolidar o mercado, isso já está a mexer com o sistema, com os músicos, com as escolas, com os profissionais. Isto é uma forma de conseguir que a economia baseada na música continue a triunfar.

O mercado já está a puxar pela filosofia (estamos a trabalhar a ideia da criouliização) que já está a suscitar discussões profundas, socio-antropológicas (o que é isso? o que é o atlântico? o que é ser crioulo?). Portanto, dada a dinâmica, parece-nos que isso vai-se tornar num movimento.

[Mário Lúcio, Ministro da Cultura de Cabo Verde]

Além do Ministro da Cultura, outros entrevistados partilham da opinião de que Cabo Verde reúne características que o tornam num espaço propício à reflexão - não só referente à

questão relacionada com a criouliização¹⁰, mas também sobre o próprio meio musical. Defendem que o AME-CV é um espaço de troca e de germinação de novas ideias e iniciativas que, conseqüentemente, se traduzem em novos caminhos para o panorama musical a nível mundial.

Dada a sua história e situação geográfica (no meio do atlântico) Cabo Verde reúne características que o torna num espaço privilegiado, para se discutir, refletir e aprofundar a questão relacionada com o ser-se ou não crioulo. Um Cabo-verdiano, por exemplo tem que lidar com as suas múltiplas identidades. Para que possamos perspetivar o futuro temos que aceitar o que a história nos legou e, o crioulo é um desses legados [...].

[Christoph Borkowsky, Presidente do WOMEX]

Outra característica singular do AME-CV, em comparação com outros mercados, que se focam mais na venda das suas produções locais, é o facto de ser também um espaço Think Tank, de encontro, troca e de produção de novas ideias e iniciativas.

[Christine Semba, WOMEX]

Em termos culturais [...] ao longo dos dias em que o AME-CV acontece há muita partilha de informações e de conhecimentos. Essa partilha já está a dar algum resultado e a discussão à volta do conceito de criouliização é um exemplo concreto disso. E, é óbvio que as pessoas têm a oportunidade de ouvirem os vários estilos musicais, provenientes de diferentes países, estarem em contacto com outros artistas, entrevistá-los. No meu caso particular, já fiz algumas descobertas... Nesse sentido penso que está a funcionar muito bem. Em termos da música em particular, dos artistas, na minha opinião está muito bem conseguido. [...].

[Bram Posthumus, Jornalista e Editor]

De acordo com o depoimento de uma profissional da música (internacional), os benefícios do AME-CV não se limitam aos profissionais nacionais - é da sua opinião que os internacionais beneficiam de igual modo deste evento. Segundo ela o AME-CV está a traduzir-se numa fonte de aprendizagem tanto para os profissionais cabo-verdianos como para os estrangeiros. Acrescenta, ainda, que a reação dos participantes deixa transparecer uma forte vontade em regressar a Cabo Verde e contribuir para o seu enriquecimento cultural.

Eu tenho a impressão de que o AME-CV foi criado para expor os músicos cabo-verdianos, a música de Cabo Verde ao mercado internacional, mas penso que nós que viemos de fora aprendemos tanto quanto os cabo-verdianos. Estou a ouvir isso, através dos meus colegas, por todo o lado. Houve por exemplo, um brasileiro que estava presente no AME-CV, que disse, “vou voltar ao Brasil e vou falar com um amigo meu que é presidente da TAM (companhia aérea brasileira) e convencê-lo a abrir uma ponte aérea, diretamente do Brasil para cá porque os brasileiros vão se ‘passar’ com Cabo Verde”. Este é só um dos vários exemplos,

¹⁰ A criouliização foi abordada pelos oradores: Chico César – Artista e Secretário de Cultura da Paraíba (Brasil), Mário Lúcio Sousa – Artista e Ministro da Cultura de Cabo Verde e Erol Josué – Artista e diretor do Gabinete de Etnologia do Haiti, na conferência, “Ser Crioulo é um Estado de Espírito” que teve lugar na segunda edição do AME-CV.

e muitas pessoas estão a ter essa mesma reação. Portanto, conclui-se que esta abertura não é somente dos cabo-verdianos para fora mas também de nós (estrangeiros) para cá.

O facto de ter conseguido reunir colegas que conheço há muitos anos, que vieram para cá partilhar a sua experiência com os cabo-verdianos mediante a troca de ideias e de brainstorming, de como podemos dar o nosso melhor para levar a música cabo-verdiana para fora, foi muito gratificante. Muitas, muitas pessoas já vão sair daqui com uma ideia de como voltar cá mais vezes e, de como trazer mais cultura de fora para Cabo Verde [...]

[Deborah Cohen, Consultora e Manager (USA)]

Referindo que o AME-CV foi o maior evento cultural realizado em Cabo Verde até então, um dos entrevistados considera-o como um ponto de vigarem no panorama musical do país.

Para mim pessoalmente, ainda que esteja diretamente ligado à música, penso que o AME-CV foi o maior evento de todos os tempos, organizado em Cabo Verde, no âmbito da cultura. [...]. Até então, não tinha visto nenhuma atividade cultural em Cabo Verde com tamanha importância. Espero que continue e que nunca morra, pois estamos num país de música e faz todo o sentido termos esta atividade. E se continuar a ser bem organizada poderá trazer muitos benefícios para a música de Cabo Verde e não só. O AME-CV, indiscutivelmente, está a marcar um ponto de viragem na cena musical cabo-verdiana. Digamos que a Cesária Évora abriu-nos as portas do mundo e agora o AME-CV chega para mostrar todo o nosso potencial musical ao mundo [...].

[cantora, 46 anos, São Vicente]

Outro aspeto que faz sentido referenciar, tem que ver com a “visão” que sustenta este projeto. Com base nos depoimentos, as duas principais características que tornam o AME-CV singular, são: o facto de se transformar um espaço com um passado histórico negativo – mercado de escravos – em algo positivo - um espaço de troca cultural - e a sua situação geoestratégica, no meio do Atlântico.

O objetivo é transformar um espaço que tem um passado histórico negativo – mercado de escravo – em algo positivo, um espaço de troca cultural.

Quando viemos a Cabo Verde ficou muito claro que havia grandes possibilidades para levar o evento avante. A segunda parte tem que ver com a visão crioula do AME-CV, um aspecto que ainda precisa ser aprofundado.

[Christoph Borkowsky, Presidente do WOMEX]

Talvez essa visão, centrada no Atlântico, faça com que as pessoas se sintam em casa, quer venham da África, da Europa, ou da América... sentem-se todas relacionadas, através dessa crioulação de que todos nós, de certo modo, fazemos parte [...].

[Christine Semba, WOMEX]

O facto de Cabo Verde se situar no meio do Atlântico e de reunir pessoas de diferentes origens poderá ter um impacto consideravelmente positivo na sociedade cabo-verdiana [...].

[Bram Posthumus, Jornalista e Editor]

IV.1.1. Resultados da participação no AME-CV (showcases)

De acordo com os depoimentos, verifica-se que, para alguns artistas a participação no AME-CV traduziu-se em assinatura de contratos e agendamento de concertos. Concretamente, este facto revela que os resultados provenientes do evento estão a contribuir para a internacionalização dos músicos e, conseqüentemente para a promoção da música / cultura cabo-verdiana no exterior.

Não podemos dizer que não houve nada porque tivemos alguns artistas que saíram e que até então estão a sair. Este ano temos alguns artistas que irão fazer tournée de verão na Europa graças ao AME-CV do ano passado. Isso é o que queremos incrementar. Por exemplo, se apresentarmos quinze artistas no AME e, no ano seguinte, metade desses tiverem a possibilidade de saírem, é excelente. Se cada um deles fizer vinte espetáculos, teremos cento e tal espetáculos de música cabo-verdiana no mundo. Para ter uma ideia na semana passada tivemos seis espetáculos de música cabo-verdiana, em cidades diferentes, de artistas que foram vistos no AME-CV do ano passado. Portanto, se multiplicarmos esses dados por Bélgica, Holanda, Alemanha, entre outros, os resultados poderão ser ainda maiores... Esse efeito é o que estamos à procura.

[José da Silva, Harmonia]

Hoje em dia a venda de discos através das lojas discográficas é fraca e, realmente é nos concertos que vendo mais discos. Através do AME-CV recebi um convite para participar no LeKolattier Festival, em África, mas o melhor convite que obtive foi para participar num evento musical em New Orleans nos Estados Unidos de onde surgiu convite para fazer o maior concerto da minha carreira, num total de dez espetáculos em diferentes cidades dos Estados Unidos, nomeadamente em Boston, Providence, Orlando, Nova Iorque.

[cantora, 46 anos, São Vivente]

O que posso dizer é que os resultados superaram as nossas expectativas, mas quem poderá falar mais concretamente sobre os resultados é a Harmonia... Todavia devo referir que todos os resultados que estou a ter atualmente são provenientes do AME-CV. Tenho partilhado isto com os meus colegas, que ainda estão indecisos, não sabendo se vale a pena ou não participar. É que vale muito a pena...

[cantora, 28 anos, Fogo]

Os entrevistados / músicos posicionam-se de forma bastante positiva e otimista face à sua participação neste mercado musical - para a maioria o mais importante foi ter participado e, mesmo não tendo agendado espetáculos, obtiveram outros resultados, não menos importantes.

A participação foi muito positiva, mas é bastante difícil calcular os resultados. Claramente que o feedback foi bastante positivo, pois logo a seguir ao concerto, vários profissionais vieram ter connosco e, mostraram

interesse em ficar com os nossos contatos, em adquirir o nosso disco. Mas pessoalmente, acredito os resultados deste tipo de atividades, só serão visíveis a partir do segundo ano.

[rapper / vocalista / compositor, 28 anos, São Vicente]

Houve contactos, mas é algo que demora algum tempo para se traduzir em resultados concretos. Faz parte de um processo que, por vezes acontece de forma rápida, mas nem sempre, como foi o meu caso. A minha participação foi bastante positiva, pois tive a oportunidade de mostrar o meu trabalho a outro tipo de plateia, sobretudo de profissionais que avaliam o nosso trabalho e, caso vá de encontro àquilo que procuram, investem. O mais importante é mostrar o nosso trabalho.

[cantor / compositor 25 anos, Santiago]

Sobre resultados, o que posso dizer é que o facto de ter participado no AME-CV levou a aperceber-me mais sobre o funcionamento dos direitos de autor. Antes de participar não tinha as minhas músicas registadas e, atualmente faço parte da Sacem - Sociedade de Cobrança de Direitos de Autor. As minhas músicas passaram a ser tocadas na rádio, na Europa, o meu disco está à venda em plataformas digitais. Os resultados têm sido muito bons.

[cantor / compositor, 33 anos, Sal]

Ainda que não tenha havido resultados internacionais, houve alguns nacionais.

[cantautora, 29 anos, Santiago]

Nota-se também que, nem todos os participantes conheciam o funcionamento do AME-CV, o que certamente levou a que não se tirasse o maior proveito da participação no mesmo. Há outros que revelam ter havido procura após a sua participação, mas que ainda não se materializaram.

Não tive nenhum resultado concreto, até porque como desconhecia o funcionamento do mercado regressei à minha ilha logo após o concerto. Na verdade deveria ter ficado para poder fazer contatos com os profissionais.

[cantor / compositor, 31 anos, Sal]

Não, não tive nenhum resultado desse tipo.

[guitarrista / compositor / diretor musical, 36 anos, São Vicente]

Após a minha apresentação houve alguma procura, mas ainda não aconteceu nada de concreto.

[multi-instrumentista / compositor, 51 anos, São Vicente]

IV.2. Dimensão Económica.

Não sendo um país de recursos naturais, pois esses são quase inexistentes, torna-se ainda mais importante encontrar vias alternativas para o desenvolvimento do referido setor. Para os entrevistados, o AME-CV certamente dará o seu contributo nesse sentido.

De acordo com o Ministro da Cultura, o impacto do AME-CV no domínio económico é visível desde a sua primeira edição. Refere que, nos dias em que o evento acontece, há uma considerável movimentação de capital, bens e serviços, que conseqüentemente colocam uma cadeia de valor em circulação, designadamente os transportes aéreos, os hotéis, os bares, os restaurantes, os táxis e as telecomunicações. Todavia, defende que, não obstante o referido impacto, o essencial foi ter conseguido criar o mercado musical. Acrescenta ainda que o contributo do evento não se restringe somente à música, podendo traduzir-se, também, num atrativo turístico – exemplo disso foi a participação da Malásia, que encontrou ali uma forma de promoção do seu país. Segundo o Ministro, nas próximas edições a intenção será explorar essa oportunidade de negócio, como se de uma feira turística se tratasse.

Colateralmente o AME-CV começou a ter impacto económico e social desde a primeira edição. Na primeira edição vimos como é que a Cidade da Praia se movimentou. Temos a nossa forma de medição e, vimos como é que toda a cadeia de valor entrou em movimento, desde os transportes aéreos com as linhas todas cheias, tanto a nível nacional como internacional, os hotéis cheios, os bares e os restaurantes completamente abarrotados, os táxis e as telecomunicações com muitas transferências de dados durante esses dias, via satélite, via linha fixa, via móvel... Enfim há um grande consumo nesses dias.

O impacto essencial do AME-CV é termos conseguido criar o mercado. Pode haver um grande impacto financeiro, como aliás já aconteceu noutras partes do mundo e, entretanto os profissionais disseram, sim, mas não nos interessa vir na próxima edição. Estamos em crer que, com as evoluções que as coisas estão a ter, o AME-CV também possa vir a ser um chamariz turístico, não só pela música. Nós tivemos este ano, por exemplo, um sinal da Malásia, que veio para promover o país. Vamos também tentar explorar isso na próxima edição, que venham países se exporem como se de uma feira turística se tratasse.

[Mário Lúcio, Ministro da Cultura de Cabo Verde]

Nota-se também, que outros entrevistados partilham deste mesmo ponto de vista, referente à cadeia de valor que o evento faz movimentar nos dias em que decorre.

[...] economicamente é bastante relevante. Cabo Verde já começou a se aperceber que, só o facto de haver uma atividade com as características do AME-CV e a vinda de todos esses profissionais, movimenta a Cidade, além do que é habitual. As pessoas (comerciantes) já se aperceberam que a atividade gera muita circulação de dinheiro dentro da Cidade, durante a semana que decorre, pelo que já se preparam devidamente para acolher o evento. No primeiro ano por exemplo, muitos restaurantes, não se encontravam devidamente preparados, daí que em muitos casos o stock existente não foi suficiente para satisfazer a procura. Sem dúvida que a economia nacional ganhará muito com isso. Sou defensor de que o país deve promover estes tipos de eventos, que possam funcionar como alavancas da economia... Outro aspeto que, devido à minha vivência noutra género de economia gostaria de frisar, é o facto de Cabo Verde ter crescido com uma economia limitada, logo não devemos exigir dele os mesmos resultados de países desenvolvidos. As possibilidades são limitadas, temos meio milhão de habitantes, não podemos de forma alguma exigir o mesmo [...].

[José da Silva, Harmonia]

[...] é escusado referir que o AME-CV cria uma cadeia de valor que ultrapassam o campo da música, através do turismo por exemplo (viagens, ocupação de hotéis, indústria de restauração...). Resumindo é um evento que traz benefícios para toda a economia de Cabo Verde.

[cantora, 46 anos, São Vivente]

Para o Presidente do WOMEX, sendo Cabo Verde um país pequeno, torna-se ainda mais relevante a criação de uma plataforma internacional – onde os profissionais da música podem encontrar-se para efetuar negócios. Além disso, acrescenta, que o facto de atrair profissionais do domínio da criatividade pode contribuir para o enriquecimento do perfil turístico do país – tornando-o num destino de referência. Defende também, que não obstante o carácter internacional que a música cabo-verdiana já possui, poderá desenvolver-se ainda mais e certamente o AME-CV contribuirá para tal.

A importância deste género de eventos acarreta, sempre, diferentes aspetos, um é o facto de trazerem profissionais a nível internacional a Cabo Verde que, sendo um país pequeno torna-se ainda mais importante a criação de uma plataforma internacional (AME-CV) onde artistas, programadores, agentes, entre outros, de diferentes países possam encontrar-se para fazer negócio [...].

Sem dúvida que enriquecer o perfil turístico de Cabo Verde internacionalmente, poderá trazer mais profissionais do domínio criativo a Cabo Verde, o que poderá traduzir-se numa mensagem que certamente o mundo ouvirá. Talvez conheças o trabalho de Richard Florida sobre a Classe Criativa e o que esta poderá trazer para a economia local / nacional. Nalguns lugares, o principal interesse da Classe Criativa é o desenvolvimento das suas sociedades. Penso que Cabo Verde teve a excelente oportunidade de criar uma plataforma com as características do AME-CV. Espero que futuramente haja mais, para que se possa trazer as pessoas certas para o país, que posteriormente possam espalhar a mensagem, de modo a transformá-lo num lugar de referência [...].

A música cabo-verdiana já tem algum perfil internacional, mas sem dúvida que poderá desenvolver muito mais e gerar receitas para o país. Tivemos essa discussão esta manhã na conferência sobre os direitos autorais. Espero que haja um desenvolvimento no sentido de trazer mais receitas a Cabo Verde e que os artistas /músicos cabo-verdianos tenham a oportunidade de promover a sua música no mundo e a nível nacional, também. A meu ver o Ministro da Cultura deveria começar já a trabalhar num pacote do AME-CV, pois já vamos na segunda edição do primeiro pacote de três anos. Não havendo recursos naturais, como o petróleo, Cabo Verde precisa desse género de iniciativas para impulsionar o seu desenvolvimento [...].

[Christoph Borkowsky, Presidente do WOMEX]

Além do capital movimentado nos dias em que o evento acontece, os cachets e os royalties decorrentes dos concertos agendados são apontados por alguns entrevistados como fatores que contribuem para o desenvolvimento do país.

Sempre que um artista cabo-verdiano sai para fazer concertos através de contactos estabelecidos no âmbito do AME-CV entram divisas no país através dos cachets e dos royalties. E, nos dias em que o AME-CV acontece, há muita movimentação de capital na Cidade da Praia e, sem dúvida isso também ajuda ao desenvolvimento do país.

[Ana Maia, AME-CV]

Do ponto de vista nacional como já deixei claro, o AME-CV traz vários benefícios para muitas pessoas individuais e empresariais, mas além disso traz-nos os benefícios que estamos a procura, que se traduzem na procura da internacionalização dos nossos artistas, com vista a trazerem divisas para o país. Essa é a principal finalidade. [...]

[José da Silva, Harmonia]

Para Deborah Cohen, além da reconhecida relevância do AME-CV para o setor económico o mais importante é o seu valor artístico e cultural.

Sendo um país que não tem muitos recursos naturais para exportar e, sendo a arte, na minha opinião uma das coisas mais importantes que existe na terra, para Cabo Verde a exportação desta riqueza, deste património cultural (a diversidade musical existente no país) torna-se prioritária, não somente no fator económico, que claramente tem muita importância para um país como Cabo Verde, mas sobretudo no seu valor artístico e cultural [...].

[Deborah Cohen, Consultora e Manager (USA)]

Com base no depoimento do Bram Posthumus, para se beneficiar ao máximo deste mercado musical, é essencial que haja uma reflexão aprofundada, no que respeita à sua otimização. Defende ainda que as conferências devem refletir os objetivos da organização, sobretudo no respeitante ao desenvolvimento do país, baseado na economia criativa.

Ainda que esteja no início, pois esta é a segunda edição, penso que se se está interessado em ter uma expressividade maior e seguir em frente com esta iniciativa, é preciso refletir profundamente... É óbvio que o turismo deve estar ligado ao AME-CV. O facto de existir este evento é muito importante, foi uma iniciativa muito bem conseguida. No entanto são precisos mais estímulos, especialmente no que toca aos debates, porque ocupam um lugar central no evento. Se realmente o AME-CV foi criado com o intuito de fazer parte da Economia Criativa de Cabo Verde, então as conferências / workshops devem refletir isso. Trata-se de pôr Cabo Verde no mapa, de ajudar Cabo Verde a desenvolver a sua Economia Criativa. Os debates devem centrar-se nesses assuntos, o resto é secundário [...].

Do ponto de vista de negócio, isto significa criação de emprego, de novas perspetivas para mais cabo-verdianos... [...].

De qualquer forma, ainda que a música seja a atividade artística central de Cabo Verde, se a intenção é desenvolver a Economia Criativa, é necessário apostar nas outras vertentes artísticas e não só, para que haja realmente um crescimento baseado nesse tipo de economia [...].

[Bram Posthumus, Jornalista e Editor]

IV.3. Dimensão Política pública e privada.

Como se viu o AME-CV é uma iniciativa pública com realização de privados, logo faz sentido uma análise conjunta das políticas públicas e privadas.

Ainda que a diplomacia cultural continue sob a tutela do estado, segundo o Ministro da Cultura, a intenção é que em 2016 o evento passe para as mãos de privados. Defende ainda, que em termos

de execução (meios profissionais), o AME-CV reúne todas as condições necessárias para dar esse passo, mas no que respeita ao seu financiamento ainda não está preparado. Atualmente o seu financiamento encontra-se assegurado pela Cooperação Luxemburguesa – que já garantiu um pacote de três edições. No que toca ao funcionamento geral do AME-CV, no depoimento que se segue, o Ministro descreve de forma clara e detalhada como este acontece:

O AME-CV funciona da seguinte forma: o Ministério da Cultura, associado aos Ministérios das Finanças e das Relações Exteriores, conseguiram um fundo da Cooperação Luxemburguesa, destinado à criação de um mercado para a música cabo-verdiana. Ao termos esse financiamento, lançou-se um concurso internacional e, o WOMEX que o ganhou, formou um consórcio constituído pelo Porto Musical do Brasil, o WOMEX mundial e a Harmonia Lda., empresa cabo-verdiana, que representa o WOMEX e que contrata empresas de som, luz, palco, segurança, stands... fazem tudo. Nós, o Ministério da Cultura, ocupamo-nos da área oficial, entidades, protocolo, procuramos financiamento através do mecenato, do patrocínio, para que possamos pagar os custos extras do mercado. Esse consórcio, tem especialistas mundiais que são os mesmos que fazem o WOMEX, na área de imprensa, do grafismo, da web, da comunicação no geral, do jurado... ou seja, têm uma gama de serviços e, nós contratamos esses serviços para execução do AME-CV. Portanto, é fácil aperceber-se de que o AME-CV está pronto para passar para as mãos de privados em termos de execução, enquanto em termos financeiros ainda vai levar o seu tempo.

[Mário Lúcio, Ministro da Cultura de Cabo Verde]

Segundo os entrevistados, a intenção é que haja uma redução gradual no que respeita ao envolvimento do ministério da cultura na organização do AME-CV. O ministro refere que da primeira para a segunda edição já se conseguiu uma redução de aproximadamente 20%. Não obstante a cooperação do ministério, o objetivo é que, após as três primeiras edições a organização do evento seja da responsabilidade de profissionais privados.

No ano passado (primeira edição) o Ministério da Cultura teve um envolvimento à volta de 60%, este ano (segunda edição) tivemos um envolvimento de menos de 40%. Portanto, AME-CV é executado, desde o general management, toda a preparação dos *showcases*, toda a parte gráfica do evento, direção de palco, engenharia de som e de luz, segurança, tudo é feito por privados. Nós fizemos um contrato com um privado nesse domínio, porque o que nós queremos é que até a parte da diplomacia, que vamos continuar a fazer, não tenha a participação e o peso que o Ministério da Cultura tem atualmente. No fundo é a legitimação. Neste momento o AME-CV é da organização do Ministério da Cultura do Governo de Cabo Verde. Em 2017 o AME-CV será dos profissionais cabo-verdianos ainda que continuemos a ter a mesma participação, a legitimação será outra. É passar a marca, o estado partilha a marca, até ao dia em que oferece a marca aos profissionais cabo-verdianos. Chegando-se à conclusão de que, muito bem, estando capacitados a marca agora é vossa. No entanto, o estado deve continuar a investir fortemente e a fazer diplomacia cultural porque a marca antes de mais é do país.

Em Cabo Verde o estado teve que lançar esta ideia porque era importante ocuparmos essa franja do mercado e, agora cabe aos privados. Nós vamos fazer uma cooperação com os privados de modo a que Cabo Verde continue a ter esse espaço conquistado e, estamos a ver interesses. Tudo indica que a partir de 2016 o mercado vai continuar a crescer, espero bem que sim, mas toda a iniciativa estaria nas mãos dos privados, que possam ter então o apoio, a colaboração e a parceria do estado [...].

[Mário Lúcio, Ministro da Cultura de Cabo Verde]

Apesar da concretização de duas edições e da terceira já estar garantida, alguns depoimentos deixam transparecer que a preocupação maior relativamente ao AME-CV, tem que ver com o seu futuro, que se afigura bastante incerto.

Outro aspeto referido pelos entrevistados e, a ter em conta, prende-se com a continuidade ou não do atual Ministro da Cultura, pois caso este não se mantenha no poder o projeto ficará dependente da vontade política do seu sucessor.

Penso que a médio prazo, enquanto o atual Ministro estiver a exercer as suas funções e, haja vontade política, estará tudo bem... Conseguiremos levar a nossa missão de três anos a bom porto. A minha preocupação é com o futuro, após esses três anos, pois não sei se o próximo Ministro da Cultura terá a mesma sensibilidade. Não sei também se os meios de financiamento continuam. Assim sendo, há alguns aspetos atualmente desconhecidos que, fazem com que a visão do futuro esteja, de certo modo, turva. Não temos uma visão clara sobre o futuro. O que pessoalmente me estou a esforçar é para que façamos um melhor trabalho possível em cada ano, para que justamente, após os três anos o AME-CV seja um evento incontornável. A partir daí, penso que qualquer Ministro que ocupar a pasta da Cultura, entenderá que o AME-CV é algo que não pode colocar de lado e que, naturalmente, o referido evento deve continuar

Para se fazer um bom mercado é importante ter um Ministro que acredite, um país e um governo que também acreditem.

[José da Silva, Harmonia].

Ana Maia, coordenadora do AME-CV reforça que só se garantiu o financiamento do projeto por três anos devido à vontade política do atual Ministro.

Até agora temos ido à procura de financiamento para o projeto, mas isso só acontece devido à vontade política do atual Ministro da Cultura. Mas, para já, não temos fundos que garantam a execução do AME-CV, além das três primeiras edições.

[Ana Maia, AME-CV]

IV.3.1. Políticas culturais: possíveis soluções de financiamento do setor cultural.

Segundo o entrevistado José da Silva, quando se trata de investir nas indústrias culturais, nomeadamente na musical, para alavancar o desenvolvimento do país é imprescindível que haja políticas estatais que assegurem o seu financiamento. A esse respeito, deixa ainda algumas pistas para encontrar soluções de financiamento do setor cultural - referindo-se designadamente à cobrança de taxas ao setor turístico, que revertam a favor da atividade cultural. Refere ainda que,

atualmente, não existe uma oferta diversificada, justamente, porque não há verba para investir no setor e, que não estão a ser tomadas ações que permitam arrecadar essa verba.

Não se pode falar de indústrias culturais enquanto não tivermos [...] políticas estatais de cobranças de taxas que revertam a favor da cultura, para que haja uma oferta cultural variada, que ainda não existe e da qual o turista pode beneficiar. A meu ver deverá ser aplicada uma taxa aos turistas que posteriormente reverterá a favor da cultura. Ainda não existe uma oferta variada porque não há dinheiro, mas também não se está a fazer nada para arrecadar esse dinheiro. Nós não podemos ficar sempre a ouvir o governo dizer que não há dinheiro para a cultura, porque o dinheiro existe, não existe porém é mecanismos para arrecadá-lo. Nós não estamos a pedir ao governo que vá buscar aquilo de que não dispõe para investir na cultura, o que estamos a pedir é que o governo crie mecanismos para arrecadar verbas destinadas à cultura, porque elas existem [...].

[José da Silva, Harmonia].

IV.3.2. Sociedade de cobrança: direitos autorais e conexos – atual situação.

No que respeita à cobrança de direitos, a atual situação suscita uma certa preocupação por parte dos entrevistados. Segundo eles, não existe em Cabo Verde, uma sociedade de cobrança de direitos, que efetivamente funcione. Este último facto leva a crer que Cabo Verde não está a beneficiar daquilo que talvez seja a fatia mais considerável da sua produção artística / musical, mais concretamente, dos direitos autorais e conexos. Porém, o que se conclui destas entrevistas, é que o Ministério da Cultura já tomou as ações que lhe competia e, o que falta fazer já é da responsabilidade da sociedade civil. De acordo com os entrevistados, não se pode falar de indústrias culturais, como um dos pilares para o desenvolvimento, enquanto não se resolver a questão relacionada com a cobrança dos direitos.

O Ministério da Cultura subsidiou uma entidade de cobrança de direitos de autor que não funcionou. Sendo algo da competência da sociedade civil... o Ministério da Cultura já deu os passos que lhe competia nesse sentido. A iniciativa não deve partir do MC... Este é um dos temas que tem sido discutido em todas as edições do AME-CV, e já tinha sido discutido no fórum da música cabo-verdiana anterior ao AME-CV. A missão do Ministério da Cultura é facilitar, e nós estamos a fazer tudo para facilitar os processos...

[Ana Maia, Coordenadora do AME-CV]

Não se pode falar de indústrias culturais enquanto não tivermos uma sociedade de direitos de autor a funcionar [...].

[José da Silva, Presidente da Harmonia Lda.].

Penso que o Ministro da Cultura está a dar um passo bastante importante no sentido de criar as condições necessárias para a implementação de uma sociedade de direitos de autor sólida. Este é o tipo de debates, que na minha opinião são necessários aqui. A cobrança dos direitos de autor é cem por cento relevante para a Economia Criativa e, sem dúvida deve ser absolutamente perfeita. Se houver todos os instrumentos legais

que permitam a cobrança dos direitos de autor, os artistas naturalmente serão pagos. O mesmo acontecerá se estenderem o vosso leque de atividades relacionadas com a Economia Criativa, se começarem a trabalhar com design, por exemplo. Sendo a música cabo-verdiana única, pois não existe em mais nenhum lugar no mundo, é óbvio que precisa ser protegida. Não há dúvidas quanto a isso.

[Bram Posthumus, Jornalista e Editor]

IV.3.3. Transportes aéreos: políticas de melhoramento

De acordo com os entrevistados, ainda que não esteja diretamente relacionado com o AME-CV, outro problema identificado no âmbito do evento e que tem efeitos diretos sobre ele, é a questão dos transportes aéreos. Com base nos depoimentos, para alguns profissionais, a maior dificuldade foi a sua chegada a Cabo Verde. Este facto revela a necessidade de adoção de políticas, sobretudo privadas, que visem melhorar o funcionamento do setor - sob o risco de pôr em causa o sucesso desta iniciativa e de passar uma má imagem do país aos visitantes.

De acordo com o feedback que tenho tido das pessoas / profissionais, o maior desafio tem sido a sua chegada aqui. As viagens não são fáceis e de algumas partes do mundo são consideravelmente caras. Especialmente quando se trata de viagens provenientes do continente africano. Não sei se Cabo Verde está na origem desses problemas, mas definitivamente que isto constitui um desafio a ter em consideração [...].

[Christine Semba, WOMEX]

Outro ponto que não está sob o controlo do AME-CV, mas que apresenta graves problemas, que precisam ser resolvidos o quanto antes, tem que ver com as linhas aéreas nacionais. Esses problemas agravam-se ainda mais quando estamos a tratar de questões relacionadas com a economia. Isso é mau para a imagem de Cabo Verde, pois é o primeiro contacto / experiência com o país. Sem dúvida que isso é muito mau para o *brand* / marca Cabo Verde. [...]

[Bram Posthumus, Jornalista e Editor]

Cabo Verde é um país que fica longe, as passagens aéreas são consideravelmente caras, existem problemas relacionados com a aquisição dos vistos, entre outros. Tudo isso tem de ser resolvido e levado muito a sério, mas acho que já se está a caminhar nesse sentido. O facto de se ter aberto as portas para esse tipo de evento já é um belo começo.

[Deborah Cohen, Consultora e Manager (USA)]

IV.4. Dimensão Visibilidade do país.

Refira-se que o AME-CV contribui para a promoção de Cabo Verde devido à sua elevada exposição mediática na imprensa internacional. Segundo o Ministro da Cultura, no âmbito do mesmo, já se acolheram cinquenta e seis jornalistas de diversos órgãos de comunicação social do mundo, o que certamente contribui para aumentar a visibilidade do país no exterior. Outro fator relevante para o mesmo fim, está relacionado com os espetáculos de artistas / músicos cabo-

verdianos, com contratos firmados com programadores internacionais, no âmbito do AME-CV. Segundo os entrevistados, sempre que se exporta um artista nacional está-se automaticamente a promover o país. Um exemplo concreto disso foi a notoriedade alcançada por Cabo Verde através de Cesária Évora.

[...] quando recebemos aqui cinquenta e seis jornalistas de vários órgãos de todo o mundo, isso mostra que querem realmente saber o que está a acontecer aqui [...].

[Mário Lúcio, Ministro da Cultura de Cabo Verde]

Diria que, a longo prazo, visibilidade ao país. Cada vez que exportámos um músico ou que temos a nossa participação no mercado internacional, não é só a música que está a ser exportada, é também a imagem do país. Este é um dos benefícios concretos que já estamos a ter. Já se fala mais de Cabo Verde. Sempre se falou da música de Cabo Verde devido ao sucesso da Cesária Évora, mas penso que o AME-CV está a fazer com que as pessoas falem mais de Cabo Verde. Lembro-me que, no ano passado, uma profissional que trabalha com uma rede de festivais da América Latina disse que “a estrela” de Cabo Verde está a piscar, ou seja, ela disse que a atenção do mundo está virada para o nosso país. Antes não se ouvia falar tanto de Cabo Verde a não ser da Cesária Évora [...].

[Ana Maia, AME-CV]

[...] penso que atualmente o que é mais importante é o facto de o AME-CV ter uma rede de contactos de jornalistas como eu, que escrevem sobre o evento. Por exemplo, no ano passado o AME-CV esteve na web site do jornal The Economist, no Deutsche Welle (Rede pública de rádio e televisão internacional alemã) e no RFI (Radio France Internationale) através de artigos / reportagens feitas por mim. Neste ano a Monaco Radio Station, que é uma importantíssima estação de rádio online londrina, está interessada numa reportagem, a Africa Press ligada ao The Guardian, também...e estou ainda a negociar com outras rádios, de dimensão menor, na Holanda [...].

[Bram, Jornalista e Editor]

Penso que o ponto que merece ser realçado tem que ver com o facto de o AME-CV estar a potenciar a música de Cabo Verde e não só. Penso que Cabo Verde está a beneficiar do AME-CV em todos os aspetos, pois além de tudo é uma excelente forma de promover Cabo Verde.

[cantor / compositor 25 anos, Santiago]

Acresce, ainda, que os profissionais que se deslocam a Cabo Verde para participarem no evento podem, também, ser veículos para a sua promoção e, conseqüentemente, para a promoção do seu turismo.

[...] A maioria dos profissionais que vieram cá na primeira edição já tinham ouvido falar de Cabo Verde e conhecem a música cabo-verdiana, mas a maioria deles nunca tinha vindo cá [...].

Penso que Cabo Verde teve a excelente oportunidade de criar uma plataforma com as características do AME-CV. Espero que futuramente haja mais, para que se possa trazer as pessoas certas para o país, que posteriormente possam espalhar a mensagem, de modo a transformá-lo num lugar de referência [...].

[Christoph Borkowsky, Presidente do WOMEX]

Sem dúvida, o sucesso da primeira edição fez com que tivéssemos mais pessoas na segunda, para o que contribuiu o enorme interesse da imprensa internacional, que esteve presente cá no ano passado (primeira edição) e que difundiu mundialmente mensagens elogiosas, não só sobre o AME-CV mas também sobre Cabo Verde no geral, a sua criatividade e a qualidade musical da música cabo-verdiana. Todos esses aspetos foram muito gratificantes e, deram-nos a perceção de que havia um verdadeiro interesse por parte dos profissionais neste evento [...].

[Christine Semba, WOMEX]

Tendo tido uma experiência maravilhosa aqui, é óbvio que voltamos aos nossos países com uma vontade enorme de regressar. E, é verdade, quer dizer, quase todas pessoas / profissionais estão desejosos de regressar não só para o AME-CV, mas também com interesse de passar mais tempo, viajar para as outras ilhas. Portanto, isto já tem muito a ver com a parte turística que o AME-CV está a fomentar. Na realidade acaba por ser uma descoberta, uma aventura... [...]

[Deborah Cohen, Consultora e Manager (USA)]

Ainda de acordo com os depoimentos, importa também questionar / refletir sobre qual a melhor forma de se posicionar, como país, no sentido de se beneficiar do seu máximo potencial, sobretudo, no que respeita à promoção da “marca”, Cabo Verde.

Quando se trata de um evento desta dimensão, a questão crucial é como fazer com que as pessoas compreendam o nosso produto, como fazer o marketing do país, pois hoje em dia fala-se de um país como de um brand (uma marca), Brand Cabo Verde... Se se falar de Cabo Verde a uma pessoa qualquer à volta do mundo, certamente ela saberá alguma coisa sobre o turismo, as praias da ilha do Sal, esse género de coisas... Penso que poucas pessoas saberão algo sobre a sua música [...].

[Bram Posthumus, Jornalista]

IV.5. Dimensão - Profissionalização do meio artístico e projeção de carreira (s) / internacionalização.

Como se verificou na tabela 5 – Recursos da indústria musical africana, Cabo Verde encontra-se classificado como país com uma indústria musical *embrionária*, no que toca à indústria de espetáculos ao vivo, enquanto na indústria fonográfica afigura-se como tendo uma *indústria emergente, pré-estabelecida* de acordo com a UNESCO (2004) e a UNCTAD (2008; 2010). Nesse sentido, procurou-se analisar os contributos do AME-CV para o desenvolvimento da indústria da musical cabo-verdiana, concretamente na sua passagem à indústria *devidamente estabelecida*. De acordo com depoimentos recolhidos, conclui-se que o AME-CV está a contribuir para a referida indústria, como se poderá constatar na presente análise.

No respeitante à profissionalização do meio artístico, por exemplo, com base nos mesmos depoimentos depreende-se ser necessário uma forte aposta tanto na educação de base como na

formação ao longo da vida transversal a todos os agentes da indústria musical - dos artistas / músicos aos demais profissionais da referida indústria. Segundo os entrevistados o AME-CV está a contribuir, de certa forma, para a formação profissional, através de workshops, partilha entre profissionais, conferências, entre outras ações. Importa, também, referir que o evento é apontado como um espaço onde os artistas / músicos e outros profissionais cabo-verdianos partilham experiências com os seus congéneres internacionais, despertando-se assim para novas realidades e formas de atuação / posicionamento no meio musical, nacional e internacional. Além do mais, tudo isto pode ser uma fonte de inspiração, sobretudo para os mais jovens. O nível profissional que se exige no AME-CV também é referido pelos entrevistados como uma das razões que pode levar os profissionais da música a se tornarem cada vez mais rigorosos e ambiciosos relativamente às suas carreiras / atividades.

É necessário uma profissionalização crescente, que vai do jardim-de-infância ao grau de mestrado ou doutoramento, numa linha contínua. Quando realizámos o AME-CV concluímos que afinal o mundo é muito maior do que a nossa esquina. Isso implica que também estejamos ao nível dos outros. É evidente que com a vinda de experts de todos os lados, com mostra de equipamentos e de tecnologias, isso vai reforçar o nosso mercado e, também, quando os nossos artistas são contratados por outras editoras internacionais, isso vai exigir que os nossos produtores se coloquem ao nível deles. Quando os nossos artistas são selecionados e, os managers são nacionais, estes têm de se especializar em como lidar com os produtores, porque de outra forma não haverá equilíbrio nas contas. Portanto, tudo isso mostra que o AME-CV no fundo, além de um mercado como os outros é uma forma e um espaço de formação. Tendo em conta a realidade de Cabo Verde fazemos muitos workshops, apostamos muito na formação e, também temos um outro fenómeno que não acontece lá fora que é o one-to-one-consultations, a que aqui chamamos o speed meetings, onde todos se encontram, trocam contactos, fazem negócios rapidamente, criam relações e, isto é importante porque vai ajudando. [...].

[Mário Lúcio, Ministro da Cultura de Cabo Verde]

Os profissionais locais têm a possibilidade de adquirirem mais ferramentas e de aprenderem mais sobre o funcionamento do mercado musical internacional. Além de poderem reunir e estabelecer contactos com profissionais internacionais. São três dias em que as pessoas estão geralmente acessíveis, porque se estivessem no escritório, não atenderiam telefonemas e nem marcariam reuniões...

Este ambiente informal e descontraído do AME-CV, onde as pessoas estão mais descontraídas e disponíveis para aconselhar e partilhar experiências, proporciona uma excelente oportunidade de aprendizagem. Nesse sentido, o AME-CV poderá ser um excelente veículo para o desenvolvimento da indústria musical cabo-verdiana.

[Christoph Borkowsky, Presidente do WOMEX].

Importa ainda acrescentar, outros contributos, que segundo Christoph Borkowsky, o AME-CV poderá dar ao setor musical cabo-verdiano:

Ainda no que respeita à importância AME-CV, este impulsiona a estruturação e a organização do setor musical a nível nacional – quando existe uma forte organização no plano nacional o posicionamento a nível internacional é mais forte.

[Christoph Borkowsky, Presidente do WOMEX].

A participação dos artistas cabo-verdianos no AME-CV poderá ajudá-los nas diferentes fases da sua carreira, dependendo do nível em que se encontrem, evidentemente. Sem dúvida que o AME-CV pode ser uma fonte de inspiração para os jovens artistas. Além, da possibilidade de verem o que os colegas estão a fazer, é também uma oportunidade de estarem em contacto com artistas internacionais. Podem aprender imenso, pois eventos desta dimensão fazem os artistas questionarem a sua forma de trabalhar. Ao compararem o seu trabalho com o dos outros colegas, podem constatar que existem alguns pontos que podem ser melhorados ou não, em relação ao trabalho do outro...O AME-CV exige também, um esforço maior dos artistas nacionais no sentido de melhorarem a sua performance em palco, de forma a atrair a atenção das pessoas / profissionais. Além de que é uma plataforma de promoção bastante importante [...].

Pensámos, que a experiência do ano passado levou as pessoas a constatarem que os assuntos abordados nos workshops são de grande interesse e, que aí se pode aprender muito sobre o funcionamento da indústria musical. [...].

Não se trata só de agendar concertos, mas sobretudo do AME-CV constituir-se numa oportunidade de partilha de experiências [...].

[Christine Semba, WOMEX]

Quanto às condições organizativas, técnicas e logísticas, importa referir que, segundo os entrevistados, Cabo Verde atualmente dispõe de recursos humanos e materiais – equipas especializadas, palco, som, luz e vídeo – necessários para responder às exigências de um evento com as dimensões e características do AME-CV. No entanto, ainda assim são necessários reforços. No respeitante à organização do AME-CV, José da Silva realça alguns fatores que, viabilizaram a sua realização e que motivaram o WOMEX a aceitar o projeto, designadamente profissionais nacionais com experiência confirmada.

É importante ter profissionais nacionais com knowhow e contactos fora do país, porque de outra forma, se não houvesse algum conhecimento, trazer profissionais internacionais não seria fácil. Assim, os meus trinta anos de experiência permitiram-me criar vários laços de amizade com muitos profissionais, que fez com que, de facto, tenham tido a confiança de virem a Cabo Verde. Além de que têm visto o resultado do trabalho que temos feito... Constataram que há uma certa seriedade e... a partir daí reuniram-se os requisitos importantes que nos facilitaram a criação de condições para trazer esses profissionais a Cabo Verde. E também, um outro aspeto bastante importante foi a parceria conseguida com o WOMEX, porque é uma estrutura com uma carteira muito importante de profissionais e, que tem também, uma certa seriedade. Outro aspeto bastante importante foi o facto de o WOMEX ter aceitado vir a Cabo Verde por haver um profissional cabo-verdiano que conhecem bem e em que confiam. Viram também que havia um Ministro da Cultura com vontade e meios para fazer as coisas acontecerem... Assim encontravam-se reunidos todos os meios necessários para se fazer o AME-CV [...].

[José da Silva, Presidente da Harmonia Lda.].

Atualmente temos técnicos suficientes em Cabo Verde. Por vezes é só a nível organizacional que sinto a necessidade de trazer um técnico estrangeiro, mas não é uma obrigação, porque já há profissionais suficientes em Cabo Verde capazes de fazer o trabalho [...].

[José da Silva, Presidente da Harmonia Lda.].

[...] em termos técnicos por exemplo, foi excelente.

[rapper / vocalista / compositor, 28 anos, São Vicente]

[...] é de realçar que o AME-CV estava muito bem organizado, tanto do ponto de vista técnico (som, palco, luz...) como logístico.

[cantora, 46 anos, São Vidente]

Os profissionais que trabalham no AME-CV são na minha opinião os melhores que temos em Cabo Verde.

[cantor / compositor 25 anos, Santiago]

Com base no relatório da UNCTAD (2008; 2010), a indústria musical deve ter lugar num ambiente que esteja devidamente regulamentado, eficaz e que a apoie. No seu depoimento, José da Silva, refere-se justamente a esta questão. Segundo ele, o meio artístico cabo-verdiano ainda não se encontra regulamentado. Acrescenta, que não se sabe quem são os agentes porque não existe um sistema de licenciamento que os identifica.

Penso que faltam ainda, no país, alguns aspetos do ponto de vista de organização. Há alguns mecanismos que ainda não estão em funcionamento. O meio do espetáculo não se encontra devidamente regulamentado e, para mim, é muito importante termos regulamentação. Estamos a falar da importância de sabermos quem são os agentes culturais, do licenciamento de agentes. Noutros países, por exemplo, não se pode fazer um espetáculo sem antes adquirir uma licença para o efeito e, para se conseguir a referida licença tem que se passar por um processo de aquisição de requisitos, impostos pelos órgãos competentes, para se poder produzir um espetáculo.

Por exemplo, em França tenho uma licença que é renovada de dois em dois anos. Se fizer um mau trabalho e se não pagar as taxas devidas a licença não é renovada. Este facto cria uma certa ordem no nosso meio profissional, que hoje em dia sofre de uma certa banalização, pois muitas pessoas autointitulam-se de produtores, promovem espetáculos e, naturalmente isto acaba por prejudicar o meio. O que não é normal... O estado também perde com a referida banalização porque normalmente existem taxas que revertem a seu favor, o que o ajuda a financiar a cultura. Nós, no estrangeiro pagamos as taxas, cada bilhete que vendemos é taxado.

[José da Silva, Presidente da Harmonia Lda.].

O Presidente do WOMEX, no seu depoimento, defende que o AME-CV faz parte de um processo de aprendizagem, que naturalmente, para muitos participantes – dos artistas ao público - reduz-se a mais uma oportunidade para se ouvir música e, que é necessário distinguir um mercado musical de um festival. Refere ainda, que o processo de assimilação requer tempo. Exemplo disso é o WOMEX - resultado da acumulação de experiência adquirida com o tempo. Com base nessa experiência, deixa algumas pistas de aspetos a ter em conta, por parte dos artistas / músicos, quando pretendem apresentar o seu trabalho num evento com as características do AME-CV.

Na minha opinião isto é um processo de aprendizagem. Penso que para o público em geral, para a maioria dos artistas e para a imprensa o AME-CV é mais um festival. Inicialmente encararam o AME-CV como sendo mais uma excelente oportunidade para se ouvir música de forma gratuita, não deram conta da importância desse evento e nem do grau de profissionalismo que se requer. [...].

Os artistas / músicos, quando fazem a inscrição para apresentarem um *showcase*, devem saber qual é a melhor forma de apresentar o seu material e, no caso de serem selecionados, como preparar a apresentação. Após a apresentação, os artistas não devem ficar à espera que os profissionais venham à sua procura, mas sim ter a iniciativa de os procurar, particularmente os possíveis compradores do seu produto / música, para confirmar se dispõem de todo o material necessário. Mas para saber quem são os possíveis compradores da sua música, devem antes contactar o promotor e procurarem saber quem são os participantes que estarão presentes no evento. Além de que é necessário fazer o follow-up dos contactos efetuados durante o evento. Essa foi uma das razões que nos levaram a realizar um *workshop* dedicado aos músicos, managers, agentes, etc. Mas, é um processo moroso. Tivemos a oportunidade de verificar, que a sala não estava cheia, o que quer dizer que as pessoas não estavam tão interessadas em aproveitar a oportunidade para tirarem dúvidas, questionarem... Todavia, é normal, quando começámos com o WOMEX não tínhamos a noção do que estávamos a fazer, mas felizmente tivemos a oportunidade de ganhar alguma experiência ao longo deste processo e, sobrevivemos, o que já não é mau. Dada a nossa experiência, por vezes podemos dar bons conselhos a outros que, algumas vezes levam em conta o que dizemos, outras não [...].

[Christoph Borkowsky, Presidente do WOMEX].

Os entrevistados são de opinião que o AME-CV foi a primeira experiência de um evento com estas características, para a maior dos profissionais da música - cabo-verdianos – que não se encontravam preparados para rentabilizar ao máximo a sua participação. Referem que as primeiras edições servem justamente para os preparar e, conseqüentemente, para moldar novas formas de se posicionar perante o evento. Segundo o Ministro da Cultura, na segunda edição os números de inscrições por parte dos nacionais triplicaram - sinal de que os profissionais já estão mais atentos a esse fenómeno de mercado musical.

Nem todos os músicos encontravam-se preparados. É por isso que fizemos o AME-CV. Isto é, hoje, se perguntares ao Ari Duarte de Santo Antão, ao Kaká da Boa Vista, ao Irmãos Unidos da Brava o que é o AME-CV, eles dirão, “já vi o que é”. Na primeira edição não sabiam do que se tratava. Havia os artistas que já tinham participado noutros mercados como Bau, por exemplo. Tivemos artistas que já sabiam do que se tratava o mercado. Este ano tivemos muito mais artistas que já participaram noutros mercados, nomeadamente a Nancy Vieira, os Ferro Gaita. Esses já conhecem o mercado, já estão preparados para tirar o máximo proveito. Nacionalmente o que faço é o seguinte, vou todos os anos a todos os municípios, converso com os músicos no sentido de informá-los do grau de profissionalismo que o mercado exige. Este ano constatámos que houve um maior número de inscrições comparativamente ao ano anterior. Triplicámos o número, em 2013 tivemos 30 inscrições nacionais, este ano tivemos noventa. Além disso, este ano fizemos uma delegação com artistas / músicos cabo-verdianos de todas as ilhas e da diáspora, que estiveram presentes no AME-CV¹⁴, com o intuito de ajudarem os outros a compreenderem o que é esse fenómeno do mercado musical.

[Mário Lúcio, Ministro da Cultura de Cabo Verde]

Não, acho que os agentes culturais cabo-verdianos não se encontrem preparados para tirarem o máximo proveito do AME-CV. Mas penso que este é um processo que exige tempo. As conferências já foram um bom começo, tanto para nós que viemos de fora como para os cabo-verdianos, pois para estes últimos é uma

forma de começarem a abrir as portas, de verem quais são as possibilidades e o potencial existente ao nível internacional. É obvio que, no *workshop* que coordenei surgiram inúmeras ideias, sugestões e, muitas falhas, também [...].

[Deborah Cohen, Consultora e Manager (USA)]

Os artistas cabo-verdianos não se encontram preparados para tirar o máximo proveito do AME-CV. E, atendendo a este facto, estamos a apostar na formação e profissionalização dos artistas / músicos cabo-verdianos. Sendo bastante otimista diria que uma média de 20% tem a noção da importância do AME-CV.

[Ana Maia, Coordenadora do AME-CV]

De referir, que a maioria dos artistas / músicos entrevistados mostram estar cientes de que quando participaram no AME-CV ainda não tinham a real consciência da importância / impacto que este poderia ter nas suas carreiras. Defendem também, que é importante subir a fasquia e o grau de competitividade a nível nacional, e que ainda há muito por aprender.

Penso que o AME-CV está em crescimento, mas devido à sua associação ao WOMEX, que é muito experiente nesta área, já está bastante sólido. Nós, os artistas, é que devemos nos esforçar mais no sentido da profissionalização e da excelência. Abrir a nossa visão, sem perder a nossa essência, claro. Mas é importante referir que os artistas cabo-verdianos não se encontravam preparados para tirar o maior benefício do AME-CV, até porque no início não se estava a perceber do que o AME-CV realmente se tratava. Todavia penso que isto é um processo de aprendizagem.

[guitarrista / compositor / diretor musical, 36 anos, São Vicente]

É importante subirmos a fasquia e o nível de competitividade porque estamos a competir com artistas de topo a nível internacional. No meu caso particular, este ano subirei ao mesmo palco que uma artista que tenho como referência subirá, na qual me inspiro e estudo a sua forma de trabalhar no sentido de melhorar a minha performance em palco. Penso que não foi fácil conseguir criar uma atividade com a dimensão do AME-CV, portanto se quisermos tirar o maior proveito dele temos obrigatoriamente que subir a fasquia. O Ministério da Cultura está a fazer um enorme esforço com o intuito de dar a conhecer o AME-CV à comunidade artística / musical, mas penso que é preciso fazer um esforço ainda maior no sentido de consciencializar os músicos das potencialidades do AME-CV e da sua razão de ser, pois se há ainda uma falta de entendimento por parte do público e dos artistas relativamente ao AME-CV é sinal de que algo está a falhar.

[rapper / vocalista / compositor, 28 anos, São Vicente]

Confesso que os artistas cabo-verdianos ainda não estão preparados para tirar o maior proveito do AME-CV.

[cantora, 28 anos, Fogo]

Talvez, devesse haver sessões de preparação dos artistas / músicos cabo-verdianos, de modo a poderem tirar o máximo proveito do AME-CV. Todavia, penso também que os artistas devem ser mais curiosos e, irem à procura das informações, sobretudo hoje em dia em que se encontra quase tudo na internet.

[cantautora, 29 anos, Santiago]

Diretamente, à projeção de carreira (s) / internacionalização, o AME-CV é referido pelos entrevistados como um possível trampolim para o lançamento de carreiras internacionais de

artistas / músicos que cumpram as exigências profissionais que esse meio requer. Segundo o Presidente do WOMEX fazer um showcase perante uma plateia de profissionais especializados – como acontece no AME-CV - pode mudar a carreira de um artista. Por outro lado, é uma oportunidade para constatarem o potencial da indústria musical, a nível internacional. A possibilidade de estabelecer contactos, que os permitam aceder ao mercado internacional foi outra vantagem apontada pelos entrevistados.

Fazer um showcase, num evento como o AME-CV pode mudar a carreira de um artista. Mas para que isso aconteça o artista deve estar ciente que este apresenta características específicas e diferentes das de um festival e, que poderá ser uma oportunidade única, ao longo da sua carreira. Daí a importância de se preparar, profissionalmente, ao mais alto nível, pois quando se apresenta para uma plateia de profissionais especializados, o nível de qualidade e de excelência deve ser mantido da primeira à última música, de outra forma facilmente perde-se o interesse.

[Christoph Borkowsky, Presidente do WOMEX].

As conferências já foram um belo começo, tanto para nós que viemos de fora como para os cabo-verdianos, pois para estes últimos é uma forma de começarem a abrir as portas, de verem quais são as possibilidades e o potencial existente ao nível internacional. [...].

[Deborah Cohen, Consultora e Manager (USA)]

Na minha opinião o AME-CV acarreta diferentes níveis de ação. Sem dúvida que um deles tem que ver com a produção musical nacional. O objetivo é pôr os artistas / músicos e os restantes profissionais da vertente musical em contacto com profissionais internacionais, apoiá-los no desenvolvimento de uma lista de contactos pessoal, (ou personalizada) assim como ajudá-los a aceder ao mercado internacional e a conseguir exposição na imprensa internacional... [...].

[Christine Semba, WOMEX]

De acordo com o depoimento dos músicos não restam dúvidas que estes encaram o AME-CV como uma oportunidade de projeção / internacionalização das suas carreiras e, que este foi claramente um dos motivos da sua participação.

Vi no AME-CV uma grande oportunidade para a internacionalização da minha carreira. Apesar de ser uma possibilidade e não uma certeza pensei que pudesse ser um excelente investimento. Continuo a pensar que o AME-CV, atualmente, é a melhor ferramenta de que, nós, os músicos cabo-verdianos, dispomos.

[rapper / vocalista / compositor, 28 anos, São Vicente]

O facto de querer investir na minha carreira não só a nível nacional como também internacional... saber que estariam presentes no AME-CV, profissionais bastante influentes no mundo da worldmusic motivou-me a fazer a minha candidatura. Para ter uma ideia, estavam presentes a maioria dos profissionais importantes da worldmusic, para não dizer todos. Além, das atividades paralelas que são realizadas no âmbito do AME-CV (workshops, conferências...) e da possibilidade de estar em contato direto com os profissionais (agentes, produtores...), através do convívio informal, o que não acontece noutros mercados congéneres, no WOMEX, por exemplo.

[cantor / compositor 25 anos, Santiago]

A vontade de encontrar uma oportunidade de sair para fazer concertos fora de Cabo Verde.

[guitarrista / compositor / diretor musical, 36 anos, São Vicente]

Participei com o objetivo de conseguir agendar concertos.

[multi-instrumentista / compositor, 51 anos, São Vicente]

A vontade de encontrar uma oportunidade de sair para fazer concertos fora de Cabo Verde.

[guitarrista / compositor / diretor musical, 36 anos, São Vicente]

Foi o facto de ter participado no fórum sobre a música de Cabo Verde, que me despertou a curiosidade sobre o AME-CV. Além da vontade de querer aprender mais e de abrir o meu horizonte.

[cantor / compositor, 33 anos, Sal]

Primeiro porque já tinha estado no WOMEX duas vezes. E, reparei que, no âmbito do WOMEX, o acesso aos profissionais da música não é fácil. Presumi que aqui em Cabo Verde, o contacto com os profissionais, seria muito mais acessível.

[cantautora, 29 anos, Santiago]

O facto de ter participado nas reuniões sobre o AME-CV fez-me aperceber de que se tratava de algo bastante importante, no qual poderia apresentar o meu trabalho.

[cantora, 28 anos, Fogo]

O motivo maior foi a sorte / benefício de ter um mercado deste género a acontecer em Cabo Verde, um país tão pequeno.

[cantora, 46 anos, São Vidente]

No respeitante aos resultados derivados da sua participação no AME-CV, os depoimentos revelam que, somente um número bastante reduzido obteve convite para realizar espetáculos a nível nacional e internacional. Quando questionados sobre esta questão, obteve-se as seguintes respostas:

Não.

[rapper / vocalista / compositor, 28 anos, São Vicente]

Nada até então...

[multi-instrumentista / compositor, 51 anos, São Vicente]

Não.

[cantor / compositor, 31 anos, Sal]

Sim, houve convites.

[cantora, 46 anos, São Vidente]

Não, as coisas ainda não avançaram para esse ponto.

Não. [cantor / compositor 25 anos, Santiago]

[guitarrista / compositor / diretor musical, 36 anos, São Vicente]

Sim, derivada à minha participação no AME-CV, houve convites para participar em festivais internacionais.

Não. [cantora, 28 anos, Fogo]

[cantautora, 29 anos, Santiago]

Contrato propriamente dito, não... mas fiz bons acordos.

[cantor / compositor, 33 anos, Sal]

CAPÍTULO V – CONCLUSÃO

Tendo como ponto de partida o conceito de economia criativa, o presente trabalho assenta sobre a reflexão de como Cabo Verde está a preparar-se para tirar o melhor proveito da sua indústria cultural, particularmente da música – considerada a mais expressiva atividade artística e cultural do país.

Não obstante a reconhecida importância que a indústria musical – de espetáculo e fonográfica – representa para o país, nos relatórios da UNCTAD (2008; 2010) é classificada como sendo *embrionária e previamente estabelecida*. De notar, que a referida classificação já tinha sido atribuída no documento, *The (Re)naissance of the Music Industry in Sub-Saharan Africa* (UNESCO, 2004).

Utilizando como caso de estudo o *Atlantic Music Expo Cabo Verde* (AME-CV), procedeu-se à realização de entrevistas aos principais atores institucionais - a artistas / músicos e a outros especialistas / agentes culturais - através dos quais se procurou perceber qual o papel do evento na passagem da indústria musical cabo-verdiana à *devidamente estabelecida*, bem como outros benefícios que o mesmo poderá trazer ao país.

O AME-CV é uma plataforma transatlântica de troca cultural (Feira de Música), promovido pelo Ministério da Cultura de Cabo Verde e organizado pelo WOMEX e pela Harmonia Lda., em colaboração com o referido Ministério e financiada pela Cooperação Luxemburguesa.

Este mercado faz parte do leque de iniciativas decorrentes da agenda estratégica do Governo de Cabo Verde (2011 – 2016), levadas a cabo pelo Ministério da Cultura – numa aposta nas economias criativas como um dos pilares para o desenvolvimento do país.

Esta aposta do governo de Cabo Verde parece acertada, pois como se verificou, é inquestionável o papel que a cultura e a criatividade pode representar no crescimento, em vários domínios, de um país / sociedade. Não restam dúvidas que, tratando-se de um país com as características de Cabo Verde, a cultura e a criatividade poderão desempenhar um papel ainda mais preponderante - trazendo benefícios a vários níveis em matéria de desenvolvimento, designadamente económicos. Tendo presente o pressuposto que, face à inexistência de recursos naturais - como é o caso do país em questão – o principal recurso é o homem e a cultura, escusado será referir que não se podem esperar resultados exponenciais sem antes tomar as medidas necessárias que garantam um ambiente propício / “fértil” que favoreça e potencie os referidos recursos.

Apesar do considerável caminho que é necessário percorrer no sentido de criar as condições necessárias para o efetivo desenvolvimento do setor cultural e criativo, Cabo Verde parece estar a avançar nesse sentido.

A indústria musical cabo-verdiana, já está a ter benefícios concretos provenientes da realização do evento, sobretudo no que toca à profissionalização dos diferentes campos dessa indústria. Está a contribuir, também, para a formação de profissionais do setor, projeção de carreira (s), maior internacionalização de artistas / músicos e acesso dos profissionais ao mercado musical internacional. Além disso o evento é também um espaço privilegiado de *networking* e de partilha de informações.

Por outro lado, no seu âmbito são refletidos e discutidos temas tão pertinentes como a atual situação relativa aos direitos autorais e conexos em Cabo Verde. No que respeita a esta questão, depreende-se que é urgente proceder à criação de medidas que se traduzam em resultados efetivos em termos de melhoria de eficácia, nomeadamente no que respeita à implementação de uma Sociedade de Cobrança de Direito de Autor e Direitos Conexos que efetivamente funcione, assim como à criação de entidades organizadoras e regulamentadoras do meio artístico e cultural. Estes factos indicam que o AME-CV está efetivamente, a dar um considerável contributo à indústria musical cabo-verdiana, o que certamente ajudará à sua passagem de *embrionária e previamente estabelecida a devidamente estabelecida*. Todavia, para

se chegar a resultados ainda mais precisos, reconhece-se a utilidade de se complementar este estudo com outros do mesmo tipo – centrados designadamente nas edições futuras.

Quanto às conclusões a que se chegou, com a análise das demais dimensões, elas revelam que um evento com as suas características e abrangência do aqui analisado tem potencial para desencadear uma cadeia de valor a diferentes níveis no seio do país.

Do ponto de vista cultural, o AME-CV é referido como: um movimento da comunidade musical a nível mundial; um espaço que propícia à reflexão de carácter socio-antropológico, à troca e a germinação de novas ideias e iniciativas - que se traduzem em novos caminhos para o panorama musical a nível mundial; uma fonte de aprendizagem para os profissionais nacionais e estrangeiros e um veículo de promoção da música / cultura cabo-verdiana.

No que respeita ao seu contributo económico ao país, nos dias em que decorre, movimenta – em larga escala - capital, bens e serviços. Contribui ainda, para o enriquecimento do sector turístico, gera divisas através de *cachets* e *royalties*. Além disso, é uma plataforma onde os profissionais se podem encontrar para efetivar negócios.

Relativamente à visibilidade do país, contribui para a sua promoção, a participação da imprensa internacional e nacional, dos profissionais que visitam o país e dos espetáculos de artistas cabo-verdianos, realizados no estrangeiro. Além de se traduzir numa plataforma de promoção do turismo, sobretudo cultural.

No que toca à dimensão Política, Pública e Privada como se viu, o AME-CV é uma iniciativa pública com realização de privados, cuja intenção é que em 2016 o evento passe totalmente para as mãos de privados. Porém, a preocupação maior tem a ver com o seu futuro, que se afigura bastante incerto, dado que somente as três primeiras edições é que se encontram financiadas. Outro fator decisivo, prende-se com a continuidade ou não da orientação atual por parte do Ministério da Cultura

Importa referir que, no âmbito de um quadro global, quando se trata de alavancar o desenvolvimento de um país apostando na economia criativa como um dos principais pilares, requer-se um investimento de larga escala nos diferentes domínios da cultura e da criatividade. Mas, é evidente, também, que esse género de iniciativas / ações requerem uma certa priorização e, claramente, Cabo Verde optou por apostar na música em primeiro lugar, o que talvez faça sentido - sendo essa a atividade artística e cultural com maior expressão do país.

Essas ações / medidas têm que ver, mais concretamente, com uma forte e especializada aposta na capacitação dos recursos – humanos – através da educação e da formação continuada - como refere o Ministro da Cultura no seu depoimento: “do jardim-de-infância aos diferentes graus académicos” e, naturalmente na criação de condições que permitam a sua potenciação.

Em suma, atualmente Cabo Verde está empenhado em criar as condições necessárias para que a atividade cultural e criativa seja um dos pilares para o seu desenvolvimento, e que de certa forma já se notam resultados, em particular, no campo da música. Porém, como é evidente, esse género de medidas / ações requerem tempo para que esses resultados possam ser verificados. É necessário que haja uma aposta contínua e a longo prazo. Citando o poeta espanhol, António Machado, “o caminho faz-se caminhando (...)

Fontes

Ministério da Cultura de Cabo Verde (2013), *Relatório AME-CV, primeira edição.*

(documento não publicado)

Ministério da Cultura de Cabo Verde (2014), *Relatório AME-CV, segunda edição.*

(documento não publicado)

Ministério da Cultura de Cabo Verde (2012), *PLEI-Cultura, Plano Estratégico Intersectorial da Cultura.*

Governo de Cabo Verde (2011), *Plano do Governo, VIII Legislatura 2011 – 2016*

Bibliografia

Albarello, Luc (1997), *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*; trad. Luísa Baptista, Lisboa, Gravida.

Banks, Mark e Justin O'Connor (2009), “After the Creative Industries”, *International Journal of Cultural Policy*, 15 (4), pp. 365-373.

Bloor, Michael e Fiona Wood (2006), *Key Words in Qualitative Methods: a vocabulary of research concept*, London, Sage Publications.

BOP Consulting, Pablo Rosselló e Shelagh Wright (2010), *Mapping the Creative Industries: a toolkit*. London, British Council.

British Council, (2005), *Annual Report: Measuring Success*, Londres, British Council.

- Caves, Richard E. (2000), *Creative Industries: contracts between art and commerce*, Cambridge, Harvard University Press.
- Costa, António Firmino da (1986), “A Pesquisa de Terreno em Sociologia” in Augusto Santos Silva e José Madureira Pinto (orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto, Edições Afrontamento.
- Cunningham, S. (2001), “From Cultural to Creative Industries: theory, industry and policy implications, Culturelink”, *Special Issue*, 19–32.
- Davies, Rosamund e Sigthorsson (2013), *Introducing the Creative Industries: from theory to practice*, London, Sage Publications.
- DCMS, (1998), *Creative Industries Mapping Document*, Department of Culture, Londres, Media and Sports,
- Flew, Terry (2009), “The Cultural Economy Moment?”, *Cultural Science*, 2 (1), pp. 1-11.
- Flew, Terry e Stuart D. Cunningham (2010), “Creative Industries after the First Decade of Debate”, *The Information Society*, 26 (2), pp. 113-123.
- Flew, Terry (2005a), *Creative Economy*, In Hartley, John (Ed.) *Creative industries*. Blackwell Publishing, Malden, pp. 344-360.
- Flew, Terry, (2012b), *The Creative Industries: culture and policy*, Los Angeles, Sage Publications.
- Florida, Richard (2002a), *The Rise of the Creative Class: and how it's transforming work, leisure, community and everyday life*, New York, Basic Books.
- Florida, Richard (2004b), *Europe in the Creative Age*, Londres, Demos.
- Florida, Richard (2005c), *Cities and the Creative Class*, New York, Routledge
- Florida, Richard (2005d), *The Flight of the Creative Class*, New York, Harper Business
- Galloway, Susan e Stewart Dunlop (2007), “A critique of definitions of the cultural and creative industries in public policy”. *International Journal of Cultural Policy*. 13 (1), pp. 17-31.
- Hartley, John (2005), *Creative Industries*, Malden, MA: Blackwell Pub.
- Hesmondhalgh, David (2002), *The cultural industries*, London, Sage Publications.
- Hessler, Martina e Clemens Zimmermann (2008), *Creative Urban Milieus: historical perspectives on culture, economy, and the city*, Frankfurt, Campus Verlag.

- Horkheimer, Max e Theodor W. Adorno (1972), *Dialectic of enlightenment*, New York, Herder and Herder.
- Howkins, John (2001), *The Creative Economy: how people make money from Ideas*, London, Penguin.
- Huberman, A. M. e Matthew B. Miles (2002), *The Qualitative Researcher's Companion*, Thousand Oaks, Sage Publications.
- Immy, Holloway (1997), *Basic Concepts for Qualitative Research*, London, Blackwell Science.
- KEA European Affairs (2006), *The Economy of Culture in Europe*. Brussels, European Commission. Disponível em: <http://www.keanet.eu/Ecoculture/Study%20new.pdf>
- Kong, Lily e Justin O'Connor (2009), *Creative Economies, Creative Cities: Asian-European perspectives*, Dordrecht, Springer Netherlands
- Marshall, Catherine e Gretchen B. Rossman (2011), *Designing Qualitative Research*, California, Sage Publications.
- Mateus, Augusto (2010), *O Sector Cultural e Criativo em Portugal*, estudo para o Ministério da Cultura - Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais, Relatório Final.
- César A. (2011), *Música Migrante em Lisboa: trajectos e práticas de músicos cabo-verdianos*, Lisboa, Mundos Sociais.
- OECD/AfDB/UNDP (2014), *Perspetivas Económicas em África 2014: as cadeias de valor globais e a industrialização de África*, OECD Publishing.
- Peterson, Richard A. (1997), "Popular music is plural", *Popular Music and Society*, 21 (1), pp. 53-58.
- Pratt Andy C., Paul Jeffcutt (2009), *Creativity, Innovation and the Cultural Economy*, Londres, Routledge
- Pratt, Andy (2009), *The Challenge of Governance in the Creative and Cultural Industries*, Governance der Kreativwirtschaft, Diagnosen und Handlungsoptionen, Transcript verlagpp271-288.
- Pratt, Andy C (2005), "Cultural industries and public policy", *International journal of cultural policy*, 11 (1), pp. 31-44.
- Quivy, Raymond e Luc Van Campenhoudt (1992), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Grávida.

- Rubin, Herbert J. e Irene Rubin. (1995), *Qualitative Interviewing: the art of hearing data*, Thousand Oaks, Sage Publications.
- Silva, Alveno F. (2003), *Aspectos Político-sociais na Música de Cabo Verde do Século XX*, Praia, Centro Cultural Português.
- Tavares, Manuel de Jesus (2005), *Aspectos Evolutivos da Música Cabo-verdiana*, Praia, Centro Cultural Português.
- Tepper, Steven J. (2002) “Creative Assets and the Changing Economy”, *The Journal of Arts Management, Law, and Society*, 32 (2), pp. 159-168.
- UNCTAD e UNDP (2008), *Creative Economy Report 2008, Creative Economy, The Challenge of Assessing the Creative Economy: towards informed policy-making*. Geneva, United Nation.
- UNCTAD e UNDP (2010), *Creative Economy Report 2010, Creative Economy: a feasible development option*. Geneva, United Nation.
- UNESCO (2004), *Take Note: The (Re) Naissance of the Music Industry in Sub-Saharan Africa*. Paper prepared by Cecile Ambert of Development Works for The Global Alliance for Cultural Diversity, Division of Arts and Cultural Enterprise, UNESCO, Paris.
- UNESCO (2013), *Creative economy report 2013 special edition: widening local development pathways*, Geneva, UNCTAD.

Webgrafia

- Cabo Verde 2030: <http://caboverde2030.com/sites/default/files/II%20FNT%20WS%204.5%20-%20Claudia%20Leit%C3%A3o%20-%2016-5-2014.pdf>
- Cabo Verde Luxemburgo – cooperação ao desenvolvimento:
http://luxdev.lu/files/documents/CVE_port_light.pdf
http://www.wipo.int/wipo_magazine/en/2013/05/article_0003.html
www.coscap.org
www.harmonia.cv
www.krioljazzfestival.com
www.nativerhythms.co.za
www.sacem.fr
www.sheerpublishing.co.za
www.soca.cv

www.womex.com

www.worldmusic.net

www.panapress.com

Anexos

Tabela 7 - Lista de entrevistados

ENTREVISTAS REALIZADAS NO ÂMBITO DA SEGUNDA EDIÇÃO DO AME-CV - entre 03 a 13 de Abril de 2014	
NOME	ATIVIDADE
Institucionais	
(1) Mário Lúcio	Ministro da Cultura de Cabo Verde
(2) Ana Maia	Coordenadora AME-CV – Ministério da Cultura
(3) Christoph Borkowsky	Presidente do WOMEX
(4) Christine Semba	Diretora do Departamento de Consultoria e Projetos Especiais do WOMEX, Consultora, Curadora, <i>Networker</i> e Perita para União Europeia e UNESCO
(5) José da Silva	Presidente da Harmonia Lda.
Outros Agentes Culturais	
(1) Deborah Cohen	Consultora e Manager (USA)
(2) Bram Posthumus	Correspondente no West Africa na Words & Sounds, colaborador na Economist Intelligence Unitindependent, Jornalista e Editor na Posthumus
Artistas / Músicos	
(1) Batchart	Rapper / Vocalista / Compositor, 28 Anos, São Vicente
(2) Bau	Multi-instrumentista / Compositor, 51 Anos, São Vicente
(3) Dani Santoz	Cantor / Compositor, 31 Anos, Sal
(4) Diva Barros	Cantora, 46 Anos, São Vicente
(5) Djodje	Cantor / Compositor, 25 Anos, Santiago
(6) Hernani Almeida	Guitarrista / Compositor / Diretor Musical, 36 Anos, São Vicente
(7) Neusa	Cantora, 28 Anos, Fogo
(8) Sara Alinho	Cantautora, 29 Anos, Santiago
(9) Uziel Sanca	Cantor / Compositor, 33 Anos, Sal
(16) Total de entrevistas realizadas	

Guiões de entrevista

(A) Mário Lúcio – Ministro da Cultura de Cabo Verde

- (1) Quais foram as suas principais motivações para criar o AME-CV?
- (2) Alcançou todos os objetivos previstos?
- (3) Quais as suas expectativas a médio e a longo prazo?
- (4) Qual é o impacto económico que o AME-CV poderá ter na sociedade cabo-verdiana?

- (5) Tendo em conta o facto de organismos internacionais como a UNCTAD, considerarem que a indústria musical cabo-verdiana (indústria de espetáculos) se encontra numa fase “embrionária” e (indústria fonográfica/discográfica) é considerada “emergente/previamente estabelecida”, que passos pensa dar no sentido de torná-las indústrias “devidamente estabelecidas”?
- (6) A % de artistas cabo-verdianos a participar no AME-CV vai-se manter ou poderá alterar de ano para ano?
- (7) Quais são os critérios de seleção dos artistas que participam no AME-CV?
- (8) Segundo o Ministro da Cultura após três anos o AME-CV passará para as mãos de privados, na sua opinião existem condições por parte de privados para se dar esse passo?
- (9) Na sua opinião os artistas cabo-verdianos encontram-se preparados para tirar o máximo proveito do AME-CV?
- (10) O AME-CV possui uma equipa de profissionais especializados, nas diferentes áreas?
- (11) Outros aspetos relevantes não referidos antes?

(B) Ana Maia – Coordenadora AME-CV – Ministério da Cultura

- (1) Que balanço faz da primeira e segunda edição do AME-CV?
- (2) Quais as suas expectativas a médio e a longo prazo?
- (3) Na sua opinião existe, atualmente, alguma entidade cabo-verdiana com capacidade profissional e financeira para dar continuidade ao AME-CV?
- (4) Caso não haja uma entidade privada interessada em dar continuidade ao projeto, que soluções poderá haver?
- (5) Na sua opinião os artistas cabo-verdianos encontram-se preparados para tirar o máximo proveito do AME-CV?
- (6) Quais são as soluções?
- (7) Que benefícios o AME-CV poderá trazer para Cabo Verde, do ponto de vista cultural e económico?
- (8) Existe, em Cabo Verde, uma cadeia de valor incluindo uma indústria fonográfica e de espetáculos, com profissionais especializados em todas as áreas, sobretudo entidades reguladoras (cobrança de direitos de autor, licenciamento de espetáculos, publishers, entre outros)?
- (9) Outros aspetos relevantes não referidos antes?

(C) Christoph Borkowsky - Presidente do WOMEX

- (1) O que fez o WOMEX associar-se ao AME-CV?
- (2) Fiz essa pergunta, justamente porque segundo o nosso Ministro da Cultura foi bastante difícil convencê-lo a associar o nome do WOMEX ao AME-CV. Nesse sentido, o que lhe fez acreditar no AME-CV ao ponto de associar-se a essa jornada?
- (3) Pode fazer um breve balanço da primeira e da segunda, edições do AME-CV?
- (4) Qual poderá ser a importância do AME-CV na indústria musical cabo-verdiana?

- (5) Na sua opinião os artistas/músicos e a imprensa cabo-verdiana estavam preparados para tirar o maior proveito do AME-CV?
- (6) Quais são os benefícios culturais e económicos que o AME-CV poderá trazer a Cabo Verde a longo prazo?

(D) Christine Semba – Diretora do Departamento de Consultoria e Projetos Especiais do WOMEX, Consultora, Curadora, *Networker* e Perita para União Europeia e UNESCO

- (1) Que balanço faz das duas edições do AME-CV?
- (2) O que faz com que o AME-CV seja diferente dos mercados congéneres?
- (3) Que melhorias precisam ser feitas?
- (4) Tendo em conta o facto de organismos internacionais como a UNCTAD, considerarem que a indústria musical cabo-verdiana (indústria de espetáculos) se encontra numa fase “embrionária” e a (indústria fonográfica/discográfica) é considerada “emergente/previamente estabelecida”, pensa que o AME-CV poderá ser o caminho para torná-las indústrias “devidamente estabelecidas”?

(E) José da Silva - Presidente da Harmonia Lda.

- (1) Que balanço faz da primeira edição do AME-CV?
- (2) Quais foram as suas principais motivações para associar-se ao AME-CV?
- (3) Quais as suas expectativas relativas ao AME-CV a médio e a longo prazo?
- (4) Segundo o Ministro da Cultura após três anos o AME-CV passará para as mãos de privados. Na sua opinião existem condições por parte de privados para se dar esse passo?
- (5) Qual é a sua visão para a indústria musical em cabo Verde a médio e a longo prazo?
- (6) Que importância uma atividade com as características do AME-CV poderá ter para indústria musical cabo-verdiana (espetáculos e fonográfico)?
- (7) Na sua opinião os artistas cabo-verdianos encontram-se preparados para tirar o máximo proveito do AME-CV?
- (8) Que medidas tomar no sentido de os preparar?
- (9) Que benefícios o AME-CV poderá ter para Cabo Verde, tanto do ponto de vista cultural como económico?
- (10) Organismos internacionais como a UNCTAD classificam a indústria musical cabo-verdiana, (indústria de espetáculos) como sendo embrionária e (indústria fonográfica/discográfica) como sendo emergente/previamente estabelecida. Que passos a dar no sentido de torná-las indústrias devidamente estabelecidas?
- (11) Na sua opinião existem condições financeiras por parte de outros agentes para poder internacionalizarem-se?
- (12) Na sua opinião o AME-CV poderá ser um veículo para torná-las indústrias devidamente estabelecidas?
- (13) O staff da Harmonia, que se ocupa de questões relacionadas com a produção, técnica (palco, luz, som e vídeo) e logística, é composto somente por cabo-verdianos ou há necessidade de contratar técnicos estrangeiros?

(14) Outros aspetos relevantes não referidos antes?

(F) Deborah Cohen – Consultora e Manager (USA)

- (1) O que motivou a sua vinda a Cabo Verde no âmbito do AME-CV?
- (2) Qual poderá ser o impacto do AME-CV, tanto do ponto de vista económico como do ponto de vista cultural, para Cabo Verde?
- (3) Os agentes culturais cabo-verdianos encontram-se preparados para tirarem o máximo proveito do AME-CV?
- (4) AME-CV poderá funcionar como via para a resolução desses problemas?
- (5) Qual é o balanço que faz do AME-CV 2014?
- (6) Tendo em conta o facto de organismos internacionais como a UNCTAD, considerarem que a indústria musical cabo-verdiana (indústria de espetáculos) se encontra numa fase “embrionária” e a indústria fonográfica/discográfica é considerada “emergente/previamente estabelecida”, pensa que o AME-CV poderá ser o caminho para torná-las indústrias “devidamente estabelecidas”?
- (7) O que é que distingue o AME-CV de outros mercados musicais no mundo?

(G) Bram Posthumus - correspondente no West Africa na Words & Sounds, colaborador na Economist Intelligence Unit/independent, Jornalista e Editor na Posthumus

- (1) O que motivou a sua vinda ao AME-CV?
- (2) O que encontrou no AME-CV foi ao encontro das suas expectativas?
- (3) Na sua opinião todo o potencial do AME-CV está a ser aproveitado pela imprensa na promoção de Cabo Verde?
- (4) Quais poderão ser os benefícios culturais e económicos do AME-CV para Cabo Verde?

(H) Artistas / Músicos – Pré-evento

- (1) Como é que obteve informações sobre o AME-CV?
- (2) Quem fez a sua inscrição no AME-CV, você ou o seu *manager*?
- (3) O que motivou a sua inscrição no AME-CV?
- (4) Quais foram as suas expectativas ao se inscrever no AME-CV?
- (5) Quais os resultados (espetáculos, direitos de autor, vendas de fonogramas)? Em CV? No estrangeiro?

Evento

- (1) A equipa do AME-CV proporcionou-lhe as condições requeridas para a sua apresentação?
- (2) As condições disponibilizadas foram de encontro às suas expectativas?

- (3) Teve oportunidade de se reunir com profissionais internacionais (músicos, managers, produtores, promotores e outros)?
- (4) Ficou com uma lista de contactos internacionais?
- (5) Os contactos foram desenvolvidos no ambiente formal (speed meetings) ou informal (convívios)
- (6) Fechou contratos no âmbito do evento?
- (7) Teve acesso a informações que de outra forma não teria?
- (8) Participou noutras atividades (workshops, conferências entre outras) desenvolvidas pelo AME-CV?

Pós-evento

- (1) Manteve os contactos feitos no âmbito do AME-CV?
- (2) Assinou contratos provenientes dos contactos feitos no AME-CV?
- (3) Recebeu convites internacionais após a sua participação no AME-CV?
- (4) Manteve o valor do seu *cachet* ou aumentou-o após a sua participação no AME-CV?
- (5) Outros aspetos relevantes não referidos antes?

Transcrição de entrevistas

(A) Entrevista – Mário Lúcio – Ministro da Cultura de Cabo Verde

- (1) Quais foram as suas principais motivações para criar o AME-CV?

Essencialmente a música em Cabo Verde tem um peso muito forte, tanto em termos simbólicos, antropológicos, sociais e culturais como sabemos também em termos económicos. Basta olharmos pelo número de festivais de música, pelo número de CD's que vendemos, o número de *shows* que fazemos tanto a nível nacional como a nível internacional.

O que acontece é que quando temos uma capacidade como a que temos na área da música, com toda essa potência, nós temos de investir e capitalizar isso, sob o risco de chegar o momento em que já não há pessoas que saibam tocar com as técnicas tradicionais, que já não há pessoas que saibam interpretar corretamente porque não estudaram, ou porque também não estivemos suficientemente em contacto com o mundo ou porque não investimos na exportação. Por sermos um país muito pequeno se não levarmos a cabo as atividades acima referidas, poderá haver um desincentivo, falta de estímulo e isso iria afetar a nossa música, pelo que era urgente criarmos um evento que a exportasse no máximo.

Aqui analisamos essencialmente as nossas capacidades porque somos um país com poucos recursos e, da forma como está conformado o mundo da música dificilmente chegaríamos longe enviando um grupo por ano ao mercado A ou ao mercado B. Achamos que deveríamos pensar de uma forma generosa e forte, criando um mercado em Cabo Verde, e, foi por isso que nós tentámos. Associámo-nos a vários mercados do mundo e criámos o *Atlantic Music Expo* Cabo Verde. A nossa ideia era justamente isso, não ficar fechado somente em Cabo Verde mas sim, abranger todo o Atlântico e, agora todo mundo, porque outras músicas chamariam também outras pessoas. Nós conseguimos ter dos vinte e seis grupos que tocaram no AME-CV, que catorze fossem cabo-verdianos. Estamos a conseguir chamar a atenção do mundo para a nossa música, já estamos a consolidar o mercado, isso já está a mexer com o sistema, com os músicos, com as escolas, com os profissionais. Isto é uma forma de conseguir que a economia baseada na música continue a triunfar.

(2) Alcançou todos os objetivos previstos?

Neste momento os objetivos estão ultrapassados. No primeiro ano nós esperávamos uma coisa mais pequena, o que já era bom e, foi o que foi. No segundo ano esperávamos consolidar o ano passado. Triplicou em termos de números, de interesses de todo o tipo. Esses interesses não foram somente em termos dos profissionais da música, mas quando recebemos aqui cinquenta e seis jornalistas de vários órgãos do mundo todo, isso mostra que querem realmente saber o que está a acontecer aqui. Os profissionais também já disseram que este é um mercado diferente, nós queremos vir aqui porque fazemos ótimos negócios, passamos bons momentos. Portanto, neste momento todos os objetivos estão alcançados. O objetivo da consolidação da segunda edição, tanto de um disco como de um livro é sempre mais difícil, mas nós conseguimos isso e, claro que a dinâmica das coisas colocaram a fasquia muito alta. Isso só nos apela a ser mais competentes e, também sermos mais visionários e trabalhar com maior dinâmica.

(3) Quais as suas expectativas a médio e a longo prazo?

Bom, penso que as minhas expectativas é que os privados, tanto os nacionais como os internacionais se interessem em fazer a gestão no sentido de levar por diante esse mercado, como acontece noutras partes do mundo. Em Cabo Verde o estado teve que lançar essa ideia porque era importante ocuparmos essa franja do mercado e, agora cabe aos privados. Nós vamos fazer uma cooperação com os privados de modo a que Cabo Verde continue a ter esse espaço conquistado e, estamos a ver interesses. Tudo indica que a partir de 2016 o mercado vai continuar a crescer, espero bem que sim, mas toda a iniciativa estaria nas mãos dos privados, que possam ter então o apoio, a colaboração e a parceria do estado. Mas creio que, pelos números que temos, pelos profissionais envolvidos, pela forma serena e humilde com que estamos a trabalhar o mercado só tem a crescer até chegar a um ponto em que concluímos que a expansão está boa e, agora vamos consolidá-la. E, a partir daí colher outros novos produtos que virão. O mercado já está a puxar pelo turismo, pela hotelaria, pela formação, pela filosofia (estamos a trabalhar a ideia da criouliização) que já está a suscitar discussões profundas, socio-antropológicas (o que é isso? o que é o atlântico? o que é ser crioulo?). Portanto, dado a essa dinâmica, parece-nos que isso vai-se tornar um movimento.

Fiz um balanço com um consórcio internacional para perspetivar a próxima edição, sempre fazemos isso (e agora?) e, a ideia clara que há é que o AME-CV já não é um mercado, é um movimento da comunidade musical, mundial. Isto aconteceu por pura lógica, não foi pensado. Mas, temos ingredientes que não existem em outros mercados e, estamos a querer, também, explorá-los.

(4) Qual é o impacto económico que o AME-CV poderá ter na sociedade cabo-verdiana?

Colateralmente o AME-CV começou a ter impacto económico e social desde a primeira edição. Na primeira edição vimos como é que a Cidade da Praia se movimentou. Temos a nossa forma de medição e, vimos como é que toda a cadeia de valor entrou em movimento, desde os transportes aéreos com as linhas todas cheias, tanto nacional como internacional, os hotéis cheios, os bares e os restaurantes completamente abarrotados, os táxis e as telecomunicações com muitas transferências de dados durante esses dias, via satélite, via linha fixa, via móvel... enfim há um grande consumo nesses dias. Também, vimos o impacto que isso tem na formação de pessoas, o que abre possibilidades para novos mercados e novas profissões, isto no impacto mais direto. Este ano como houve o palco urbano vimos muita inclusão social, a vinda da periferia para o AME-CV, interessados em ver o nível dos artistas internacionais isso motiva-nos também a ter maior qualidade. O impacto essencial do AME-CV é termos conseguido criar o mercado. Pode haver um grande impacto financeiro, como alias já aconteceu noutra parte do mundo e, entretanto os profissionais disseram, sim, mas não nos interessa vir na próxima edição. Estamos em crer que, com as evoluções que as coisas estão a ter, o AME-CV, também, possa vir a ser um chamariz turístico, não só pela música. Nós tivemos este ano, por exemplo, um sinal da Malásia, que veio para promover o país. Vamos também tentar explorar isso na próxima edição, que venham países se exporem como se de uma feira turística se tratasse.

(5) Tendo em conta o facto de organismos internacionais como a UNCTAD, considerarem que a indústria musical cabo-verdiana (indústria de espetáculos) se encontra numa fase “embrionária” e (indústria fonográfica/discográfica) é considerada “emergente/previamente estabelecida”, que passos pensa dar no sentido de torná-las indústrias “devidamente estabelecidas”?

Sim, nós reparamos que somos muito criativos, mas deparamos também com um problema de organização e de coletivismo. É necessário uma profissionalização crescente, que vai do jardim-de-infância ao grau de mestrado ou doutoramento, numa linha contínua.

Quando realizámos o AME-CV concluímos que afinal o mundo é muito maior do que a nossa esquina. Isso implica que também estejamos ao nível dos outros. É evidente que com a vinda de *experts* de todos os lados, com mostra de equipamentos e de tecnologias, isso vai reforçar o nosso mercado e, também, quando os nossos artistas são contratados por outras editoras internacionais, isso vai exigir que os nossos produtores se coloquem, também, ao nível deles. Quando os nossos artistas são selecionados e, os *managers* são nacionais, estes têm de se especializar em como lidar com os produtores, porque de outra forma não haverá equilíbrio nas contas. Portanto, tudo isso mostra que é uma forma, o AME-CV no fundo, além de um mercado como os outros é um espaço de formação. Tendo em conta a realidade de Cabo Verde fazemos muitos *workshops*, apostamos muito na formação e, também temos um outro fenómeno que não acontece lá fora que é o *one-to-one-consultations*, o que aqui chamamos o *speed meetings*, onde todos se encontram, trocam contactos, fazem negócios rapidamente, criam relações e, isto é importante porque vai ajudando. As pessoas que nos visitam, observam o país e apercebendo-se do que não temos, investem também aqui. Portanto, tudo indica positivamente que o mercado já está a se estruturar. Nós já estamos a nos aperceber disso. Pessoas que se achavam, não eu fico aqui à espera que o meu serviço seja contratado, agora não, vão ao AME-CV, expõem-se, trocam contactos e, isso ajuda, logicamente toda a indústria, toda a cadeia das indústrias culturais.

(6) A % de artistas cabo-verdianos a participar no AME-CV vai-se manter ou poderá alterar de ano para ano?

Isso depende, porque nós solicitamos essa condição. Em todos os mercados no mundo, em nenhum há cotas nacionais. Lança-se a candidatura, as pessoas candidatam-se, saem os resultados e ali vão... Eu já estive num mercado na Dinamarca onde não havia nenhum artista dinamarquês no mercado. Estive recentemente, também, na Grécia só havia um artista grego, porque o júri internacional faz a seleção sem ter em conta o país. Nós o que fazemos é, dividimos mesmo as candidaturas, há as candidaturas internacionais, selecionados pelo júri internacional e há as candidaturas nacionais selecionadas pelo mesmo júri, mas não entramos no bolo comum. Vamos ver se conseguimos manter essa característica, porque o mercado tem as suas regras, pode ser que amanhã digam: “não, nós queremos uma situação igual para todos”, ou desçam as cotas. Em vez de ter catorze grupos nacionais passa a ter doze, dez, oito e, ainda assim podemos dar-nos por muito satisfeitos. Mas, por agora a avaliação que temos de outros profissionais é que Cabo Verde tem uma música praticamente infinita e, eles querem descobri-la cada vez mais. Estando em Cabo Verde soa bem essa dose que nós temos de setenta por cento de grupos cabo-verdianos, mas não será uma imposição, porque o mercado não é só nosso.

(7) Quais são os critérios de seleção dos artistas que participam no AME-CV?

Os critérios são os critérios do júri, os mesmos que são aplicados em todo o mundo. Nem conheço esses critérios porque não faço parte e, como é logico tenho que manter o máximo de distância. Mas eu já fui candidato quando eu era artista. Nós tivemos treze anos a submeter candidaturas para conseguir um lugar no WOMEX, conseguimos depois de treze anos a tentar porque são milhares e, isso vai ser cada vez mais difícil. No ano passado tivemos oitenta inscrições internacionais e este ano tivemos duzentos e, há pessoas como a artista brasileira, Giani Viscardi, que disse: “eu fui candidatar-me no WOMEX, não passei, vi o AME-CV candidatei-me e passei e, toda o WOMEX estava cá”. Portanto, as pessoas estão a se aperceber que não é um outro mercadinho, é um mercado onde vêm todos os profissionais. Se não se consegue num, consegue-se no outro. Temos alguma vantagem em relação a outros mercados que são dispersos. O nosso é muito concentrado, as pessoas todas juntas e, os profissionais realmente assistem aos espetáculos, nós não temos espetáculos paralelos, exceto no caso da música urbana, o que é uma vantagem. Outros mercados já estão interessados em copiar o modelo, mas devido à dimensão não conseguem fazer um espetáculo atrás do outro, tem que ser simultâneo.

Aqui há vários critérios, o da qualidade, que é o maior, porque o júri tem uma responsabilidade, se os profissionais vierem e os artistas forem maus, não voltam. Portanto, têm de ser muito bons. O segundo critério tem que ver com a organização, porque trata-se de um mercado. Quando se apresenta uma música e ela é boa, pergunta-se, há uma organização por trás? Tem um *manager*? Tem um contacto? Já houve casos, por exemplo, no ano passado houve um grupo que foi selecionado para participar no WOMEX e, que nunca mais conseguiram contactá-lo. Não se obteve respostas aos emails, os contactos não funcionaram, portanto não serve de nada. Uma das exigências do mercado é ter uma estrutura profissional por trás. Outro ponto, é que os júris votam isoladamente, vão votando e vão

atribuindo pontos e, no final vê-se a soma total dos pontos. Os músicos cabo-verdianos também são avaliados da mesma forma que os internacionais, só que nós separámos os dois para que pudéssemos ter mais cota.

(8) Segundo o Ministro da Cultura após três anos o AME-CV passará para as mãos de privados, na sua opinião existem condições por parte de privados para se dar esse passo?

O que nós estamos a dizer é do ponto de vista da organização. No ano passado (primeira edição) o Ministério da Cultura teve um envolvimento à volta de 60%, este ano (segunda edição) tivemos um envolvimento de menos de 40%. Portanto, AME-CV é executado, desde o *general management*, toda a preparação dos *showcases*, toda a parte gráfica do evento, direção de palco, engenharia de som e de luz, segurança, tudo é feito por privados. Nós fizemos um contrato com um privado nesse domínio, porque o que nós queremos é que até a parte da diplomacia, que vamos continuar a fazer, não tenha a participação e o peso que o Ministério da Cultura tem atualmente. No fundo é a legitimação. Neste momento o AME-CV é da organização do Ministério da Cultura do Governo de Cabo Verde. Em 2017 o AME-CV será dos profissionais cabo-verdianos ainda que continuemos a ter a mesma participação, a legitimação será outra. É passar a marca, o estado partilha a marca, até ao dia que oferece a marca aos profissionais cabo-verdianos. Chegando-se a conclusão de que, muito bem, estando capacitados a marca agora é vossa. No entanto, o estado deve continuar a investir fortemente e a fazer diplomacia cultural porque a marca antes de mais é do país.

(9) Na sua opinião os artistas cabo-verdianos encontram-se preparados para tirar o máximo proveito do AME-CV?

Nem todos. É por isso que fizemos o AME-CV. Isto é, hoje, se perguntares ao Ari Duarte de Santo Antão, ao Kaká da Boa Vista, ao Irmãos Unidos da Brava o que é o AME-CV, eles dirão, “já vi o que é”. Na primeira edição não sabiam do que se tratava. Havia os artistas que já tinham participado noutros mercados como Bau, por exemplo. Tivemos artistas que já sabiam do que se tratava o mercado. Este ano tivemos muito mais artistas que já participaram noutros mercados, nomeadamente a Nancy Vieira, os Ferro Gaita. Esses já conhecem o mercado, já estão preparados para tirar o máximo proveito. Nacionalmente o que faço é o seguinte, vou a todos os anos a todos os municípios, converso com os músicos no sentido de informá-los do grau de profissionalismo que o mercado exige. Este ano constatámos que houve um maior número de inscrições comparativamente ao ano anterior. Triplicámos o número, em 2013 tivemos 30 inscrições nacionais, este ano tivemos noventa. Além disso, este ano fizemos uma delegação com artistas / músicos cabo-verdianos de todas as ilhas e da diáspora, que estiveram presentes no AME-CV’14, com o intuito de ajudarem os outros a compreenderem do que é esse fenómeno do mercado musical.

(10) O AME-CV possui uma equipa de profissionais especializados, nas diferentes áreas?

O AME-CV funciona da seguinte forma: o Ministério da Cultura, que associado ao Ministério das Finanças e ao Ministério das Relações Exteriores, conseguiram um fundo da Cooperação Luxemburguesa, destinado à criação de um mercado para música cabo-verdiana. Ao termos esse financiamento, lançou-se um concurso internacional e, o WOMEX que o ganhou, formou um consórcio constituído pelo Porto Musical do Brasil, o WOMEX mundial e a Harmonia Produções, empresa cabo-verdiana, que representa o WOMEX e que contrata empresas de som, luz, palco, segurança, *stands*, ... fazem tudo. Nos, o Ministério da Cultura, ocupamos da área oficial, entidades, protocolo, procuramos financiamento através do mecenato, do patrocínio, para que possamos pagar os custos extras do mercado. Esse consórcio, tem especialistas mundiais que, são os mesmos que fazem o WOMEX, na área de imprensa, do grafismo, da web, da comunicação no geral, do jurado... ou seja, têm uma gama de serviços e, nós contratamos esses serviços para execução do AME-CV. Portanto, é fácil aperceber-se de que o AME-CV está proto para passar para mãos de privados em termos de execução, enquanto em termos financeiros ainda vai levar o seu tempo.

(11) Outros aspetos relevantes não referidos antes?

Eu acho que há um outro aspeto importante que tem que ver com o AME-CV e o arquipélago. Defendo uma filosofia profunda que é o seguinte, vivendo num arquipélago não devemos ter noções centralistas. Por exemplo, se tivermos um grande Museu Nacional na Cidade da Praia, esse museu não servirá com toda a sua potencialidade à ilha do Maio, que ainda fique a sete minutos de avião, trinta quilómetros, não podem pegar no carro e dizer vamos visitar o museu. Daí que é bom que haja museus municipais, e o conjunto de todos os museus municipais formarem o Museu Nacional. Relativamente ao AME-CV o meu sonho é que logo que se consolide e, que tenha uma equipa

nacional fortíssima, comece a girar pelas ilhas. O meu sonho é que haja um concurso como se faz no estrangeiro, em que os municípios apresentam os seus projetos de candidatura, onde dizem: “temos teatros, temos salas, temos parques, temos praças, temos hotéis, temos seiscentas camas, temos táxis, temos comunicação que funciona, temos banda-larga, temos segurança, portanto temos condições para receber o AME-CV”.

Parece-me que o AME-CV poderia, parar três anos, por exemplo, numa ilha de forma a se poder consolidar e, que a próxima ilha a recebe-lo pudesse enviar pessoas para a ilha promotora no sentido de haver preparação prévia, de forma a se criar intercâmbios, de troca de experiência e de passagem de testemunho.

(B) Entrevista – Ana Maia – Coordenadora AME-CV – Ministério da Cultura

(1) Que balanço faz da primeira e segunda edição do AME-CV?

Excetuando os constrangimentos relacionados com uma atividade ainda desconhecida, os resultados da primeira edição foram ótimos. Foram de encontro aos objetivos traçados. A realização da segunda edição já foi mais tranquila, todavia ainda é cedo para se falar de balanço, até porque ainda nem fiz essa avaliação. De acordo com o feedback dos profissionais, tanto nacionais como internacionais, foram superados os resultados obtidos no ano passado (2013).

Tivemos um aumento considerável de participantes nos *showcases*, aluguer de *stands*, adesão de imprensa, número de conferências realizadas...

(2) Quais as suas expectativas a médio e a longo prazo?

O AME-CV, até então, não é um mercado sustentável e, estamos a trabalhar nesse sentido. Por exemplo, se o atual Ministro da Cultura não for reeleito e o seu sucessor não reconhecer importância no AME-CV, este poderá terminar, justamente porque ainda não é sustentável. É por esta razão que estamos a trabalhar, sobretudo, na credibilização e sustentabilidade deste projeto, tanto a nível nacional como internacional. Neste momento ainda estamos a investir muito dinheiro no sentido de incentivar a participação, tanto de nacionais como de internacionais, através da comparticipação nas suas despesas. Nos mercados internacionais, por exemplo, isso não acontece! O objetivo é que a partir do quarto ano, tempo que pensamos ser suficiente para a sua afirmação, o AME-CV passe para a sociedade civil.

(3) Na sua opinião existe, atualmente, alguma entidade cabo-verdiana com capacidade profissional e financeira para dar continuidade ao AME-CV?

Penso que sim, a produtora Harmonia, que faz parte do consórcio, talvez tenha recursos financeiros e humanos para dar continuidade ao AME-CV, mas sozinha não consegue, terá que haver outros parceiros. Nós estamos a trabalhar (criar condições) para que em 2016 o AME-CV passe para as mãos da sociedade civil.

(4) Caso não haja uma entidade privada interessada em dar continuidade ao projeto, que soluções poderá haver?

Isto tudo dependerá da conjuntura, porque o *Bureau Export da Música e bens Culturais - Cabo Verde* não tem estrutura financeira para sustentar o AME-CV. Até agora temos ido à procura de financiamento para o projeto, mas isso só acontece devido à vontade política do atual Ministro da Cultura. Mas, para já não temos fundos que garantam a execução do AME-CV, além das três primeiras edições.

(5) Na sua opinião os artistas cabo-verdianos encontram-se preparados para tirar o máximo proveito do AME-CV?

Não. E, atendendo a este facto, estamos a apostar na formação e profissionalização dos artistas / músicos cabo-verdianos. Sendo bastante otimista diria que uma média de 20% tem a noção da importância do AME-CV.

(6) Quais são as soluções?

Formação, formação, formação... Temo-nos deslocado a todos os municípios para falar do AME-CV aos artistas, justamente para que possam entender qual é a função e a importância deste mercado, mas não tem sido suficiente. Em São Vicente, por exemplo, que é uma referência a nível nacional, pela sua quantidade de artistas, a

adesão a estes encontros tem sido bastante fraca. Há uma delegação de músicos com trabalho reconhecido que é convidada pelo Ministro da Cultura para estar presente no AME-CV, com o intuito de passarem a palavra e incentivar os mais novos, mas pelo que temos verificado não tem havido qualquer resultado nesse sentido.

(7) Que benefícios o AME-CV poderá trazer para Cabo Verde, do ponto de vista cultural e económico?

Diria que, a longo prazo, visibilidade ao país. Cada vez que exportámos um músico ou que temos a nossa participação no mercado internacional, não é só a música que está a ser exportada, é também a imagem do país. Este é um dos benefícios concretos que já estamos a ter. Já se fala mais de Cabo Verde. Sempre se falou da música de Cabo Verde devido ao sucesso da Cesária Évora, mas penso que o AME-CV está a fazer com que as pessoas falem mais de Cabo Verde. Lembro-me que, no ano passado, uma profissional que trabalha com uma rede de festivais da América Latina disse que “a estrela” de Cabo Verde está a piscar, ou seja, ela disse que a atenção do mundo esta virada para o nosso país. Antes não se ouvia falar tanto de Cabo Verde a não ser da Cesária Évora. Além de que, sempre que um artista cabo-verdiano sai para fazer concertos através de contactos estabelecidos no âmbito do AME-CV entram divisas no país através do *cachet* e dos *royalties*. E, nos dias em que o AME-CV acontece, há muita movimentação de capital na Cidade da Praia e, sem dúvida isso também ajuda ao desenvolvimento do país.

(8) Existe, em Cabo Verde, uma cadeia de valor incluindo uma indústria fonográfica e de espetáculos, com profissionais especializados em todas as áreas, sobretudo entidades reguladoras (cobrança de direitos de autor, licenciamento de espetáculos, publishers, entre outros)?

Não. Ainda não temos nenhuma organização estruturada ou organizada para fazer esse trabalho. Não sei se sabe, mas o Ministério da Cultura subsidiou uma entidade de cobrança de direitos de autor que não funcionou. Sendo algo da competência da sociedade civil... o Ministério da Cultura já deu os passos que lhe competia nesse sentido. A iniciativa não deve partir do MC... Este é um dos temas que tem sido discutido em todas as edições do AME-CV, e já tinha sido discutido no fórum da música cabo-verdiana anterior ao AME-CV. A missão do Ministério da Cultura é facilitar, e nós estamos a fazer tudo para facilitar os processos...

(9) Outros aspetos relevantes não referidos antes?

Penso que já foi tudo referido!

(C) Entrevista – Christoph Borkowsky - Presidente do WOMEX

(1) O que fez o WOMEX associar-se ao AME-CV?

O que fez o WOMEX associar-se ao AME-CV foi o facto de estarem relacionados a o que fazemos. Parte do que fazemos está relacionado com a criação dos nossos próprios eventos. Também, fazemos consultoria para criação de novos eventos noutras partes do mundo. Criamos os nossos próprios eventos na Europa, por exemplo, como é o caso do WOMEX, que está a circular pela Europa há mais de vinte anos. Outro evento, que demos início há dois anos *Classical: NEXT* um mercado para a nova geração da música clássica, que acontecerá este ano em Viena, e, que assim como a WOMEX, é um evento internacional, mas que circula somente na Europa.

Nós fazemos a consultoria para que o promotor possa desenvolver o seu próprio evento, mas é importante combinar o seu *know how* (experiência) com o nosso para fazer o evento acontecer e crescer. Se limitarmos somente a trazer o WOMEX para Cabo Verde, para o Brasil ou China... simplesmente não resulta.

(2) Fiz essa pergunta, justamente porque segundo o nosso Ministro da Cultura foi bastante difícil convencê-lo a associar o nome do WOMEX ao AME-CV. Nesse sentido, o que lhe fez acreditar no AME-CV ao ponto de associar-se a essa jornada?

Fazemos questão de dificultar as coisas porque muitos acreditam que este género de evento são fáceis e que temos só que os implementar e já está. O que dizemos aos parceiros é que se estão dispostos a implementar um evento desse género têm que garantir-nos que conseguem angariar financiamento para, três edições, número mínimo para se poder consolidar o evento. Após as três primeiras edições é necessário fazer-se uma reflexão no sentido de

certificar que o conceito funciona. Este é um dos aspetos. O segundo aspeto é: para se implementar um evento desse género não se pode simplesmente copiar o modelo e cola-lo, precisa-se de uma visão e, para implementá-la é necessário que haja discussão previa a propósito (*brainstorming*)...

Tivemos a oportunidade de vir a Cabo Verde há dois anos para discutir e definir a visão para o AME-CV. Este não é simplesmente mais um mercado de música, mas é um mercado de música que é único. O AME-CV tem como base o facto de não ser outro mercado de música africana, mas sim um mercado de música transatlântico. O objetivo é transformar um espaço que tem um passado histórico negativo – mercado de escravo – em algo positivo, um espaço de troca cultural.

Quando viemos a Cabo Verde ficou muito claro que havia grandes possibilidades para levar o evento avante. A segunda parte tem que ver com a visão crioula do AME-CV, um especto que ainda precisa ser aprofundado.

Dada a sua história e situação geográfica (no meio do atlântico) Cabo Verde reúne características que o torna num espaço privilegiado, para se discutir, refletir e aprofundar a questão relacionada com ser-se ou não crioulo. Um Cabo-verdiano, por exemplo tem que lidar com as suas múltiplas identidades. Para que possamos perspetivar o futuro, temos que aceitar o que a história nos legou e, o crioulo é um desses legados.

Resumindo, a visão do AME-CV assenta-se sobre dois aspetos, o atlântico e o crioulo e, esses tornam-no único.

Todavia é importante ter parceiros bons, ou bons o suficiente para fazer as coisas acontecerem e, nos quais se pode confiar no seu trabalho. E, temos um bom parceiro que é o José da Silva, que por um lado é cabo-verdiano, e por outro tem muita experiência e muito sucesso no mercado internacional, pois acompanhou a carreira da Cesária Évora.

Temos um Ministro da Cultura que não é simplesmente mais um MC ou outra coisa qualquer... Mas um Ministro com experiência na área da cultura, particularmente na da música. Nós tivemos, sempre, a consciência de que ele sabia do que estava a falar...

A combinação destes três parceiros (Ministério da Cultura, WOMEX e Harmonia) fez-nos acreditar que o AME-CV tinha tudo para dar certo. Além disso, o Ministro da Cultura assegurou que tínhamos no mínimo três edições garantidas. A visão referente ao atlântico e ao crioulo, aliada ao facto da Cidade da Praia / Cabo Verde ser um lugar seguro, proporcionou-nos as características necessárias para avançarmos. Quando se tenta estabelecer uma plataforma internacional, um dos aspetos importantes, são as condições de segurança que se oferecem aos visitantes / profissionais. E, com base nas pesquisas que fizemos Praia/Cabo Verde é um lugar seguro.

Foram as referidas características que nos fizeram tomar a decisão de nos associar a esta aventura.

(3) Pode fazer um breve balanço da primeira e da segunda, edições do AME-CV?

A primeira edição foi um sucesso instantâneo. A maioria dos profissionais que vieram cá na primeira edição já tinham ouvido falar de Cabo Verde e conhecem a música cabo-verdiana, mas a maioria deles nunca tinha vindo cá. Ficaram bastante felizes porque o cabo-verdiano é um povo hospitaleiro e bastante descontraído, portanto foi um sucesso instantâneo. De qualquer forma, quando o sucesso é instantâneo temos que esperar para a segunda edição para comprova-lo. Penso que os que estiveram cá no ano passado regressaram este ano, e, não se sentiram frustrados com a segunda experiência, o que confirma o sucesso.

Tivemos mais participantes do que no ano passado. No entanto, é um bocadinho arriscado ultrapassar o número limite aceitável de participantes. Precisamos encontrar o balanço entre a capacidade financeira dos visitantes/profissionais e o retorno financeiro que a organização deseja ter. Pode ser arriscado convidarmos demasiadas pessoas a pagarem as suas viagens, o seu alojamento, etc., pois talvez pensarão duas vezes antes de fazerem o seu investimento, e, se não o fizerem podemos perder a hipótese de os ter no evento. Talvez não voltem uma segunda vez a ser convidados. Nós tivemos essa experiência com o WOMEX e com outros eventos do género. É importante que os visitantes/profissionais se apercebam que não se trata de um evento que se rege mediante uma *guest-list*, e, que têm necessariamente que receber um convite todos os anos para poderem estar presentes. É

importante que criem um compromisso de modo a avaliarem as suas capacidades financeiras para aderirem ao evento, não só quando recebem o convite mas também nas outras vezes em que o evento acontece.

Portanto, como organizadores do AME-CV temos que saber gerir a nossa lista de contactos. Por exemplo, se convidarmos um determinado grupo de pessoas/profissionais num ano, no outro convém convidarmos um grupo diferente. Além disso, é preciso desenvolver uma massa crítica que diga que faz sentido investir dinheiro e tempo nesse evento.

Pode ser arriscado conseguir convencer as pessoas / profissionais aderirem ao evento, pagando uma, duas e até três vezes, e, de repente deixarem de aderir porque descobriram uma outra atividade onde investir o seu dinheiro. Tivemos essa experiência há alguns anos com um outro mercado musical em *Abidjam*. Portanto, é preciso encontrar o melhor equilíbrio.

Resumindo, isto acaba por ser um processo de aprendizagem e de partilha entre ambos os lados (entidade organizadora local e o WOMEX). Nós temos de continuar a desenvolver essa plataforma, justamente, porque queremos que o AME-CV tenha continuidade, além dos três anos.

(4) Qual poderá ser a importância do AME-CV na indústria musical cabo-verdiana?

A importância desse género de eventos acarreta, sempre, diferentes aspetos, um é o facto de trazerem profissionais a nível internacional a Cabo Verde que, sendo um país pequeno torna-se ainda mais importante a criação de uma plataforma internacional (MAECV) onde artistas, programadores, agentes, entre outros, de diferentes países possam encontrar-se para fazer negócio. Outro aspeto importante tem que ver com as possibilidades que se podem criar dentro do mercado local/nacional. Os profissionais locais têm a possibilidade de adquirirem mais ferramentas e de aprenderem mais sobre o funcionamento do mercado musical internacional. Além de poderem reunir e estabelecer contactos com profissionais internacionais. São três dias em que as pessoas estão geralmente acessíveis, porque se estivessem no escritório, não atenderiam telefones e nem marcariam reuniões...

Este ambiente informal e descontraído do AME-CV, onde as pessoas estão mais descontraídas e disponíveis para aconselhar e partilhar experiências, proporciona uma excelente oportunidade de aprendizagem. Nesse sentido, o AME-CV poderá ser um excelente veículo para o desenvolvimento da indústria musical cabo-verdiana.

Fazer um *showcase*, num evento como o AME-CV pode mudar a carreira de um artista. Mas para que isso aconteça o artista deve estar ciente que este apresenta características específicas e diferentes das de um festival e, que poderá ser uma oportunidade única, ao longo da sua carreira. Daí a importância de se preparar, profissionalmente, ao mais alto nível, pois quando se apresenta para uma plateia de profissionais especializados, o nível de qualidade e de excelência deve ser mantido da primeira à última música, de outra forma facilmente perde-se o interesse.

Ainda no que respeita à importância do AME-CV, este impulsiona a estruturação e a organização do sector musical a nível nacional - quando existe uma forte organização no plano nacional o posicionamento a nível internacional é mais forte; reforça a importância da cultura como “*soft power*” de Cabo Verde - imagem como principal embaixador de Cabo Verde, além de que melhor imagem pode se tornar um dos fatores económicos e sociais mais fortes no país; contribui para a criação de boas práticas em termos de políticas que vão além de Cabo Verde (esperamos que o Fórum Africano contribua nesse sentido); inspira novas colaborações artísticas; capacita os artistas e outros profissionais da música; reforça a consciência sobre o importante papel que o setor de música pode representar (entre a população cabo-verdiana, meios de comunicação, políticos, patrocinadores, etc.); contribui para exposição do país a nível internacional – despertando deste modo o interesse de vir a Cabo Verde (turismo cultural)

(5) Na sua opinião os artistas/músicos e a imprensa cabo-verdiana estavam preparados para tirar o maior proveito do AME-CV?

Na minha opinião isto é um processo de aprendizagem. Penso que para o público em geral, para a maioria dos artistas e para a imprensa o AME-CV é mais um festival. Inicialmente encararam o AME-CV como sendo mais uma excelente oportunidade para se ouvir música de forma gratuita, não deram conta da importância desse evento e nem do grau de profissionalismo que se requer.

Os artistas / músicos, quando fazem a inscrição para apresentarem um *showcase*, devem saber qual é a melhor forma de apresentar o seu material e, no caso de serem selecionados, como preparar a apresentação. Após a apresentação, os artistas não devem ficar à espera que os profissionais venham à sua procura, mas sim ter a iniciativa de os procurar, particularmente os possíveis compradores do seu produto / música, para confirmar se dispõem de todo o material necessário. Mas para saber quem são os possíveis compradores da sua música, devem antes contactar o promotor e procurarem saber quem são os participantes que estarão presentes no evento. Além de que é necessário fazer o follow-up dos contactos efetuados durante o evento.

Essa foi uma das razões que nos levaram a realizar um *workshop* dedicado aos músicos, managers, agentes, etc. Mas, é um processo moroso. Tivemos a oportunidade de verificar, que a sala não estava cheia, o que quer dizer que as pessoas não estavam tão interessadas em aproveitar a oportunidade para tirarem dúvidas, questionarem... Todavia, é normal, quando começamos com o WOMEX não tínhamos a noção do que estávamos a fazer, mas felizmente tivemos a oportunidade de ganhar alguma experiência ao longo deste processo e, sobrevivemos, o que já não é mau. Dada a nossa experiência, por vezes podemos dar bons conselhos a outros que, algumas vezes levam em conta o que dizemos, outras não.

(6) Quais são os benefícios culturais e económicos que o AME-CV poderá trazer a Cabo Verde a longo prazo?

Sem dúvida que enriquecer o perfil turístico de Cabo Verde internacionalmente, poderá trazer mais profissionais do domínio criativo a Cabo Verde, o que poderá traduzir-se numa mensagem que certamente o mundo ouvirá. Talvez conheças o trabalho de Richard Florida sobre a Classe Criativa e, o que esta poderá trazer para a economia local / nacional. Nalguns lugares, o principal interesse da Classe Criativa é o desenvolvimento das suas sociedades. Penso que Cabo Verde teve a excelente oportunidade de criar uma plataforma com as características do AME-CV. Espero que futuramente haja mais, para que se possa trazer as pessoas certas para o país, que posteriormente possam espalhar a mensagem, de modo a transformá-lo num lugar de referência.

Temos o exemplo de Berlim, que se encontrava completamente falido quando se deu a queda do muro. A classe criativa deu um considerável contributo para mudar essa situação e fazer de Berlim o lugar de referência que hoje conhecemos.

A música cabo-verdiana já tem algum perfil internacional, mas sem dúvida que poderá desenvolver muito mais e, gerar receitas para o país. Tivemos essa discussão esta manhã na conferência sobre os direitos autorais. Espero que haja um desenvolvimento no sentido de trazer mais receitas a Cabo Verde e, que os artistas /músicos cabo-verdianos tenham a oportunidade de promover a sua música no mundo e a nível nacional, também.

Estes são só dois dos inúmeros aspetos que poderia aqui referir.

A meu ver o Ministro da Cultura deveria começar já a trabalhar num pacote do AME-CV, pois já vamos na segunda edição do primeiro pacote de três anos. Não havendo recursos naturais, como o petróleo, Cabo Verde precisa desse género de iniciativas para impulsionar o seu desenvolvimento.

(D) Entrevista – Christine Semba – Diretora do Departamento de Consultoria e Projetos Especiais do WOMEX, Consultora, Curadora, *Networker* e Perita para União Europeia e UNESCO

(1) Que balanço faz das duas edições do AME-CV?

É relativamente cedo para responder a essa questão porque ainda não tivemos uma reunião de avaliação. Portanto, responderei com base naquilo que é a minha percepção. A primeira edição foi, definitivamente, bem-sucedida. Fizemos um grande esforço para que o evento se pudesse realizar, o que, devido à sua complexidade, não é fácil, tanto em termos de produção como da logística relacionada com as pessoas (artistas e profissionais) que trouxemos de quase todo mundo. Este último aspeto transformou-se num verdadeiro desafio, devido aos problemas relacionados com os voos. Estamos todos muito felizes com o sucesso da primeira edição, e igualmente felizes pelo facto das pessoas terem aderido, gostado e partilhado o AME-CV com o mundo. E, sem dúvida, o sucesso da primeira edição fez com que tivéssemos mais pessoas na segunda, para o que contribuiu o enorme interesse da imprensa internacional, que esteve presente cá no ano passado (primeira edição) e que difundiu mundialmente mensagens elogiosas, não só sobre o AME-CV mas também sobre Cabo Verde no geral, a sua criatividade e a qualidade musical da música cabo-verdiana. Todos esses aspetos foram muito gratificantes e, deram-nos a percepção de que havia um verdadeiro interesse por parte dos profissionais neste evento.

Concluindo: na segunda edição tivemos mais participantes, tanto a nível de profissionais da música como da imprensa e recebemos mais propostas para *showcases* em relação à primeira edição. Não estávamos à espera de tamanha adesão. Tivemos uma média de cento e oitenta propostas para *showcases* internacionais, logo a seguir à primeira edição. Mesmo sabendo que nós não suportamos os custos das suas viagens, as pessoas dispuseram-se a assumir esse investimento, na expectativa de apresentarem o seu trabalho perante uma plateia de profissionais internacionais (da indústria musical e da imprensa). E, sem dúvida, da possibilidade de virem a Cabo Verde.

Os *showcases* funcionaram muito bem, tanto do ponto de vista da sua localização como do conceito, que está relacionado com os *daycases*, de pequena dimensão, no Palácio da Cultura (apresentações mais intimistas) e a utilização da Rua Pedonal para espetáculos de grande dimensão. Destaca-se o facto do público da Cidade da Praia ter aderido ao evento de imediato e, a parte das conferências e mesas redondas, também, terem funcionado bem.

Em relação ao ano passado, tentámos melhorar a lotação das salas de conferência, criando mais espaço, e a questão relacionada com o *networking* dedicado aos artistas e às delegações cabo-verdianas, respetivamente. Oferecemos *workshops*, *workshop* específicos, que não obtiveram grande adesão. No entanto, as pessoas que aderiram, gostaram e, deram um *feedback* positivo. Mas evidentemente, que gostaríamos de ter tido uma participação maior! Este ano, como tiveste a oportunidade de verificar, obteve-se uma excelente adesão, com pessoas bastante interessadas... Pensámos, que a experiência do ano passado levou as pessoas a constatarem que os assuntos abordados nos *workshops* são de grande interesse e, que aí se pode aprender muito sobre o funcionamento da indústria musical. Outra atividade que funcionou melhor este ano foi os *one-to-one meetings*, o que também é normal. No ano passado tivemos uma primeira experiência e, quando as coisas são completamente novas é normal que as pessoas não tenham bem a noção do que se trata e de como agir. Por exemplo, tivemos uma sessão de preparação onde constatámos que alguns artistas estavam um bocadinho envergonhados e, sem saber como atuar... As pessoas aqui são um bocadinho tímidas, o que não deixa de ter a sua graça, mas é preciso saber vender. Entendo que não deverá ser fácil para um artista falar da seu próprio trabalho, tentar vendê-lo por via do auto elogio... não é fácil!

Todavia, sentimos que as pessoas entenderam que isto tudo poderá ser interessante e divertido, porque não se trata só de tentar vender-se mas também de uma oportunidade de conhecer outras pessoas, que possam estar interessadas em tomar conhecimento do que está a acontecer em Cabo Verde. Não se trata só de agendar concertos, mas sobretudo do AME-CV constituir-se numa oportunidade de partilha de experiências. Além de permitir conhecer o trabalho, a realidade e a atividade de cada um. De outra forma, talvez as coisas não tivessem funcionado, porque sem se conhecer não é possível estabelecer uma relação profissional. Portanto, é um processo que requer algum tempo, pois todos nós aprendemos, um bocadinho mais, todos os dias. Para mim foram resultados, definitivamente, bastante positivos. Tive a oportunidade de obter a opinião dos nossos convidados internacionais e, eles estão todos muito felizes e, deram um *feedback* bastante positivo, o que comprova que estamos no bom caminho.

Este ano tivemos o *Urban Stage*, que também é algo novo mas que assim mesmo foi um sucesso. Tivemos muito público, os artistas que atuaram nesse palco deram-nos um *feedback* bastante positivo e, ficaram bastante felizes com a sua atuação.

(2) O que faz com que o AME-CV seja diferente dos mercados congéneres?

Um dos aspetos que o difere de outros mercados é o facto de ser um evento com uma dimensão menor e com um carácter mais intimista, quando comparado com os seus congéneres. Na minha opinião o AME-CV acarreta diferentes níveis de ação. Sem dúvida que um deles tem que ver com a produção musical nacional. O objetivo é pôr os artistas / músicos e os restantes profissionais da vertente musical em contacto com profissionais internacionais, apoiá-los no desenvolvimento de uma lista de contactos pessoal, (ou personalizada) assim como ajudá-los a aceder ao mercado internacional e a conseguir exposição na imprensa internacional... AME-CV também é singular devido à sua visão. O AME-CV tem uma visão bastante forte! O primeiro aspeto tem que ver com o facto de ser *AtlanticMusic Expo*, em vez de Cabo Verde Music Expo, por exemplo. Penso que muitas pessoas que estiveram presentes na primeira e segunda edições se aperceberam disso. Entenderam que esta é uma plataforma que não só é interessante para os cabo-verdianos, mas também para os estrangeiros. Não se trata de vir cá só na qualidade de comprador e voltar ao país de origem, mas por ser uma plataforma onde, também, se pode ser útil contribuindo para o seu crescimento. Penso que este último ponto tem muita força... Outro ponto forte, tem que ver com o facto de se localizar no Atlântico e de ter na sua base a transformação de um espaço que historicamente foi um mercado de escravos, para um mercado de troca cultural. E, talvez essa visão, relacionada com o Atlântico, faça com que as pessoas se sintam em casa, quer venham da África, da Europa, ou da América... sentem-se todas relacionadas, através dessa crioulização de que todos nós, de certo modo, fazemos parte. Outra característica singular do AME-CV, em comparação com outros mercados, que se focam mais na venda das suas produções locais, é o facto de ser também, um espaço *Think Tank*, de encontro, troca e de produção de novas ideias e iniciativas.

Constatámos isso na primeira edição, o Fórum da Música Africana, por exemplo, nasceu de uma conferência, uma mesa redonda, a propósito de desafios sobre a circulação de artistas africanos. A partir dessa conferência, muitas ideias foram partilhadas e o referido fórum nasceu. No ano passado, apresentámos esse projeto em diferentes eventos musicais e, foi muito bem recebido. As pessoas disseram, “sim, esta é uma boa e grande ideia e precisamos de algo desse género”. Este ano o projeto seguiu em frente graças à decisão de Cabo Verde em acolher o fórum durante dois anos, ficando, posteriormente, outro país com a responsabilidade de o acolher.

(3) Que melhorias precisam ser feitas?

De acordo com o *feedback* que tenho tido das pessoas / profissionais, o maior desafio tem sido a sua chegada aqui. As viagens não são fáceis e de algumas partes do mundo são consideravelmente caras. Especialmente quando se trata de viagens provenientes do continente africano. Não sei se Cabo Verde está na origem desses problemas, mas definitivamente que isto constitui um desafio a ter em consideração...

(4) Tendo em conta o facto de organismos internacionais como a UNCTAD, considerarem que a indústria musical cabo-verdiana (indústria de espetáculos) se encontra numa fase “embrionária” e a (indústria fonográfica/discográfica) é considerada “emergente/previamente estabelecida”, pensa que o AME-CV poderá ser o caminho para torná-las indústrias “devidamente estabelecidas”?

Sem dúvida... e, acredito que o AME-CV já está a ajudar imenso nesse processo. A participação dos artistas cabo-verdianos no AME-CV poderá ajudá-los nas diferentes fases da sua carreira, dependendo do nível em que se encontrem, evidentemente. Sem dúvida que o AME-CV pode ser uma fonte de inspiração para os jovens artistas. Além, da possibilidade de verem o que os colegas estão a fazer, é também uma oportunidade de estarem em contacto com artistas internacionais. Podem aprender imenso, pois eventos desta dimensão fazem os artistas questionarem a sua forma de trabalhar. Ao compararem o seu trabalho com o dos outros colegas, podem constatar que existem alguns pontos que podem ser melhorados ou não, em relação ao trabalho do outro...O AME-CV exige também, um esforço maior dos artistas nacionais no sentido de melhorarem a sua performance em palco, de forma a atrair a atenção das pessoas / profissionais. Além de que é uma plataforma de promoção bastante importante.

(E) Entrevista – José da Silva - Presidente da Harmonia Lda.

(1) Que balanço faz da primeira edição do AME-CV?

O Balanço foi positivo, superou aquilo que tínhamos previsto, porque o posicionamento de Cabo Verde, certamente, também ajudou. O facto de tudo acontecer no Plateau, uma zona aconchegada, onde as pessoas estão bastante próximas umas das outras também ajudou a ter melhores resultados. Apercebemo-nos disso porque os outros mercados congéneres, que existem pelo mundo têm uma dimensão muito maior, são mais dispersos, então o ambiente, digamos, e o encontro entre as pessoas não é tão fácil. Já no AME-CV tudo é mais fluído e, o ambiente é muito mais propício ao negócio e ao encontro entre as pessoas, o que fez com que os resultados fossem muito bons.

(2) Quais foram as suas principais motivações para associar-se ao AME-CV?

Bom, eu!!! A motivação vem de há muitos anos. Eu e o Ministro da Cultura, Mário Lúcio, temos vindo a falar sobre os problemas de organização, de cultura em Cabo Verde, de coisas que estão para ser feitas e que acabam por não se concretizarem. Há alguns anos que faço propostas aos vários Ministros de Cultura que antecederam o atual e... nada, então é claro que para mim é uma ocasião imperdível, quero com isso dizer... quando surge um Ministro com vontade de fazer aquilo que o país precisa para promover a cultura... Eu que tenho dedicado todos esses anos a promover a cultura de Cabo Verde, não poderia ficar de fora.

Para se fazer um bom mercado é importante ter um Ministro que acredita, um país e um governo que também acreditam. Mas também é importante ter profissionais nacionais com *know how* e contactos fora do país, porque de outra forma, se não houvesse algum conhecimento, trazer profissionais internacionais não seria fácil. Assim, os meus trinta anos de experiência permitiram-me criar vários laços de amizade com muitos profissionais, que fez com que, de facto, tenham tido a confiança de virem a Cabo Verde. Além de que têm visto o resultado do trabalho que temos feito... Constataram que há uma certa seriedade e... a partir daí reuniram-se os requisitos importantes que nos facilitaram a criação de condições para trazer esses profissionais a Cabo Verde. E também, um outro aspeto bastante importante foi a parceria conseguida com o WOMEX, porque é uma estrutura com uma carteira muito importante de profissionais e, que tem também, uma certa seriedade. Outro aspeto bastante importante foi o facto de o WOMEX ter aceitado vir a Cabo Verde por haver um profissional cabo-verdiano que conhecem bem e em que confiam. Viram também que havia um Ministro da Cultura com vontade e meios para fazer as coisas acontecerem... Assim encontravam-se reunidos todos os meios necessários para se fazer o AME-CV.

(3) Quais as suas expectativas relativas ao AME-CV a médio e a longo prazo?

Penso que a medio prazo, enquanto o atual Ministro estiver a exercer as suas funções e, haja vontade política, penso que estará tudo bem... Conseguiremos levar a nossa missão de três anos a bom porto. A minha preocupação é com o futuro, após esses três anos, pois não sei se o próximo Ministro da Cultura terá a mesma sensibilidade. Não sei também se os meios de financiamento continuam. Assim sendo, há alguns aspetos atualmente desconhecidos que, fazem com que a visão do futuro esteja, de certo modo, turva. Não temos uma visão clara sobre o futuro. O que pessoalmente me estou a esforçar é para que façamos um melhor trabalho possível em cada ano, para que justamente, após os três anos o AME-CV seja um evento incontornável. A partir daí, penso que qualquer Ministro que ocupar a pasta da Cultura, entenderá que o AME-CV é algo que não pode colocar de lado e que, naturalmente, o referido evento deve continuar.

(4) Segundo o Ministro da Cultura após três anos o AME-CV passará para as mãos de privados. Na sua opinião existem condições por parte de privados para se dar esse passo?

Esta é uma pergunta para qual ainda não tenho resposta. É algo que temos que trabalhar sobre. E... é claro que só em Cabo Verde não estou a ver profissionais da área da música com força suficiente para abarcar um projeto tão... tão ambicioso e, que não é barato. E... é claro que é preciso aproveitar o que está a acontecer. Se tudo correr bem nesse segundo ano, aproveitaremos do sucesso desses dois anos para no terceiro, trabalhar no financiamento das futuras edições do AME-CV. Se tudo correr bem neste ano, de facto, teremos mais força para criar interesse nas pessoas. Mas, tenho a certeza de que para privados levarem o AME-CV avante, terá de haver uma associação de profissionais cabo-verdianos e alguém de fora, porque será difícil, penso eu, conseguir meios somente em Cabo Verde. Outra possibilidade é conseguirmos fechar, antes do terceiro ano, algum acordo que garanta as próximas edições. O que é possível, pois quando temos a cooperação Luxemburguesa a financiar os três anos... Se entenderem

que o projeto foi bem-sucedido, não vejo porque não continuarem a financia-lo. Mas de facto, privados podem continuar o AME-CV se se conseguirem encontrar formas de financiamento. Por exemplo, os outros mercados congéneres são privados, como é o caso do WOMEX.

(5) Qual é a sua visão para a indústria musical em cabo Verde a médio e a longo prazo?

Na minha opinião é uma indústria em processo de melhoramento e que se está a desenvolver cada vez mais... Penso que faltam ainda, no país, alguns aspetos do ponto de vista logístico e de organização. Há alguns mecanismos que ainda não estão em funcionamento. O meio do espetáculo não se encontra devidamente regulamentado e, para mim, é muito importante termos regulamentação. Estamos a falar da importância de sabermos quem são os agentes culturais, do licenciamento de agentes. Noutros países, por exemplo, não se pode fazer um espetáculo sem antes adquirir uma licença para o efeito e, para se conseguir a referida licença tem-se que se passar por um processo de aquisição de requisitos, impostos pelos órgãos competentes, para se poder produzir um espetáculo.

Por exemplo, em França tenho uma licença que é renovada dois em dois anos. Se fizer um mau trabalho e se não pagar as taxas devidas a licença não é renovada. Este facto cria uma certa ordem no nosso meio profissional, que hoje em dia sofre de uma certa banalização, pois muitas pessoas autointitulam-se de produtores, promovem espetáculos e, naturalmente isto acaba por prejudicar o meio. O que não é normal... O estado também perde com a referida banalização porque normalmente existem taxas que revertem a seu favor, e, que o ajuda a financiar a cultura. Nós, no estrangeiro pagamos as taxas, cada bilhete que vendemos é taxado.

Em Cabo Verde, tudo o que foi referido, ainda não está em funcionamento. Este ponto é muito importante para a regulamentação e organização. Além dos referidos aspetos, a organização do meio gera mais fluxo de dinheiro para o Ministério da Cultura, para que este último possa investir no sector, nomeadamente fazer melhorias nas salas de espetáculo.

Outra questão é a dos direitos de autores, dos direitos conexos que também ainda não funcionam. Temos, ainda, outro especto relativo a regulamentação, que abrange também a imprensa, produção, e mais... Na imprensa cabo-verdiana qualquer um pode escrever sobre a cultura, não existem profissionais especializados que escrevam sobre a cultura. Isto é visível, por vezes nalgumas questões que nos são colocadas e, que revelam que a pessoa que as coloca não entende da matéria que está a tratar... É difícil melhorarmos quando quem promove, quem fala da cultura não entende do que está a falar. Isto leva a que se passa uma má mensagem, uma má imagem, o que não ajuda de todo. A imprensa cabo-verdiana ainda não está a contribuir para o melhoramento do meio cultural, porque se houvesse profissionais especializados, no seio da imprensa, seriam colocadas questões pertinentes aos agentes culturais que por sua vez trariam informações relevantes ao público. Um exemplo é o facto dos direitos autorais não funcionarem e a imprensa não falar sobre tal aspeto, tão importante. Talvez, se a imprensa fizesse pressão e insistisse sobre a questão dos direitos de autor, as coisas avançariam num ritmo mais acelerado.

Os músicos / artistas carecem de formação. Para ter um exemplo, de um dia para o outro somos obrigados a reter o Imposto Único sobre os Rendimentos (IUR) aos artistas e, esses não estão formados nem informados no sentido de poderem entender os motivos da retenção do IUR. Este último ponto traz a quem os promove, grandes problemas.... Mas se de facto, tivesse havido, antes da aplicação do IUR, informação e formação para que esses pudessem entender que como parte de uma sociedade, devem, através do pagamento do referido imposto, contribuir como qualquer outro cidadão, já entenderiam... O problema é que em Cabo Verde o empresário/ produtor, bem ou mal, é quem está a fazer o trabalho de formar os artistas.

Outro problema que tem que ver com o lado social é o facto de uma boa parte dos artistas cabo-verdianos residentes em Portugal, por exemplo, nunca terem feito os descontos na Segurança Social. Com o agravamento da crise, no referido país, e dada a necessidade do governo gerar receitas, de repente esses artistas começaram a ser notificados de impostos (valores exorbitantes) que nunca tinham pago. Também, existe casos de músicos que chegam a idade de reforma e não têm direito a ela porque nunca fizeram os devidos descontos na segurança social.

Cabo Verde obriga-os a pagar o IUR, sem se preocupar com os seus problemas sociais. Esta é tarefa do estado, porque se o meio cultural estiver organizado, o promotor para conseguir uma licença tem de pagar antes os direitos, que por sua vez revertem a favor dos artistas.

Hoje em dia tenho problema em contratar determinados músicos cabo-verdianos justamente, porque o estado português, chega à minha empresa e apresenta-me uma lista de pessoas a que não devo pagar, pois para lhes pagar devo antes pagar ao estado, logo não os consigo contratar...

(6) Que importância uma atividade com as características do AME-CV poderá ter para indústria musical cabo-verdiana (espetáculos e fonográfico)?

Tem uma grande importância porque traz profissionais estrangeiros, que partilham as suas experiências. Assim, digamos que o meio musical cabo-verdiano poderá inspirar... E... economicamente é bastante relevante. Cabo Verde já começou a se aperceber que, só o facto de haver uma atividade com as características do AME-CV e a vinda de todos esses profissionais, movimenta a Cidade, além do que é habitual. As pessoas (comerciantes) já se aperceberam que a atividade gera muita circulação de dinheiro dentro da Cidade, durante a semana que decorre, pelo que já se preparam devidamente para acolher o evento. No primeiro ano por exemplo, muitos restaurantes, não se encontravam devidamente preparados, daí que em muitos casos o *stock* existente não foi suficiente para satisfazer a procura. Sem dúvida que a economia nacional ganhará muito com isso.

Sou defensor de que o país deve promover esses tipos de eventos, que possam funcionar como alavancas da economia...

Outra especto que, devido à minha vivência noutra género de economia, gostaria de frisar é o facto de Cabo Verde ter crescido com uma economia limitada, logo não devemos exigir dele os mesmos resultados de países desenvolvidos. As possibilidades são limitadas, temos meio milhão de habitantes, não podemos de forma alguma exigir o mesmo...

Quando se promove atividades culturais o retorno é limitado. Produzo, por exemplo, um festival de jazz onde cobro 1500\$ (15Euros) para quatro artistas que no estrangeiro pagar-se-ia cento e tal euros para os ver. Ainda assim tenho dificuldade em encher o recinto porque para muitas pessoas o preço é elevado ou, por não estarem preparados/educados a pagar para usufruírem de atividades culturais, preferem gastá-los num bar, por exemplo, em vez de gastá-los num bilhete do festival. Neste ponto torna-se grave. Por um lado há pessoas com vontade de ir ao festival e que de facto não dispõem de capacidade financeira para fazê-lo e, é fácil apercebermos disso, mas por outro deparamos com pessoas que podem pagar mas não o fazem porque no seu entender pagar para usufruir de uma atividade cultural não é normal.

A indústria musical poderá funcionar muito bem, se pusermos todos os mecanismos referidos acima a funcionarem. Não se pode falar de indústrias culturais enquanto não tivermos uma sociedade de direitos de autor a funcionar, políticas estatais de cobranças de taxas que revertam a favor da cultura, para que haja uma oferta cultural variada, que ainda não existe e da qual o turista pode beneficiar. A meu ver deverá ser aplicada uma taxa aos turistas que posteriormente reverterá a favor da cultura. Ainda não existe uma oferta variada porque não há dinheiro, mas também não se está a fazer nada para arrecadar esse dinheiro. Nós não podemos ficar sempre a ouvir o governo dizer que não há dinheiro para a cultura, porque o dinheiro existe, não existe porém é mecanismos para arrecadá-lo. Nós não estamos a pedir ao governo que vá buscar aquilo que não dispõe para investir na cultura, o que estamos a pedir é que o governo crie mecanismos para arrecadar verbas destinadas à cultura, porque elas existem. Há pouco falamos de direitos conexos, do que se tratam? Hoje em dia todas as pessoas copiam músicas em disco duro e outros equipamentos, então porque não pôr uma taxa em tudo o que entra na alfândega cabo-verdiana e que permite gravar. A partir daí, não teremos problemas com os piratas porque querendo ou não esses estão a pagar. Pagam nos CD's virgens, nos discos duro, nos computadores, nos I phones, telemóveis... este é um dos variados exemplos de onde poderemos ir arrecadar verba para financiar a cultura.

A sobrevivência do nosso turismo depende da cultura. É urgente pormos o referido mecanismo a funcionar e estamos bastante atrasados nesse sentido. A meu ver, os dois pilares mais importantes para o crescimento de Cabo Verde são os recursos humanos (pelo que tenho visto a nível de Africa e a nível internacional, temos pessoas bastante capazes) e a cultura.

- (7) Na sua opinião os artistas cabo-verdianos encontram-se preparados para tirar o máximo proveito do AME-CV?

Não!

- (8) Que medidas tomar no sentido de os preparar?

Assim que os artistas fossem selecionados, penso que se deveria fazer um programa, 3 meses antes, talvez, para os preparar. É o que se faz no estrangeiro, por exemplo, quando sei que um artista meu vai participar numa atividade desse género, preparo-o. Esse *training* é simples e, em Cabo Verde acaba por ser mais fácil porque os custos são menores do que no estrangeiro. Deve haver esse *training* para que possam saber escolher melhor o repertório, qual a melhor forma de atuar no palco (uma das vertentes onde apresentam maiores dificuldades), como comunicar, ajudá-los a preparar o material a ser apresentado. Isso é algo bastante importante e a que deveríamos dar atenção.

- (9) Que benefícios o AME-CV poderá ter para Cabo Verde, tanto do ponto de vista cultural como económico?

Do ponto de vista nacional como já deixei claro, o AME-CV traz vários benefícios para muitas pessoas individuais e empresariais, mas além disso traz-nos os benefícios que estamos a procura, que se traduzem na procura da internacionalização dos nossos artistas, com vista a trazerem divisas para o país. Essa é a principal finalidade. No primeiro ano conseguimos de alguma forma. Não podemos dizer que não houve nada porque tivemos alguns artistas que saíram e que até então estão a sair. Este ano temos alguns artistas que irão fazer tournée de verão na Europa graças ao AME-CV do ano passado. Isso é o que queremos incrementar. Por exemplo, se apresentarmos quinze artistas no AME e no ano seguinte metade desses tiverem a possibilidade de saírem é excelente. Se cada um deles fizer vinte espetáculos, teremos cento e tal espetáculos de música cabo-verdiana no mundo. Para ter uma ideia na semana passada tivemos seis espetáculos de música cabo-verdiana, em cidades diferentes, de artistas que foram vistos no AME-CV do ano passado. Portanto, se multiplicarmos esses dados por Bélgica, Holanda, Alemanha, entre outros, os resultados poderão ser ainda maiores... Esse resultado é o que estamos a procura.

- (10) Organismos internacionais como a UNCTAD classificam a indústria musical cabo-verdiana, (indústria de espetáculos) como sendo embrionária e (indústria fonográfica/discográfica) como sendo emergente/previamente estabelecida. Que passos a dar no sentido de torná-las indústrias devidamente estabelecidas?

De facto é o que já referimos, organizar o meio. Uma vez que o meio esteja organizado, com agentes bem qualificados e bem treinados e que estejam a vender os nossos artistas veremos que a vertente do espetáculo passa de embrionário a estabelecido. Atualmente, se formos analisar talvez constataremos que temos só dois, eu inclusive, produtores cabo-verdianos a exportar a música cabo-verdiana, o que não é suficiente, é preciso haver mais. Mas por outro lado temos que incentivá-los, os que não exportam. Não estão a sair, não vão aos mercados de encontro a outros profissionais. A rede de espetáculos mundial é comparável a um clube, tens que entrar no clube, se não entras ficas de fora do circuito... ainda temos poucas pessoas que fazem parte da rede internacional, e, é isso que precisamos incrementar, temos que conseguir introduzir mais empresários cabo-verdianos dentro da cena internacional.

- (11) Na sua opinião existem condições financeiras por parte de outros agentes para poder internacionalizarem-se?

Por vezes não são necessárias grandes condições financeiras o que é preciso é conhecimento. Mas também é como disse, por vezes são pessoas que não se formaram no meio e, que não têm aquela vontade. Já tivemos um caso, por exemplo, que a meu ver foi gravíssimo, mas aconteceu... Houve um caso recente, em que o Ministério da Cultura ofereceu uma passagem a um produtor, nós fizemos a sua inscrição no BABELMED, pensando que ele ia mas não foi, simplesmente porque não tinha vontade de ir ou porque tinha uma outra coisa para fazer. Isso demonstra a falta de vontade que por vezes existe.

Temos vários empresários / produtores, improvisados, aqui em Cabo Verde que, o pouco que ganham a nível nacional com as Câmaras Municipais é suficiente. Não têm outras ambições

(12) Na sua opinião o AME-CV poderá ser um veículo para torná-las indústrias devidamente estabelecidas?

Sem dúvida!

(13) O staff da Harmonia, que se ocupa de questões relacionadas com a produção, técnica (palco, luz, som e vídeo) e logística, é composto somente por cabo-verdianos ou há necessidade de contratar técnicos estrangeiros?

Sim, temos técnicos estrangeiros e temos técnicos nacionais, primeiro porque tenho várias empresas, logo naturalmente utilizo pessoas da minha equipa em França, em Portugal, mas a maior parte da equipa é nacional. Em termos técnicos (palco, som e luz), por exemplo, para o AME-CV só tivemos um técnico de luz, estrangeiro, de resto é todo cabo-verdiano. Atualmente temos técnicos suficientes em Cabo Verde. Por vezes é só a nível organizacional que sinto a necessidade de trazer um técnico estrangeiro, mas não é uma obrigação, porque já há profissionais suficientes em Cabo Verde capazes de fazer o trabalho.

(14) Outros aspetos relevantes não referidos antes?

O que posso dizer é que eu não acredito que consigamos essa organização que é necessária, porque ela exige união entre as pessoas. Eu sou cabo-verdiano, mas por ter vivido desde o primeiro mês fora do país, tenho outros costumes.

O que descobri no meu povo é que não existe união, os cabo-verdianos não se unem, e torna-se difícil, para um povo que não se une, alcançar determinados objetivos. Exemplo, não conseguimos criar uma sociedade de autores porque os autores não se unem. Quando esses que são os interessados não se unem para discutir a questão dos direitos de autor, torna-se impossível levar avante uma sociedade de autores. Já tentamos e não funcionou. O mesmo acontece quando tentamos pôr uma associação de músicos a funcionar.

Acredito que há vontade política, mas por vezes as iniciativas não avançam por causa da atitude dos próprios cabo-verdianos. Penso que o primeiro passo a dar é no sentido de tentar mudar a mentalidade dos cabo-verdianos, que até perante a atual crise não se unem na procura de soluções.

Nós no estrangeiro estamos a reunir todas as forças possíveis, porque para aguentarmos perante essa crise é preciso que haja união. Através dessa união criamos um espaço de partilha de experiências, e até de funcionários. Hoje em dia no contexto europeu, se preciso de um *webmaster*, por exemplo, e, não tenho condições financeiras para arcar com os custos sozinho, associo-me a outras empresas que precisam do mesmo serviço, para que possamos dividir as despesas. Se não tivermos esse género de atitude não conseguimos sobreviver. Em Cabo Verde é muito difícil ter esse tipo de atitude. A única solução que vislumbro para que as coisas possam funcionar é ter alguém que tenha capacidade para dizer, a partir de agora as coisas funcionarão da seguinte forma, e ponto final. Porque se formos ficar à espera que todos estejam de acordo para se poder implementar qualquer coisa corremos o risco disso nunca vir a acontecer.

(F) Entrevista – Deborah Cohen – Consultora e Manager (USA)

(1) O que motivou a sua vinda a Cabo Verde no âmbito do AME-CV?

Primeiro, foi a minha paixão pela música. Conheço a música de Cabo Verde já há muitos, muitos anos, antes até da Cesária Évora. Há um antes e um depois da Cesária, é claro. Sou americana mas trabalhei na indústria musical em França durante muitos anos. Desde 1976 que comecei a trabalhar em Paris, onde conheci alguns músicos cabo-verdianos e comecei a gostar da música cabo-verdiana. Tive projetos de vir para cá várias vezes, mas até então não tinha conseguido. Portanto, quando surgiu a oportunidade de participar numa conferência no âmbito do AME-CV, na Cidade da Praia em Cabo Verde fiquei extremamente feliz. E, o facto de ter conseguido reunir colegas que conheço há muitos anos, que vieram para cá partilhar a sua experiência com os cabo-verdianos mediante a troca de ideias e de *brainstorming*, de como podemos dar o nosso melhor para levar a música cabo-verdiana para fora, foi muito gratificante. Muitas, muitas pessoas já vão sair daqui com uma ideia de como voltar cá mais vezes e, de como trazer mais cultura de fora para Cabo Verde....

(2) Qual poderá ser o impacto do AME-CV, tanto do ponto de vista económico como do ponto de vista cultural, para Cabo Verde?

Penso que poderá ser enorme. Sendo um país que não tem muitos recursos naturais para exportar e, sendo a arte, na minha opinião uma das coisas mais importantes que existe na terra, para Cabo Verde a exportação desta riqueza, deste património cultural (a diversidade musical existente no país) torna-se prioritária, não somente no fator económico, que claramente tem muita importância para um país como Cabo Verde, mas sobretudo no seu valor artístico e cultural. Parto do princípio que a música é tão vital, como o pão ou a água. Eu não consigo conceber a vida sem arte, sem beleza, sem essa coisa que naturalmente faz bater o coração e, a música de Cabo Verde é profundamente emocional. Quase ninguém de fora do país entende o crioulo, mas quando se houve a Cesária Évora cantar o tema “Sodade” (saudade em português) todas as pessoas se apercebem do que se trata e, essa é a força da música. Penso que a vida na terra, de um modo geral, está a ficar difícil, do ponto de vista ecológico, do ponto de vista económico..., portanto o ser humano, mais do que qualquer outra coisa, precisa dessa força emocional que emana da música.

(3) Os agentes culturais cabo-verdianos encontram-se preparados para tirarem o máximo proveito do AME-CV?

Não, acho que não. Mas penso que este é um processo que exige tempo. As conferências já foram um belo começo, tanto para nós que viemos de fora como para os cabo-verdianos, pois para estes últimos é uma forma de começarem a abrir as portas, de verem quais são as possibilidades e o potencial existente ao nível internacional. É obvio que, no *workshop* que coordenei surgiram inúmeras ideias, sugestões e, muitas falhas, também. Quer dizer, Cabo Verde é um país que fica longe, as passagens aéreas são consideravelmente caras, existem problemas relacionados com a aquisição dos vistos, entre outros. Tudo isso tem de ser resolvido e levado muito a sério, mas acho que já se está a caminhar nesse sentido. O facto de se ter aberto as portas para esse tipo de evento já é um belo começo.

(4) AME-CV poderá funcionar como via para a resolução desses problemas?

Sim, o AME-CV poderá vir a ser essa via. Mas, o mais importante é fazer... não ficar à espera que outras pessoas o façam. Não conheço nenhum empresário, nenhum *manager*, nenhum *booker* que começasse já com os respetivos estatutos. Todos nós começámos através de outras atividades e, chegámos lá fazendo um caminho que nos deu alguma experiência para que pudéssemos fazer com mais ou menos sucesso aquilo que queríamos fazer. Penso que é só isso, é só, literalmente isso. É só querer, decidir e fazer mesmo, apesar de todos os obstáculos, de todas as coisas más que vão certamente acontecer, porque sem dúvida irão. Apesar de todos os problemas, de todos os conflitos, mas continuar sempre com aquela ideia de que eu quero, eu quero... eu quero lá chegar e, vou arranjar uma forma de lá chegar. Hoje em dia a nossa indústria está a mudar tão rapidamente, quase diariamente. Uma teoria, uma estratégia que se usava para fazer determinada atividade, ou para chegar a um resultado tal, hoje já não funciona. Portanto, de repente tem de se rever tudo, pensar de outra maneira. Se não deu certo de uma forma é mudar de estratégia e tentar de uma outra. Realmente, a única coisa que pode acontecer, é uma porta se fechar, uma pessoa dizer que não à nossa proposta. Mas apesar disso há que tentar uma outra vez e, naturalmente uma outra porta se abrirá. Porém, é preciso muita coragem, muita criatividade, muita paciência e persistência.

(5) Qual é o balanço que faz do AME-CV 2014?

Achei maravilhoso! Eu tenho a impressão de que o AME-CV foi criado para expor os músicos cabo-verdianos, a música de Cabo Verde ao mercado internacional, mas penso que nós que viemos de fora aprendemos tanto quanto os cabo-verdianos. Estou a ouvir isso, através dos meus colegas, por todo o lado. Houve por exemplo, um brasileiro que estava presente no AME-CV, que disse, “vou voltar ao Brasil e vou falar com um amigo meu que é presidente da TAM (companhia aérea brasileira) e convencê-lo a abrir uma ponte aérea, diretamente do Brasil para cá porque os brasileiros vão se ‘passar’ com Cabo Verde”. Este é só um dos vários exemplos, e muitas pessoas estão a ter essa mesma reação. Portanto, conclui-se que esta abertura não é somente dos cabo-verdianos para fora mas também de nós (estrangeiros) para cá.

- (6) Tendo em conta o facto de organismos internacionais como a UNCTAD, considerarem que a indústria musical cabo-verdiana (indústria de espetáculos) se encontra numa fase “embrionária” e a indústria fonográfica/discográfica é considerada “emergente/previamente estabelecida”, pensa que o AME-CV poderá ser o caminho para torná-las indústrias “devidamente estabelecidas”?

Absolutamente! O AME-CV poderá ser um evento pivô, onde cada um vai à procura do seu interesse.

No entanto, não tenho a certeza de que seja essa a razão do sucesso do AME-CV, mas talvez (excetuando as conferências que são dedicadas aos profissionais) o êxito deste evento se deva ao facto de estarmos todos na rua, na rua literalmente, próximos uns dos outros e convivendo com o povo cabo-verdiano. Mesmo no WOMEX, que pode ser considerado “a mãe” do AME-CV, onde em princípio os *showcases* são abertos para o público também, nunca tivemos um evento na rua onde todas as pessoas se encontram e, de termos a sensação de estarmos, realmente, a conviver com o povo, desfrutando, ou não, de uma música de outro lugar, ou de uma música local. Isto é maravilhoso, ver todas as pessoas a divertirem-se com a música de um artista cabo-verdiano. O Chachi Carvalho, por exemplo, foi muito divertido. O público jovem, sobretudo, divertiu-se imenso com ele.

- (7) O que é que distingue o AME-CV de outros mercados musicais no mundo?

O trunfo número um é o facto de acontecer em Cabo Verde. Tendo tido uma experiência maravilhosa aqui, é óbvio que voltamos aos nossos países com uma vontade enorme de regressar. E, é verdade, quer dizer, quase todas as pessoas / profissionais estão desejosos de regressar não só para o AME-CV, mas também com interesse de passar mais tempo, viajar para as outras ilhas. Portanto, isto já tem muito a ver com a parte turística que o AME-CV está a fomentar. Na realidade acaba por ser uma descoberta, uma aventura... Concretamente, uma das coisas que eu mais gostei, foi o facto de o AME-CV ter uma dimensão menor que os restantes mercados que tenho frequentado. Este mercado tem um lado muito mais pessoal e, muitos colegas meus realçaram este facto, nos seus comentários relativos ao AME-CV. Além de que, por ter uma dimensão menor em comparação com os seus congéneres, a convivência entre as pessoas/os profissionais é muito mais fluida. Ainda que seja necessário discutir diferentes assuntos, particularmente não achei as conferências super interessantes e apaixonantes. Mas pelo facto de não serem, por exemplo, trezentas pessoas ou quatrocentas numa sala a ouvirem uma pessoa/conferencista a falar, torna-as mais produtivas. Sendo em número suficientemente mais reduzido, pode-se mais facilmente conversar. Na realidade é como se fosse uma conversa em vez de uma conferência. Um outro aspeto importante, tem que ver com o facto de haver encontros, na rua, à volta de uma cerveja, a ouvir música, dançando, ou até numa discoteca às 2h00 da manhã com uma pessoa com quem já nos cruzámos dez vezes num dia, mas que, de repente, há tempo e disposição para se falar de negócio. Penso que esta riqueza humana é muito importante. Eu sugeriria que o AME-CV tivesse sempre a ambição de fazer melhor mas que não crescesse muito. Que tentasse manter a sua atual dimensão.

(G) Entrevista – Bram Posthumus - correspondente no West Africa na Words & Sounds, colaborador na Economist Intelligence Unit/independent, Jornalista e Editor na Posthumus

- (1) O que motivou a sua vinda ao AME-CV?

Sou jornalista, correspondente na África Ocidental. Tenho vindo a trabalhar em diversos temas desde há vinte e cinco anos e a música sempre foi um dos tópicos abordados no meu trabalho. Tenho escrito sobre a música da Guiné, Senegal... e de vários outros países. Além dos aspetos referidos há ainda o facto de continuar a haver um excelente circuito de festivais de *world music* no meu país, a Holanda (não estou muito de acordo com o termo “*world music*”, mas isso será tema para uma outra conversa, noutra altura...) e obviamente, porque há também muitos músicos cabo-verdianos que vivem e desenvolvem a sua atividade musical na Holanda, e outros que vivem em Cabo Verde mas que participam ou participaram em festivais na Holanda. Não só a Cesária Évora, mas também o Tito Paris, e o Tcheka, por exemplo, que esteve em Amsterdão há uns anos atrás.

Tenho um grande interesse pela música cabo-verdiana, no entanto a minha ligação com o AME-CV é através do WOMEX. Já me encontrei com o José da Silva algumas vezes no âmbito do WOMEX, o que nos levou a desenvolver uma relação quase de amizade. Nesse sentido, ele informou-me de que estavam a preparar este evento. Além, também, de já conhecer o Kriol Jazz (festival de música produzido por José da Silva). E, nota que esta é a terceira vez que visito o referido festival. Portanto, o José da Silva, informou-me de que estava, juntamente com

outras pessoas, a produzir o *Atlantic Music Expo* Cabo Verde e, a minha reação foi “uau”... primeiro porque é uma excelente iniciativa, segundo porque é algo sobre que posso escrever artigos e fazer programas de rádio e terceiro é uma oportunidade de ver algo interessante a acontecer na economia cabo-verdiana. Portanto, houve várias razões que me fizeram estar aqui. Além do facto, claro, de achar este país maravilhoso. A variedade musical não se limita à morna, à coladeira... há muito mais a acontecer, o jazz, o hip hop... são alguns dos exemplos. Isto tudo para dizer que as razões que me levaram a estar aqui são inúmeras, mas profissionalmente falando, penso que o AME-CV é uma excelente iniciativa, que me permite fazer reportagens, e, no qual posso estar em contacto com as pessoas responsáveis por fazê-lo acontecer. Prova disso é o facto de estarmos aqui neste momento, porque estás a estudá-lo, o que é excelente.

(2) O que encontrou no AME-CV foi ao encontro das suas expectativas?

Do ponto de vista profissional, como jornalista, obviamente que quero falar com os artistas e com os promotores do evento, especialmente, e isto de uma forma ou de outra está a acontecer. As reportagens estão a correr muito bem. Em termos de organização, estive cá no ano passado e achei o evento muito bem organizado e o mesmo está a acontecer este ano... Talvez o único aspeto que pode ser melhorado é a composição / dimensão dos painéis das conferências / *workshops*. Penso que são demasiado grandes e com muitas pessoas a participar no mesmo painel... e...sabe, este é um encontro de profissionais, é escusado falar-se de questões básicas... Eu não vim aqui, por exemplo, para ouvir falar sobre a definição do que é a música urbana. Eu diria que seria mais interessante debater como é que a música urbana poderá contribuir para a desenvolvimento da economia criativa cabo-verdiana. Portanto, tem de se focar nos assuntos importantes quando se está a lidar com um público especializado, que não precisa propriamente de uma explicação, do significado de determinadas definições. É necessária precisão, penso que este é um ponto que realmente deve ser melhorado.

(3) Na sua opinião todo o potencial do AME-CV está a ser aproveitado pela imprensa na promoção de Cabo Verde?

Não é suficiente. Todavia, penso que atualmente o que é mais importante é o facto de o AME-CV ter uma rede de contactos de jornalistas como eu, que escrevem sobre o evento. Por exemplo, no ano passado o AME-CV esteve na *web site* do jornal “*The economist*”, no *Deutsche Welle* (Rede pública de rádio e televisão internacional alemã) e no RFI (*Radio France Internationale*) através de artigos / reportagens feitas por mim. Neste ano a *Monaco Radio Station*, que é uma importantíssima estação de rádio *online* londrina, está interessada numa reportagem, a *Africa Press* ligada ao *The Guardian*, também...e estou ainda a negociar com outras rádios, de dimensão menor, na Holanda. No entanto, há um problema, escrever sobre o evento depende muito do entusiasmo e do interesse individual de cada jornalista. Sem dúvida que o WOMEX tem ajudado imenso, porque tem divulgado o AME-CV muito bem na sua rede de comunicação.

Em termos dos profissionais, os mais indicados estão já envolvidos no AME-CV, logo penso que este aspeto está bem conseguido. O que falta neste momento é saber como tirar o maior proveito do evento, no sentido de promover a música cabo-verdiana. Este poderia ser um tópico para discussão e reflexão nas conferências.

A indústria musical cabo-verdiana, a economia criativa...esse género de assuntos...

Isso tudo, sem dúvida faz parte do AME-CV, mas não penso que deva ser a única iniciativa a ser desenvolvida na promoção das economias criativas do país. Se reparar na indústria musical, na verdade Cabo Verde dispõe de artistas / músicos, de estúdios de gravação, de infraestruturas, mas não é suficiente, pois existe uma cadeia de indústrias enorme à volta disso tudo... Quando se trata de um evento desta dimensão, a questão crucial é como fazer com que as pessoas comprem o nosso produto, como fazer o *marketing* do país, pois hoje em dia se fala de um país como de um brand (uma marca), Brand Cabo Verde... Se se falar de Cabo Verde a uma pessoa qualquer à volta do mundo, certamente ela saberá alguma coisa sobre o turismo, as praias da ilha do Sal, esse género de coisas... Penso que poucas pessoas saberão algo sobre a sua música.

A primeira referência que provavelmente virá à cabeça será o turismo... Sim, será o turismo...portanto já é uma parte importantíssima da economia do país, mas, ao que parece não está ligado ao AME-CV. Ainda que esteja no início, pois esta é a segunda edição, penso que se se está interessado em ter uma expressividade maior e seguir em frente com esta iniciativa, é preciso refletir profundamente... É óbvio que o turismo deve estar ligado ao AME-CV. O facto de existir este evento é muito importante, foi uma iniciativa muito bem conseguida. No entanto é preciso mais estímulos, especialmente no que toca aos debates, porque ocupam um lugar central no evento. Se, realmente, o AME-CV foi criado com o intuito de fazer parte da Economia Criativa de Cabo Verde, então as conferências /

workshops devem refletir isso. Trata-se de pôr Cabo Verde no mapa, de ajudar Cabo Verde a desenvolver a sua Economia Criativa. Os debates devem centrar-se nesses assuntos, o resto é secundário.

Um dos aspetos que penso ser bastante importante quando se trata de desenvolver uma Economia Criativa, é a facilitação do contacto *online*. Outro ponto que não está sob o controlo do AME-CV, mas que apresenta graves problemas, que precisam ser resolvidos o quanto antes, tem que ver com as linhas aéreas nacionais. É inaceitável receber-se chamadas telefónicas de última hora a informar que o voo foi cancelado, em vez de 24h antes. Sem dúvida que isso acontece porque não existe concorrência, o que é um problema grave...

Quando se viaja em negócio o tempo é limitado e as reuniões estão previamente agendadas, pelo que é preciso que a hora dos voos seja cumprida... Encontrei duas pessoas no Dakar com o seu voo para Cabo Verde atrasado, que me disseram: “sabe, temos reuniões de negócio agendadas para hoje e, ainda aqui estamos”. Isto nos dias que correm é inaceitável. Na Europa este problema foi ultrapassado, justamente porque já não existem monopólios. O surgimento da *Easyjet* revolucionou os transportes aéreos. Antes disso havia muita burocracia, preços exorbitantes, etc. E, os TACV (Transportes Aéreos de Cabo Verde) estão a agir da mesma forma, eles precisam de concorrência. Esta é a terceira vez que viajo nos TACV e, é a terceira vez que complicam a minha viagem. É porque gosto muito deste país que continuo a vir cá. Esses problemas agravam-se ainda mais quando estamos a tratar de questões relacionadas com a economia. Isso é mau para a imagem de Cabo Verde, pois é o primeiro contacto / experiência com o país e, por incrível que pareça a primeira experiência é estar num aeroporto durante dez horas à espera de um voo. Sem dúvida que isso é muito mau para o *brand* / marca Cabo Verde.

Outro assunto bastante importante que foi discutido numa das conferências, tem que ver com os direitos autorais. Penso que o Ministro da Cultura está a dar um passo bastante importante no sentido de criar as condições necessárias para a implementação de uma sociedade de direitos de autor sólida. Este é o tipo de debates, que na minha opinião são necessários aqui. A cobrança dos direitos de autor é cem por cento relevante para a Economia Criativa e, sem dúvida deve ser absolutamente perfeita. Se houver todos os instrumentos legais que permitam a cobrança dos direitos de autor, os artistas naturalmente serão pagos. O mesmo acontecerá se estenderem o vosso leque de atividades relacionadas com a Economia Criativa, se começarem a trabalhar com *design*, por exemplo. Sendo a música cabo-verdiana única, pois não existe em mais nenhum lugar no mundo, é óbvio que precisa ser protegida. Não há dúvidas quanto a isso.

(4) Quais poderão ser os benefícios culturais e económicos do AME-CV para Cabo Verde?

Em termos culturais, o facto de Cabo Verde se situar no meio do Atlântico e de reunir pessoas de diferentes origens poderá ter um impacto consideravelmente positivo na sociedade cabo-verdiana, pois ao longo dos dias em que o AME-CV acontece há muita partilha de informações e de conhecimentos. Essa partilha já está a dar algum resultado e a discussão à volta do conceito de criouliização é um exemplo concreto disso. E, é óbvio que as pessoas têm a oportunidade de ouvirem os vários estilos musicais, provenientes de diferentes países, estarem em contacto com outros artistas, entrevistá-los. No meu caso particular, já fiz algumas descobertas... Nesse sentido penso que está a funcionar muito bem. Em termos da música em particular, dos artistas, na minha opinião está muito bem conseguido. Do ponto de vista de negócio, isto significa criação de emprego, de novas perspetivas para mais cabo-verdianos... Além disso, o AME-CV é uma plataforma que proporciona aos visitantes / profissionais a oportunidade de descobrir mais sobre este país. Antes de cá vir não sabia, por exemplo, que existia Hip Hop em Cabo Verde, e, tive a oportunidade de assistir aos concertos do Batchart e do Chachy e são ambos, excelentes. De qualquer forma, ainda que a música seja a atividade artística central de Cabo Verde, se a intenção é desenvolver a Economia Criativa, é necessário apostar nas outras vertentes artísticas e não só, para que haja realmente um crescimento baseado nesse tipo de economia.

(H) Entrevistas – artistas / músicos

PRÉ-EVENTO					
ENTREVISTAS C/ ARTISTAS (AME-CV / SHOWCASES # 2013 # 1ª EDIÇÃO)	Como é que obteve informações sobre o AME-CV?	Quem fez a sua inscrição no AME-CV, você ou o seu manager?	O que motivou a sua inscrição no AME-CV?	Quais foram as suas expectativas ao se inscrever no AME-CV?	Quais os resultados (espetáculos, direitos de autor, vendas de fonogramas)? Em CV? No estrangeiro?
RAPPER / VOCALISTA / COMPOSITOR, 28 ANOS, SÃO VICENTE	Foi através de um <i>email</i> que recebi do Ministério da Cultura, onde constava toda a informação sobre o AME-CV.	Fiz a minha própria inscrição.	Vi no AME-CV uma grande oportunidade para a internacionalização da minha carreira. Apesar de ser uma possibilidade e não uma certeza pensei que pudesse ser um excelente investimento. Continuo a pensar que o AME- CV, atualmente, é a melhor ferramenta de que, nós, os músicos cabo-verdianos, dispomos.	Inicialmente pensámos que talvez fosse mais difícil conseguir uma vaga devido ao nosso género musical, <i>Hip Hop</i> , mas ainda assim resolvemos apostar. Não fomos seleccionados logo à primeira, mas tivemos sorte porque houve uma desistência e, fomos chamados a participar. E, foi muito bom...	A participação foi muito positiva, mas é bastante difícil calcular os resultados. Claramente que o feedback foi bastante positivo, pois logo a seguir aos concertos vários profissionais vieram ter connosco e, mostraram interesse em ficar com os nossos contatos, em adquirir o nosso disco. Mas pessoalmente, acredito que só se vê os resultados deste tipo de atividades, a partir do segundo ano.
MULTI-INSTRUMENTISTA / COMPOSITOR, 51 ANOS, SÃO VICENTE	Foi através do meu produtor / <i>manager</i> .	Foi o produtor / <i>manager</i> .	Particpei com o objetivo de conseguir agendar concertos.	Como referi, tinha a expectativa de agendar concertos.	Após a minha apresentação houve alguma procura, mas ainda não aconteceu nada de concreto.

CANTOR / COMPOSITOR, 31 ANOS, SAL	Através do meu <i>manager</i> .	Fiz a minha própria inscrição.	Como não sabia concretamente do que se tratava, não houve nenhum motivo especial...	Curiosidade...	Não tive nenhum resultado concreto, até porque como não sabia como é que funcionava o mercado regresssei à minha ilha logo após o concerto. Mas na verdade deveria ter ficado para poder fazer contatos com os profissionais.
CANTORA, 46 ANOS, SÃO VICENTE	Através do Ministério da Cultura	A minha inscrição foi feita pela minha <i>manager</i>	O motivo maior foi a sorte / benefício de ter um mercado deste género a acontecer em Cabo Verde, um país tão pequeno	A expectativa era grande... independentemente de ter sido a primeira edição estava convicta de que o AME-CV daria resultados, porque tanto o Ministro da Cultura como a sua equipa estavam empenhados em fazer um excelente trabalho.	Hoje em dia a venda de discos através das lojas discográficas é fraca e, realmente é nos concertos que vendo mais discos. Através do AME-CV recebi um convite para participar no <i>Le Kolatier Festival</i> , em África, mas o melhor convite que obtive foi para participar num evento musical em <i>New Orleans</i> nos Estados Unidos de onde surgiu convite para fazer o maior concerto da minha carreira, num total de dez espetáculos em diferentes cidades dos Estados Unidos, nomeadamente em Boston, Providence, Orlando, Nova Iorque.

<p>CANTOR / COMPOSITOR, 25 ANOS, SANTIAGO</p>	<p>Através da sessão de apresentação do AME-CV realizada pelo Ministério da Cultura, na Cidade da Praia.</p>	<p>Foi feita pela minha produtora, com o auxílio de Augusto Veiga, meu agente em Cabo Verde.</p>	<p>O facto de querer investir na minha carreira não só a nível nacional como também internacional... saber que estariam presentes no AME-CV, profissionais bastante influentes no mundo da <i>world music</i> motivou-me a fazer a minha candidatura. Para ter uma ideia, estavam presentes a maioria dos profissionais importantes da <i>world music</i>, para não dizer todos. Além, das atividades paralelas que são realizadas no âmbito do AME-CV (<i>workshops</i>, conferências...) e da possibilidade de estar em contato direto com os profissionais (agentes, produtores...), através do convívio informal, o que não acontece noutros mercados congéneres, no WOMEX, por exemplo.</p>	<p>Fazer contactos.</p>	<p>Houve contactos, mas é algo que demora algum tempo para se traduzir em resultados concretos. Faz parte de um processo que por vezes acontece de forma rápida, mas nem sempre, como foi o meu caso. A minha participação foi bastante positiva, pois tive a oportunidade de mostrar o meu trabalho a outro tipo de plateia, sobretudo de profissionais que avaliam o nosso trabalho e, caso vá de encontro àquilo que procuram, investem. O mais importante é mostrar o nosso trabalho.</p>
<p>GUIARRISTA / COMPOSITOR / DIRETOR MUSICAL, 36 ANOS, SÃO VICENTE</p>	<p>Recebi um convite do Ministério da Cultura para estar presente numa sessão de apresentação do AME-CV, em São Vicente, onde obtive toda a informação.</p>	<p>Foi a própria coordenadora do AME-CV que fez a minha candidatura, com o intuito de incentivar a participação.</p>	<p>A vontade de encontrar uma oportunidade de sair para fazer concertos fora de Cabo Verde.</p>	<p>A minha expectativa era bastante alta. Por ter sido a primeira edição pensei que talvez pudesse haver mais oportunidades para quem participasse, pois penso que nas próximas edições haverá mais concorrência.</p>	<p>Não, não tive nenhum resultado desse tipo.</p>

CANTORA, 28 ANOS, FOGO	Através da Produtora Harmonia, responsável pela gestão da minha carreira e através do Ministério da Cultura.	A minha inscrição foi feita pela minha agência, a Harmonia.	O facto de ter participado nas reuniões sobre o AME-CV fez-me aperceber de que se tratava de algo bastante importante, no qual poderia apresentar o meu trabalho.	Na verdade não tinha a real noção do que se tratava, mas fiz questão de dar o meu máximo no sentido de mostrar o meu trabalho / potencial como artista.	O que posso dizer é que os resultados superaram as nossas expectativas, mas quem poderá falar mais concretamente sobre os resultados é a Harmonia... Todavia devo referir que todos os resultados que estou a ter atualmente são provenientes do AME-CV. O que tenho partilhado com os meus colegas, que ainda estão indecisos e, que não sabem se vale a pena ou não participar. É que vale muito a pena...
CANTAUTORA, 29 ANOS, SANTIAGO	Através de uma publicação no jornal e através de uma palestra que foi feita aqui na Cidade da Praia, sobre o AME-CV	Fiz a minha própria inscrição.	Primeiro porque já tinha estado no WOMEX duas vezes. E, reparei que, no âmbito do WOMEX, o acesso aos profissionais da música não é fácil. Presumi que aqui em Cabo Verde, o contacto com os profissionais, seria muito mais acessível.	Por ser algo novo, não tinha grandes expectativas... tinha a consciência de que seria algo importante, devido à minha experiência anterior, mas optei por não criar expectativas.	Ainda que não tenha havido resultados internacionais, houve alguns nacionais.
CANTOR / COMPOSITOR, 33 ANOS, SAL	Foi através de um fórum sobre a música cabo-verdiana. Fui selecionado para a primeira edição e a participação no AME-CV abriu os meus horizontes e permitiu-me ter acesso a contatos que de outra forma não teria.	Fiz a minha própria inscrição.	Foi o facto de ter participado no fórum sobre a música de Cabo Verde, que me despertou a curiosidade sobre o AME-CV. Além da vontade de querer aprender mais e de abrir o meu horizonte.	Quando fiz a inscrição a minha expectativa principal era ser um dos selecionados, pois queria estar presente, de forma a poder conhecer mais o meio musical e o seu funcionamento.	Sobre resultados, o que posso dizer é que o facto de ter participado no AME-CV levou a aperceber-me mais sobre o funcionamento dos direitos de autor. Antes de participar não tinha as minhas músicas registadas e, atualmente faço parte da Sacem - sociedade de cobrança de direitos de autor. As minhas músicas passaram a ser tocadas na rádio, na Europa, o meu disco está à venda em plataformas digitais. Os resultados têm sido muito bons.

EVENTO								
ENTREVISTAS C/ ARTISTAS (AME-CV / SHOWCASES # 2013 # 1ª EDIÇÃO)	A equipa do AME-CV proporcionou-lhe as condições requeridas para a sua apresentação?	As condições disponibilizadas foram de encontro às suas expectativas?	Teve oportunidade de se reunir com profissionais internacionais (músicos, managers, produtores, promotores e outros)?	Ficou com uma lista de contactos internacionais?	Os contactos foram desenvolvidos no ambiente formal (speed meetings) ou informal (convívios)	Fechou contratos no âmbito do evento?	Teve acesso a informações que de outra forma não teria?	Participou noutras atividades (workshops, conferências entre outras) desenvolvidas pelo AME-CV?
RAPPER / VOCALISTA / COMPOSITOR, 28 ANOS, SÃO VICENTE	Sim, a todos os níveis, em termos técnicos por exemplo, foi excelente.	Não só foram de encontro às expectativas, como superaram-nas...	Sim, através dos speed <i>meetings</i> . Mas ainda não estava devidamente preparado. Este ano já estou mais bem preparado, já sei de antemão quem são os profissionais que estarão presentes, portanto já posso focar-me mais naqueles que vêm à procura daquilo que ofereço. Também tive a oportunidade de estar com outros profissionais internacionais. Penso que aqui em Cabo Verde o acesso a esses profissionais é muito mais fácil. Frequentamos os mesmos espaços e estamos em estreito contato com eles. Mas, devo confessar que pessoalmente não estava preparado para um evento desta dimensão e, muitos dos meus colegas, também confessaram o mesmo. Mesmo que tenhamos recebido informações por <i>email</i> com toda a explicação não é suficiente, é	Sim.	Nos dois.	Não.	Sim, tive acesso a uma rede de profissionais e de atividades, que de outra forma não seria possível. Existem festivais e mercados que nem tinha a noção de que existiam, mas dado à minha participação atualmente já sei. A partir do momento que fazemos a inscrição no AME-CV passamos a constar da base de dados dos mercados internacionais e, conseqüentemente, passamos a receber informações sobre outros mercados. Atualmente tenho conhecimento de festivais de <i>Hip Hop</i> que acontecem no mundo, na África continental principalmente,	Sim, estive presente nalgumas atividades do tipo.

			preciso participarmos no evento para percebermos realmente do que se trata.				que não fazia a mínima ideia que existiam.	
MULTI-INSTRUMENTISTA / COMPOSITOR, 51 ANOS, SÃO VICENTE	Sim, penso que proporcionaram as condições necessárias...	Sim, penso que sim.	Não, quem fez esse trabalho foi o meu manager.	Sim, o meu manager ficou com uma lista de contactos.	Através dos dois.	Nada até então...	Penso que nem todas as informações chegam a nós.	Não, fiz a minha apresentação e regresso logo de seguida a São Vicente.
CANTOR / COMPOSITOR, 31 ANOS, SAL	Sim, em relação às condições proporcionadas, foi excelente.	Sim, sem dúvida...	Não, como referi anteriormente viajei logo a seguir ao concerto...	Não.	Não.	Não.	Não. Gostaria de ter mais informações antes do evento para poder estar melhor preparado.	Não
CANTORA, 46 ANOS, SÃO VICENTE	Sim, o Ministério da Cultura sendo sensível ao facto de ser a primeira edição e aos fracos recursos financeiros da maioria dos músicos/artistas cabo-verdianos (eu inclusive), custeou as viagens e o alojamento dos artistas que residem noutras ilhas. E, nota que noutros mercados todos os custos são suportados pelos participantes...	Sim, completamente de encontro às minhas expectativas. Além de que ainda que tenha sido a primeira edição é de realçar que o AME-CV estava muito bem organizado, tanto do ponto de vista técnico (som, palco, luz...) como logístico.	Com certeza, dei algumas entrevistas e a minha <i>manager</i> teve a oportunidade de participar em speed meetings com o intuito de promover o meu trabalho.	Sim, ficámos com uma lista de contactos que se traduziu nos convites atrás referidos.	Sim, os três dias em que o AME-CV acontece são muito intensos e, naturalmente os contactos vão surgindo. Além dos speed meetings que são previamente agendados.	Sim, houve convites.	Sem dúvida, pois há uma série de informações a serem difundidas através das conferências, relacionadas com o mundo da música (como é que funciona o mundo da música, sobre edição, produção, espetáculo...) que são essenciais para a nossa atividade. Os profissionais internacionais de topo participam no AME-CV e partilham a sua larga experiência. Portanto, o AME-CV não se limita a fazer <i>showcases</i> , há também todo um processo de	Sim, participei e gostei imenso. As informações que são difundidas nessas atividades deixam-nos com uma bagagem maior.

							partilha e difusão da informação à volta do evento, que permite aos profissionais da música tomarem conhecimento do que se está a passar no mercado musical.	
CANTOR / COMPOSITOR, 25 ANOS, SANTIAGO	Não obstante o facto de ter sido o primeiro ano, penso que estava muito bem organizado.	Sem dúvida. Os profissionais que trabalham no AME-CV são na minha opinião os melhores que temos em Cabo Verde.	Sim, tive a oportunidade de reunir com alguns profissionais. Se me fosse possível, participaria no AME-CV todos os anos... o ambiente à volta do evento é bastante motivante!	Sim, além de ter ficado com uma lista de contactos tive a oportunidade de conhecer coisas novas...	Foram através dos <i>speed meetings</i> e de encontros informais, mas que na realidade quando se trata de negócio tornam-se de certo modo formais.	Não, as coisas ainda não avançaram para esse ponto.	Sim, sem dúvida... abri a minha visão em diferentes aspetos. Por exemplo, pensava que os profissionais da <i>world music</i> não estivessem interessados no género de música que eu faço, <i>zouk / pop</i> , mas estava completamente enganado. Há interesse em todos os géneros musicais, cada profissional vem à procura daquilo que lhe interessa e as possibilidades são vastas.	Sim, tive a oportunidade de assistir a algumas conferências bastantes interessantes. Penso que os artistas cabo-verdianos ainda não têm a consciência do potencial do AME-CV. Penso que este mercado é aquilo que estava a faltar na nossa música, no sentido de alcançar outros patamares.
GUITARRISTA / COMPOSITOR / DIRETOR MUSICAL, 36 ANOS, SÃO VICENTE	Claro. O AME-CV criou todas as condições para que pudéssemos participar. Até as viagens foram pagas pela organização, o que não acontece noutros mercados como no caso WOMEX, por exemplo.	Sim, como referi a organização fez todos os possíveis para que pudéssemos participar.	Sim, tive a oportunidade de reunir com alguns profissionais através de <i>speed meetings</i> .	Sim.	Não, foram só através dos <i>speed meetings</i> .	Não.	Sim, o facto de o AME-CV acontecer em Cabo Verde e, sobretudo associado ao WOMEX é excelente para os músicos cabo-verdianos. Caso contrário quem não dispõe de meios próprios e não tem um	Sim, geri os meus ensaios de forma a poder participar num dos <i>workshops</i> que me interessava muito.

							produtor com capacidade financeira para investir na sua carreira não terá a oportunidade de apresentar o seu trabalho a uma plateia de profissionais, como acontece no AME-CV.	
CANTORA, 28 ANOS, FOGO	Sim, estava tudo muito bom...	Sim, sem dúvida... até superaram as minhas expectativas.	Sim, tive essa oportunidade... houve um intercâmbio muito bom entre os profissionais.	Sim.	Mais do ponto de vista informal, nos convívios artísticos.	Sim, derivada à minha participação no AME-CV, houve convites para participar em festivais internacionais.	Sim, ajudou muito...	Sim, estive presente em alguns...
CANTAUTORA, 29 ANOS, SANTIAGO	Sim, foi muito bom...	Sim, foi muito bem organizado.	Sim, reuni com alguns... houve várias trocas de ideias e de contatos. Aqui em Cabo Verde o ambiente é mais informal, o que acaba por proporcionar outro tipo de acesso aos profissionais. Penso que a maioria dos meus colegas músicos não fazem ideia da sorte que é ter o AME-CV a acontecer em Cabo Verde. Penso que nós, os artistas cabo-verdianos, ainda não estamos preparados para tirar o maior proveito do AME-CV, ainda não há uma consciência da sua dimensão e potencial... De forma geral os nossos artistas ainda são bastante ingénuos.	Sim, sem dúvida...	Os meus contatos foram informais, pois dado ao facto de na altura não ter disco no mercado, optei por não participar em <i>speed meetings</i> .	Não.	Sim, fiquei com informação de produtores a que de outra forma seria mais difícil aceder. Um aspeto importante relativamente ao AME-CV é o facto de obrigar os artistas a serem mais competitivos, além de fomentar uma excelente troca de ideias e experiências. O AME-CV é algo muito positivo...	Sim, participei em <i>workshops</i> muito importantes, onde se abordaram temas bastante pertinentes que ajudam na profissionalização dos artistas.

CANTOR / COMPOSITOR, 33 ANOS, SAL	Esperámos sempre mais, mas a organização fez o que estava ao seu alcance.	Sim, foi bom...	Sim.	Sim, fiquei com uma lista de contactos.	Os dois. Devido ao facto de estarmos em contacto direto com os restantes profissionais, ao longo do AME-CV, isso possibilita-nos estabelecer contactos e uma certa proximidade.	Contrato propriamente dito, não... mas fiz bons acordos.	Sim, tive acesso a informações que de outra forma não teria. No AME-CV todas as pessoas / profissionais têm acesso às mesmas informações e, cada um faz delas o que bem entender. O AME-CV acaba por democratizar o acesso às informações, que normalmente são guardadas a sete chaves.	Sim, participei na maioria das conferências e <i>workshops</i> .
---	---	-----------------	------	---	---	--	---	--

PÓS-EVEMTO					
ENTREVISTAS C/ ARTISTAS (AME-CV / SHOWCASES # 2013 # 1ª EDIÇÃO)	Manteve os contactos feitos no âmbito do AME-CV?	Assinou contratos provenientes dos contactos feitos no AME-CV?	Recebeu convites internacionais após a sua participação no AME-CV?	Manteve o valor do seu <i>cachet</i> ou aumentou-o após a sua participação no AME-CV?	Outros aspetos relevantes não referidos antes?
RAPPER / VOCALISTA / COMPOSITOR, 28 ANOS, SÃO VICENTE	<i>O follow-up</i> , foi um dos aspetos que se veio a revelar fundamental. Este é um dos pontos que falhámos e que a experiência nos fez perceber... Respondendo corretamente à questão colocada há pouco, o que ganhei com a primeira edição AME-CV foi experiência. E, este ponto é fundamental, por exemplo agora já sei concretamente que passos devo dar.	Não.	Não.	Mantive, talvez se tivesse havido convites aumentaria...	É importante subirmos a fasquia e o nível de competitividade porque estamos a competir com artistas de topo a nível internacional. No meu caso particular, este ano subirei ao mesmo palco que uma artista que tenho como referência subirá, na qual me inspiro e estudo a sua forma de trabalhar no sentido de melhorar a minha performance em palco. Penso que não foi fácil conseguir criar uma atividade com a dimensão do AME-CV, portanto se quisermos tirar o maior proveito dele temos obrigatoriamente que subir a fasquia. O Ministério da Cultura está a fazer um enorme esforço com

					o intuito de dar a conhecer o AME-CV à comunidade artística / musical, mas penso que é preciso fazer um esforço ainda maior no sentido de consciencializar os músicos das potencialidades do AME-CV e da sua razão de ser, pois se há ainda uma falta de entendimento por parte do público e dos artistas relativamente ao AME-CV é sinal de que algo está a falhar.
MULTI-INSTRUMENTISTA / COMPOSITOR, 51 ANOS, SÃO VICENTE	Não tenho a certeza, mas penso que sim, pois faz parte das tarefas do <i>manager</i> .	Não.	Não.	Mantive o valor do <i>cachet</i> .	Penso que os nossos <i>managers</i> e produtores têm ainda muito que aprender no sentido de promover a nossa música e os nossos artistas, no plano internacional. O facto de o AME-CV trazer profissionais internacionais para o país já é muito bom, mas Cabo Verde ainda tem muito trabalho para fazer em termos da promoção da sua música. Temos de ter em conta que existe muita música de qualidade à volta do mundo, portanto é preciso muito trabalho para que a nossa se possa destacar. Temos uma música especial, mas que, infelizmente, ainda não está a ser divulgada da melhor forma.
CANTOR / COMPOSITOR, 31 ANOS, SAL	Não.	Não.	Não.	Sim, o valor do Cachet sofreu alteração, mas não foi devido à participação no AME-CV	Penso que o AME-CV é uma boa iniciativa, mas que exige uma certa capacidade financeira da parte do artista, o que nem sempre é possível.

CANTORA, 46 ANOS, SÃO VICENTE	Sim.	Sim.	Sim, os referidos anteriormente.	O <i>cachet</i> varia sempre de acordo com a dimensão do convite.	CANTOR / COMPOSITOR, 25 ANOS, SANTIAGO
CANTOR / COMPOSITOR, 25 ANOS, SANTIAGO	Sim.	Não.	Não.	Alterou, mas não foi devido ao AME-CV.	Penso que o ponto que merece ser realçado tem que ver com o facto de o AME-CV estar a potenciar a música de Cabo Verde e não só. Penso que Cabo Verde está a beneficiar do AME-CV em todos os aspetos, pois além de tudo é uma excelente forma de promover Cabo Verde.
GUITARRISTA / COMPOSITOR / DIRETOR MUSICAL, 36 ANOS, SÃO VICENTE	Logo ao início sim...	Não.	Não.	Mantive.	Penso que o AME-CV está em crescimento, mas devido à sua associação ao WOMEX, que é muito experiente nesta área, já está bastante sólido. Nós, os artistas, é que devemos nos esforçar mais no sentido da profissionalização e da excelência. Abrir a nossa visão, sem perder a nossa essência, claro. Mas é importante referir que os artistas cabo-verdianos não se encontravam preparados para tirar o maior benefício do AME-CV, até porque ao início não se estava a perceber do que o AME-CV realmente se tratava. Todavia penso que isto é um processo de aprendizagem.
CANTORA, 28 ANOS, FOGO	Sim.	Sim.	Sim.	Foi a partir do AME-CV que estabelecemos um <i>cachet</i> , porque antes fazia noites cabo-	Confesso que os artistas cabo-verdianos ainda não estão preparados para tirar o maior

				verdianas, nada de tamanha dimensão e importância.	proveito do AME-CV.
CANTAUTORA, 29 ANOS, SANTIAGO	Sim.	Não.	Não.	Mantive o valor.	Talvez, devesse haver sessões de preparação dos artistas / músicos cabo-verdianos, de modo a poderem tirar o máximo proveito do AME-CV. Todavia, penso também que os artistas devem ser mais curiosos e, irem à procura das informações, sobretudo hoje em dia em que se encontra quase tudo na internet.
CANTOR / COMPOSITOR, 33 ANOS, SAL	Sim.	Não.	Não, mas não tenho muita urgência nesse sentido.	Mantive o valor.	

Europass-Curriculum Vitae

Informação pessoal

Nome Irlando Ferreira

Correio eletrónico delgadoferreira.81@gmail.com

Nacionalidade Cabo-verdiana

Experiência profissional

Datas 2013 – 2014

Função ou cargo ocupado Produtor Executivo

Principais atividades e responsabilidades Responsável pelos espetáculos, “Os Idiotas” e “Lar Doce Lar” apresentados no Auditório dos Oceanos e pelos concertos semanais apresentados no Palco Multiusos - Casino Lisboa

Nome e morada do empregador UAU 3 – Teatro Lda – Casino Lisboa
Alameda dos Oceanos, Lt. 1.03.01 – Parque das Nações
1990-204 Lisboa
www.uau.pt

Tipo de empresa ou sector Produtora teatral

Datas 2013

Função ou cargo ocupado Coordenador de Produção

Principais atividades e responsabilidades Responsável pela orçamentação de projetos, a captação de financiamentos estruturais ou específicos, a negociação de produções, vendas e acolhimentos de espetáculos e outras atividades e o acompanhamento dos planos de trabalho.

Nome e morada do empregador Artistas Unidos
Rua Campo de Ourique, 120
1250-062 Lisboa
www.artistasunidos.pt

Tipo de empresa ou sector Companhia de teatro

Datas Julho - Dezembro 2011

Função ou cargo ocupado Artistic Coordinator – Assistant¹¹

Principais atividades e responsabilidades Membro da equipa de produção do Festival de Teatro, Classics Fest2011 e do espetáculo, *Peace in Our Time* de Nowel Coward (vencedor dos prémios: **Best Revival** Production of the Year – 2011 – LA Weekly & **Best Production** of the year – 2011 – by the **LA Times**).

Nome e morada do empregador The Antaeus Company
5114 Lankershim Blvd – North Hollywood, Los Angeles / California
www.antaeus.org

¹¹ Bolseiro do programa INOV-ART da DGArtes - programa de formação internacional para jovens, no domínio cultural e artístico.

Tipo de empresa ou sector	Companhia de teatro clássico
Datas	2010 até a atualidade
Função ou cargo ocupado	Gestor e Programador
Principais actividades e responsabilidades	Entre outras atividades, a OI-ART produziu: <i>Jus Soli</i> e o Workshop, <i>Danças de Kanizade</i> do Bailarino/Coreógrafo António Tavares no Centro Cultural de Belém (CCB), no âmbito do festival <i>CCB Fora de Si</i> ; Exposição de pintura: <i>Cor com Atitude</i> e <i>EXPRINTAR, Tchuva, Midj e Tambor</i> do artista plástico Cabo-verdiano, Kiki Lima (por muitos críticos e especialistas de Arte considerado o melhor pintor cabo-verdiano de sempre e um dos mais conceituados artistas africanos da atualidade) na Allartz Gallery e no Centro Cultural Malaposta; Concerto do guitarrista clássico Oswaldo Santos, no Teatro Taborda; Concerto do <i>rapper</i> cabo-verdiano, Batchart, no TMN ao VIVO; A peça de teatro, <i>Canjana</i> , da companhia de teatro cabo-verdiano, Juventude em Marcha no Teatro Villaret. Além de produção é também responsável pela gestão da carreira do guitarrista Oswaldo Santos.
Nome e morada do empregador	OI-ART Produções www.oartproducoes.org
Tipo de empresa ou sector	Produtora Cultural
Datas	2009 – 2011
Função ou cargo ocupado	Produtor e Gestor de Projetos
Principais actividades e responsabilidades	Membro do Departamento de Produção, sendo nomeadamente responsável pelo acompanhamento das várias produções, planeamento geral, elaboração de orçamentos, protocolos, contratos, planeamento, desenvolvimento de parcerias com empresas e outras entidades e acompanhamento/coordenação da logística inerente a digressões (viagens, alojamento, alimentação, transporte de materiais e transfers);
Nome e morada do empregador	Teatro da Trindade / Fundação INATEL Largo da Trindade 7ª 1200-466 Lisboa www.inatel.pt/trindadehome.aspx
Tipo de empresa ou sector	Fundação Privada de Utilidade Pública
Datas	Setembro a Dezembro 2008
Função ou cargo ocupado	Produtor e Gestor de Projetos ¹²
Principais actividades e responsabilidades	Produção executiva do “Projeto Emergentes” - <i>Film Noir</i> e <i>Geopolítica do Caos</i> . Participação em reuniões de produção destes projetos, vários contatos, elaboração de contratos, pedidos de classificações etárias e licenças de representação junto da IGAC. Acompanhamento das seguintes produções: <i>Menina Júlia, A Noite, August Osage County</i> e <i>Harper Regan</i> .
Nome e morada do empregador	Teatro Nacional D. Maria II, E.P.E Praça D. Pedro IV 1100-201 Lisboa www.teatro-dmaria.pt
Tipo de empresa ou sector	Empresa Pública Empresarial
Datas	Junho – Setembro 2008
Função ou cargo ocupado	Produção Executiva

¹² Estágio – coordenação de Conceição Cabrita

Principais atividades e responsabilidades	Elaboração de contratos, planificação, contacto, transporte, alojamento, <i>transfers</i> e alimentação dos elementos dos grupos musicais: Cesária Évora, Steel Pulse e Cabo Verde Show nos Festivais: Baía das Gatas (Festival Internacional de música) na ilha de São Vicente, Cabo Verde e Santa Maria ilha do Sal, Cabo Verde (Festival Internacional de música). Paralelamente foi responsável pela coordenação logística, <i>backstage management</i> e <i>transfers</i> dos grupos musicais do Festival de Santa Maria.
Nome e morada do empregador	3B Produções de Cabo Verde Chan de Alecrim 490 São Vicente / Cabo Verde
Tipo de empresa ou sector	Produtora de eventos
Datas	2006 – 2005
Função ou cargo ocupado	Assistente de Produção
Principais atividades e responsabilidades	Planeamento, acompanhamento e montagem de vários projetos culturais, nomeadamente, exposições de pintura de Kiki Lima, concertos e espetáculos para empresas.
Nome e morada do empregador	Kaza D`Ajinha, Turismo e Cultura Avenida 5 de Julho, nº 27, Mindelo Mindelo / Cabo Verde
Tipo de empresa ou sector	Empresa / Turismo e Cultura

Educação e formação

Datas	Setembro 2012 – Setembro 2014
Designação da qualificação atribuída	Mestrando em Gestão e Estudos da Cultura – Ramo de Gestão Cultural (<i>a aguardar a defesa</i>)
Principais disciplinas/competências profissionais	Gestão Cultural, Teorias da Cultura, Contabilidade e Finanças para Organizações Culturais, Marketing cultural, Receção, Fruição e Públicos da Cultura, Controlo de Gestão para Organizações Culturais e Organizações, Profissões e Criatividade.
Nome e tipo da organização de ensino ou formação	ISCTE-IUL – Instituto Universitário de Lisboa www.iscte-iul.pt
Datas	Outubro 2006 – Julho 2009
Designação da qualificação atribuída	Licenciatura em Teatro – Ramo de Produção Cultural – Média Final: 15 valores
Principais disciplinas/competências profissionais	Produção, Gestão Cultural, Sociologia de Público, Marketing e Comunicação, Direito, Práticas Teatrais, Técnicas Teatrais, História da Arte, História do Teatro, Literatura Dramática.
Nome e tipo da organização de ensino ou formação	Escola Superior de Teatro e Cinema www.estc.ipl.pt
Datas	Outubro de 2001 – Julho de 2003
Designação da qualificação atribuída	3º Ciclo do Ensino Secundário (11º e 12º Anos de escolaridade)

Principais disciplinas/competências profissionais	Filosofia, Psicologia e Direito
Nome e tipo da organização de ensino ou formação	Escola Secundária José Augusto Pinto

Seminários / Conferências

Datas	2014
Título da conferência	Concerto de Ideias: Economia da Cultura e Cultura da Economia com António Pinho Vargas, Manuel Caldeira Cabral, Manuel Rocha, Manuel St. Aubyn e António Pinto Ribeiro
Datas	2012
Título do Seminário	As 12 Irrefutáveis Leis do Empreendedor , Business Coach, Paulo Machado da empresa New World Smart Events. Lisboa, (2012); Instituto Português da Juventude
Datas	2010
Título do Seminário	Gestão Cultural com Michael Kaiser, Presidente do Kennedy Center for the Performing Arts (E.U.A.), Lisboa, Centro Cultural de Belém Criação e Formação de Públicos com Carlo Torresani, director do Departamento de Promoção e Público do <i>Teatro La Scala di Milano</i> (Itália), Lisboa, Teatro São Luiz Como promover a mobilidade e a internacionalização dos agentes culturais? com António Pinto Ribeiro, Kalaf Ângelo, Vera Mantero, João Brites e representantes de várias organizações internacionais que promovem a mobilidade. Lisboa, 2010, Centro Cultural de Belém

Aptidões e competências pessoais

Língua materna | oficial **Crioulo de Cabo Verde | Português**

Outra(s) língua(s)

Auto-avaliação

Nível europeu (*)

Inglês

Francês

Compreensão				Conversação				Escrita	
Compreensão oral		Leitura		Interação oral		Produção oral			
C2	Utilizador Experiente	C2	Utilizador Independente	C2	Utilizador Experiente	C1	Utilizador Experiente	C1	Utilizador Independente
B2	Utilizador Independente	B2	Utilizador Independente	B2	Utilizador Elementar	B1	Utilizador Elementar	B1	Utilizador Elementar

(*) [Nível do Quadro Europeu Comum de Referência \(CECR\)](#)